



**Universidade de
Aveiro**
Ano 2017

Departamento de Educação e Psicologia

**Maria Miguel
Moreira da Silva**

**O jogo e a diversidade linguística e cultural
na Educação Pré-Escolar**



Universidade de Aveiro Departamento de Educação e Psicologia
Ano 2017

**Maria Miguel
Moreira da Silva**

O jogo e a diversidade linguística e cultural na Educação Pré-Escolar

Relatório de Estágio apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, realizado sob a orientação científica da Doutora Ana Carlota Teixeira de Vasconcelos Lloyd Braga Fernandes Tomaz, Professora Auxiliar do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro.

Aos meus pais pelo apoio...

o júri
presidente

Doutora Maria Gabriela Correia de Castro Portugal,
Professora Associada da Universidade de Aveiro

Doutora Ana Sofia Reis de Castro e Pinho,
Professora Auxiliar da Universidade de Lisboa - Instituto de Educação
(arguente)

Doutora Ana Carlota Teixeira de Vasconcelos Lloyd Braga Fernandes Tomaz,
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro (orientadora)

agradecimentos

A realização deste trabalho não seria possível sem o apoio incondicional de várias pessoas. Deixo o meu agradecimento profundo às pessoas que me ajudaram a tornar este sonho uma realidade.

À minha orientadora, Professora Ana Carlota Tomaz, pela amizade, pela partilha de conhecimentos, pela excelente orientação e pela confiança que depositou em mim e neste trabalho.

À Professora Filomena Martins, à Professora Ana Isabel Andrade e à Professora Ana Raquel Simões, pela amizade, pela motivação e por todos os momentos de partilha que me fizeram crescer a nível pessoal e profissional.

À minha mãe, Alzira, pelo enorme sacrifício que fez, pelo amor, pelo constante incentivo, por nunca me ter deixado ir abaixo, pela paciência e pelo excelente exemplo de vida transmitido.

Ao meu pai, José, pelo apoio incondicional transmitido ao longo deste percurso, por sempre me apoiar nas minhas decisões.

Aos meus amigos, pela paciência, pela força, pela motivação mas principalmente pela compreensão em tantos momentos de ausência.

À Letícia, pela amizade, pelo perfeccionismo, pela partilha de saberes e por ter tido o prazer de partilhar com ela este ano. Foram momentos de muita angústia mas as duas conseguimos superar as dificuldades e construir um projeto que nos encheu o coração.

À minha família do Norte, pela preocupação demonstrada em que este trabalho decorresse da melhor forma, pela hospitalidade nas escapadinhas durante este árduo ano, pela ajuda preciosa na revisão dos textos.

palavras-chave

sensibilização à diversidade linguística e cultural; consciência fonológica plurilingue; cultura linguística; jogo

resumo

O presente relatório visa cumprir os requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. No âmbito do mesmo apresentamos o projeto de intervenção e de investigação desenvolvido no âmbito da Prática Pedagógica Supervisionada e no qual analisamos, a questão da importância da sensibilização à diversidade linguística e cultural em articulação com o jogo, junto de crianças em idade Pré-Escolar. Este projeto de SDLC foi desenvolvido em díade sendo que cada elemento aprofundou um aspeto específico. Portanto um dos elementos focou-se na dimensão cultural e no desenvolvimento da educação intercultural e nós direccionamos a nossa atenção para a dimensão linguística e na construção de uma consciência fonológica plurilingue, e, por essa via, no desenvolvimento da cultura linguística das crianças através do jogo. Este projeto foi realizado com um grupo de crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, que participaram num projeto de sensibilização à diversidade linguística e cultural, intitulado “Viagem pelo mundo do jogo da Macaca”. O projeto é constituído por catorze sessões e segue a metodologia de trabalho por projeto.

Este estudo trata-se de uma investigação qualitativa do tipo investigação-ação, baseando-se no desenvolvimento de um projeto realizado com um grupo de um Jardim de Infância, que procurou articular a abordagem da sensibilização à diversidade linguística e cultural com o jogo enquanto estratégia pedagógico-didático.

Após a análise e interpretação dos resultados recolhidos através da observação direta e das videografações concluímos que ao dar às crianças a possibilidade de contactarem com línguas diferentes da sua, possibilitando que estas identifiquem palavras que não fazem parte do seu repertório, que estabeleçam comparações interlinguísticas e encontrem semelhanças e diferenças entre línguas diferentes, conseguimos promover o desenvolvimento do seu repertório linguístico e por sua vez, o desenvolvimento da consciência fonológica plurilingue e a construção de uma cultura linguística. No que diz respeito ao jogo, este é um ótimo recurso para promover várias competências, nomeadamente, por se tratar de um meio estimulante e motivante, levando as crianças a explorar novas palavras e novos aspetos culturais.

Estes resultados evidenciam as potencialidades da educação para a diversidade, assente nas abordagens plurais na educação de infância, nomeadamente, as SDLC, através do jogo, contribuindo assim para a formação de crianças preparadas para viver em sociedades cada vez mais multilingues e multiculturais.

keywords

awareness to language and cultural diversity; plurilingual phonological awareness; linguistic culture; game

abstract

This report has the purpose to fulfill the requirements needed to obtain the Master's Degree in Preschool Education and 1st Cycle of Basic Education. In this context, we present the project of intervention and research developed in the area of Supervised Pedagogical Practice, and in which we analyze the issue of the importance of awareness to linguistic and cultural diversity in articulation with games, near children of preschool age.

This SDLC project was developed in partnership, as so each element has deepened a specific aspect. Therefore one of the elements focused on the cultural dimension and the development of the intercultural education and we headed our attention on the linguistic dimension and in the construction of a multilingual phonological awareness, and, by these means, on the development of children's linguistic culture through the game. The project was accomplished with a children's group between the ages of 3 and 6, who participated in a project to raise awareness to the linguistic and cultural diversity, entitled "Journey through the Game World of Macaca". The project consists in fourteen sessions and follows the methodology of work by project.

This study is a qualitative investigation of the action-research type, based on the development of a project carried out with a Kindergarten group, which searched to articulate the approach of awareness to linguistic and cultural diversity with the game as a pedagogical-didactic strategy.

After the interpretation and analysis of the obtained results through direct observation and video recordings we conclude that by giving children the possibility of contacting with languages other than their own, allowing them to identify words that are not part of their repertoire, to establish interlinguistic comparisons and to find similarities and differences between different languages, we are able to promote the development of their linguistic repertoire and, on the other hand, the conscious development of plurilingual phonological and the construction of a linguistic culture. Concerning to the game, this is a great resource to promote several skills, namely, because it is a stimulating and motivating mean, leading children to explore new words and new cultural aspects.

These results highlight the potentials of diversity education, based on plural approaches in early childhood education, namely, the SDLC, through the game, as so contributing to the children's education prepared to live in increasingly more multilingual and multicultural societies.

Índice Geral

Índice de Quadros	3
Índice de Figuras	3
Índice de Anexos	4
Lista de Abreviaturas	4
Introdução Geral	5
 Capítulo I - Sensibilização à Diversidade Linguística e Cultural na Educação	
Pré-Escolar	13
Introdução	15
1.1 Abordagens plurais: sensibilização à diversidade linguística e cultural	15
1.2 SDL, consciência fonológica e cultura linguística	19
a) Cultura linguística	20
b) Competência plurilingue	21
c) Consciência fonológica	23
d) Consciência fonológica plurilingue	24
1.3 Atividades para a sensibilização à diversidade linguística	25
Síntese	26
 Capítulo II - O jogo e a sensibilização à diversidade linguística e cultural	
Introdução	31
2.1 A atividade lúdica: o brincar e o jogo	31
2.2 A importância do jogo na Educação Pré-Escolar	34
2.3 O jogo e a linguagem	35
2.4 O jogo na sensibilização à diversidade linguística e cultural	37
Síntese	38
 Capítulo III - Orientações metodológicas e apresentação do projeto de intervenção e de investigação	
Introdução	41
3.1 Apresentação do projeto de intervenção e de investigação	41

3.1.1 Caracterização do contexto de intervenção	41
3.1.2 Inserção curricular do projeto	43
3.1.3 Organização e intervenção	45
3.1.4 Descrição do projeto “Viagem pelo mundo do jogo da macaca”	46
3.2 Procedimentos metodológicos: investigação-ação	58
3.2.1 Técnicas e instrumentos de recolha de dados	60
3.2.1.1 A observação do tipo participante e as gravações de áudio e vídeo das sessões	61
3.2.1.2 Produtos das crianças	62
3.2.1.3 Inquérito por questionário às famílias	62
Síntese	63
Capítulo IV – Apresentação e análise dos dados recolhidos	65
Introdução	67
4.1 Metodologia de análise de dados: Análise de conteúdo	67
4.1.1 Categorias de análise	69
4.2 Apresentação e análise dados recolhidos	72
4.2.1 Dimensão Socioafetiva/Atitudinal	72
4.2.2 Dimensão Capacidades (Cultura linguística)	76
4.3 Síntese dos resultados obtidos	84
Conclusão	87
Bibliografia	95
Anexos	107

Índice de Quadros

Quadro 1 – Objetivos de formação e de investigação	10
Quadro 2 – Mapa de planeamento do projeto	45
Quadro 3 - Atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “Viagem pelo Mundo do jogo da macaca”	47
Quadro 4 – Categorias e subcategorias de análise	69
Quadro 5 – Categoria 1 – Dimensão Socioafetiva/Atitudinal	70
Quadro 6 – Categoria 2 – Dimensão Capacidades (Cultura linguística)	71
Quadro 7 – Excertos das respostas aos questionários entregues aos pais	79

Índice de Figuras

Figura 1 - Abordagens plurais	17
Figura 2 – Mapa de planeamento do projeto (sobre como se joga ao jogo da macaca nos outros países)	48
Figura 3 – As crianças a jogarem ao jogo da macaca	49
Figura 4 – Mapa de planeamento do projeto (sobre a forma como se diz “jogo da macaca” nos outros países)	50
Figura 5 – Árvore linguística de grupo	50
Figura 6 – O pai a ensinar as crianças a jogar à “La Marelle”	51
Figura 7 - As crianças a fazerem a corresponder a palavra “jogo” à respetiva bandeira	51
Figura 8 - As crianças a colocarem as sílabas e as respetivas letras das palavras ...	52
Figura 9 – As nossas descobertas	52
Figura 10 – A mãe da criança nigeriana a explicar como se jogava ao “Suwe”	53
Figura 11 - As crianças a jogarem à “Tapa”	54
Figura 12 - As crianças a fazerem a correspondência entre a palavra “jogo da macaca”, nas diferentes línguas, e a respetiva bandeira	54
Figura 13 – A mãe das crianças venezuelanas a explicar como se jogava ao “Avioncito”	55
Figura 14 - As crianças a jogarem ao jogo da macaca na China	56

Figura 15 - As crianças a jogarem ao jogo da memória	56
Figura 16 – As crianças a jogarem no exterior	57
Figura 17 – As crianças fazerem atividades de correspondência gráfica	58
Figura 18 – As crianças a fazerem atividades de correspondência gráfica	58

Índice de Anexos

Anexo 1 – Notas de campo	108
Anexo 2 – Quadro síntese da organização e tratamento dos dados	116
Anexo 3 – Transcrições das áudio e vídeogravações	119
Anexo 4 – Questionário entregue aos pais	213
Anexo 5 – Tratamento dos dados dos questionários entregues aos pais	215

Lista de Abreviaturas

PPS – Prática Pedagógica Supervisionada
SOE – Seminário de Orientação Educacional
SDLC – Sensibilização à Diversidade Linguística e Cultural
SDL – Sensibilização à Diversidade Linguística
OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

Introdução Geral

O presente Relatório de Estágio surge no âmbito da Unidade Curricular de Prática Pedagógica Supervisionada, para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Neste Relatório de Estágio apresentamos o projeto de intervenção e de investigação que decorreu da articulação das Unidades Curriculares de Prática Pedagógica Supervisionada (PPS) e de Seminário de Orientação Educacional (SOE). Assim, e num primeiro momento, fizemos um aprofundamento teórico acerca da sensibilização à diversidade linguística e cultural e o jogo, que sustentou o nosso trabalho (capítulos I e II deste relatório) e, num segundo momento, procedeu-se à conceção, implementação e avaliação do projeto de intervenção e de investigação (capítulos III e IV deste relatório), desenvolvido com um grupo de crianças de um jardim-de-infância de um Agrupamento de Escolas do distrito de Aveiro.

Nos dias de hoje, o contacto entre povos, culturas e línguas diferentes é cada vez maior e por isso é importante estarmos atentos à diversidade que nos rodeia, adotando novas perspetivas e novos modos de agir perante essa diversidade. Uma vez que vivemos em sociedades cada vez mais diversificadas a nível linguístico e cultural, graças aos fluxos migratórios que têm vindo a aumentar, é natural que toda esta diversidade seja visível nos contextos educativos, tornando-se *necessário elaborar planos e programas de estudo multiculturais e plurilinguísticos, fundados na multiplicidade de pontos de vista e inspirando-se em histórias e culturas de todos os grupos da sociedade* (UNESCO, 2009, p. 16).

Na nossa perspetiva, o educador/professor tem de aprender a lidar com esta diversidade que caracteriza a população escolar, tanto a nível cultural como linguístico. É importante que a escola integre o *ensino de línguas nacionais, locais/regionais e internacionais nos seus planos e programas de estudo oficial [...], ter esse objetivo em mente é fundamental para a preservação da diversidade linguística e o fomento da atividade intelectual* (UNESCO, 2009, p. 16). Posto isto, a escola deve começar a desenvolver novas formas de socialização, preparando as crianças para lidarem com sociedades cada vez mais multilingues e multiculturais, adotando atitudes de respeito e de abertura face ao Outro e à diferença e olhando para esta diferença como um enriquecimento.

A sensibilização à diversidade linguística e cultural (SDLC) é uma abordagem didática que facilita a inclusão das crianças numa sociedade cada vez mais heterogénea. É

nos primeiros anos da infância que a criança começa a desenvolver a linguagem, a competência social, emocional e física. Portanto, este desenvolvimento tem um grande impacto na forma de estar das crianças, sendo crucial que a criança comece desde cedo a ter a oportunidade de contactar com outras línguas e culturas, desde que este contacto tenha sentido para a própria e assuma um carácter lúdico e informal (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016). Desta forma, é importante que o educador/professor proporcione às crianças um conjunto de atividades que visem o contacto com outras línguas e culturas, desenvolvendo nas mesmas competências pessoais, sociais, culturais e linguísticas que são essenciais para a sua inclusão na sociedade.

Assim, o jogo é uma estratégia didática e pode ser um meio para as crianças desenvolverem essas competências referidas anteriormente. Com efeito, o jogo, enquanto proposta de atividade pensada para a criança, traz bastantes benefícios para a própria, tornando as aprendizagens a realizar mais motivadoras. Para além de ser uma necessidade das crianças é através dele que as mesmas se expressam e comunicam com o mundo que as rodeia. Como Friedmann (1996) refere, o jogo pode representar um *espelho*, ou seja, pode ser uma fonte de dados para o educador, permitindo-lhe compreender melhor como é que a criança se está a desenvolver. Logo, importa que os educadores/professores concebam atividades que incluam o jogo, uma vez que todas as crianças em todas as culturas jogam e brincam e, ao mesmo tempo que brincam, estão a construir conhecimento acerca do mundo que as rodeia.

Segundo o quadro organizacional da componente de Prática Pedagógica Supervisionada, os estudantes são organizados em díades, sendo estes supervisionados por um Orientador da Universidade de Aveiro em articulação com um orientador cooperante (pertencente a um contexto educativo protocolado com a Universidade de Aveiro). Cada díade tem a oportunidade de experienciar dois contextos diferentes - num semestre em contexto de escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico e noutro semestre em contexto de Educação Pré-Escolar. No nosso caso, no primeiro semestre realizámos a PPS em contexto de escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico, numa turma do 2.º ano de escolaridade, já no segundo semestre realizámos a PPS em contexto de Educação Pré-Escolar, onde implementámos o nosso projeto de intervenção e de investigação que apresentamos neste relatório, conforme já referimos.

Neste sentido o nosso projeto foi desenvolvido com um grupo de crianças de um jardim-de-infância de um Agrupamento de Escolas do distrito de Aveiro. Este grupo de crianças era caracterizado por uma grande diversidade linguística e cultural, levando-nos a refletir sobre a importância de desenvolver um projeto junto das crianças no âmbito da SDLC em articulação com o jogo.

Na primeira fase de intervenção da Unidade Curricular de PPS, “Observação do contexto educativo e caracterização da realidade pedagógica”, que se realizou entre os dias 23 de janeiro e 08 de fevereiro de 2017, e tendo como objetivo caracterizar o contexto educativo onde iríamos intervir, a nossa orientadora cooperante deu início a um projeto sobre as brincadeiras e jogos tradicionais, intitulado “Jogos de Antigamente! Querem descobrir connosco?”. O objetivo deste projeto era descobrir quais os jogos e as brincadeiras que os pais, mães, irmãos/irmãs, e outros familiares, costumavam jogar e brincar quando eram crianças e aprender alguns desses jogos e brincadeiras. Ao longo do desenvolvimento deste projeto fomos verificando que um dos jogos tradicionais que foi mais referido pelas crianças era o jogo da macaca e considerámos que seria pertinente partir deste jogo para desenvolvermos um projeto de sensibilização à diversidade linguística e cultural com as crianças, intitulado “Viagem pelo Mundo do jogo da macaca”.

Neste sentido este projeto de intervenção e de investigação visava fomentar o gosto por outras línguas e culturas através do jogo e foi desenvolvido pelos dois elementos da diáde, sendo que cada elemento aprofundou um aspeto específico da SDLC. Assim, um dos elementos focou-se mais na dimensão cultural e na promoção de uma Educação Intercultural junto de crianças em contexto de Educação Pré-Escolar (Letícia Pestana Gomes¹) e o outro elemento (o nosso caso) direcionou a sua atenção para a dimensão linguística e para a construção de uma consciência fonológica plurilingue, e, por essa via, no desenvolvimento da cultura linguística das crianças através do jogo (Maria Miguel Silva).

Tendo em conta o que foi referido anteriormente, com este projeto pretendíamos compreender de que modo é que poderíamos sensibilizar as crianças do Pré-Escolar para a diversidade linguística e cultural através do jogo da macaca e definimos os seguintes objetivos gerais:

- I. Integrar as crianças num mundo cada vez mais multilingue e multicultural;

¹ Brincar com a diversidade linguística e cultural na Educação Pré-Escolar

- II. Consciencializar para a importância da aceitação do Outro linguisticamente e culturalmente diferente;
- III. Desenvolver atitudes positivas e de abertura face à diversidade linguística e cultural;
- IV. Alargar o repertório linguístico-comunicativo das crianças através do jogo da macaca;
- V. Integrar as famílias na implementação das atividades.

Face ao mencionado anteriormente, definimos para o nosso projeto de intervenção e de investigação a seguinte questão: “De que modo as atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “Viagem pelo Mundo do jogo da macaca” contribuem para a construção de uma consciência fonológica plurilingue, e, por essa via, para o desenvolvimento da cultura linguística das crianças do Pré-Escolar?”

Para tal definimos os seguintes objetivos:

Quadro 1 – Objetivos de formação e de investigação

Objetivos de formação	<ul style="list-style-type: none"> • Dar a conhecer a designação do jogo da macaca noutras línguas; • Consciencializar para as diferenças existentes ao nível do som e da grafia das palavras associadas ao jogo da macaca; • Jogar jogos de linguagem
Objetivo de investigação	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar e analisar os efeitos das atividades desenvolvidas tendo por base o jogo da macaca, na construção de uma consciência fonológica plurilingue, e por essa via, no desenvolvimento da cultura linguística das crianças.

Relativamente à organização do Relatório, este encontra-se dividido em quatro capítulos, sendo que na primeira parte encontram-se os capítulos I e II, onde fundamentamos teoricamente a problemática deste projeto e a segunda parte diz respeito ao projeto de intervenção e de investigação que abrange os capítulos III e IV.

No primeiro capítulo, *Sensibilização à Diversidade Linguística e Cultural na Educação Pré-Escolar*, iremos relacionar a SDLC com as abordagens plurais, explicitando o conceito em questão e os benefícios que poderá proporcionar às crianças. De seguida,

iremos incidir a nossa atenção sobre os benefícios da SDLC na construção de uma consciência fonológica plurilingue, e, por essa via, no desenvolvimento da cultura linguística das crianças. Por último, faremos uma reflexão sobre as atividades didáticas que são utilizadas na sensibilização à diversidade linguística, incluindo o jogo.

No segundo capítulo, denominado *O jogo e a sensibilização à diversidade linguística e cultural*, vamos apresentar o conceito de jogo, salientando a importância do jogo em contexto pedagógico. Por fim, damos ênfase aos jogos de linguagem na SDLC.

No que diz respeito ao terceiro capítulo, *Orientações metodológicas e apresentação do projeto de intervenção e de investigação*, começamos por fazer uma apresentação do projeto de intervenção e de investigação, procedendo-se a uma inserção curricular do tema. Posteriormente faremos uma caracterização do contexto onde implementámos o projeto e, por fim, apresentaremos a descrição das sessões de intervenção. De seguida, iremos centrar a nossa atenção nas orientações metodológicas do projeto de intervenção e de investigação, apresentando as opções metodológicas de forma fundamentada e explicitando a questão de investigação, bem como os objetivos investigativos do mesmo, e as técnicas e os instrumentos de recolha de dados.

Relativamente ao quarto capítulo, *Apresentação e análise dos dados recolhidos*, iremos começar por apresentar a metodologia de análise de dados em que o nosso projeto se sustenta, a análise de conteúdo, passando depois para a clarificação das categorias e subcategorias de análise nas quais organizámos os dados que recolhemos e, por fim, passaremos à análise dos dados e discussão dos resultados, fazendo uma breve síntese dos resultados obtidos.

No final, apresentaremos a nossa reflexão/balanço sobre o nosso percurso a nível pessoal e profissional.

Capítulo I – Sensibilização à Diversidade
Linguística e Cultural na Educação Pré-Escolar

Introdução

No primeiro capítulo deste Relatório iremos focar a nossa atenção na importância de introduzir a temática da diversidade linguística e cultural nos primeiros anos de escolaridade, procurando definir o conceito de diversidade linguística e cultural.

De seguida iremos realçar o papel da escola, junto das crianças, no desenvolvimento de competências (i) cognitivas, à medida que as mesmas vão descobrindo uma pluralidade de línguas e culturas; (ii) afetivas, tornando as crianças mais abertas à diversidade e (iii) sociais, possibilitando uma melhor integração das crianças numa sociedade cada vez mais diversificada a nível linguístico e cultural, permitindo-lhes viver em pleno na comunidade a que pertencem.

Depois de referir as variadas vantagens da aprendizagem de línguas iremos compreender como é que esta aprendizagem pode contribuir para a construção de uma consciência fonológica plurilingue, e, por essa via, para o desenvolvimento da cultura linguística das crianças. No final será apresentada uma breve caracterização de materiais e atividades que podem ser utilizados em atividades que promovam a SDLC.

1.1 Abordagens plurais: sensibilização à diversidade linguística e cultural

Atualmente Portugal acolhe várias pessoas de diferentes culturas, conduzindo a uma maior diversidade linguística e cultural.

Esta diversidade linguística e cultural que observamos hoje é reflexo da globalização, dos avanços tecnológicos, do livre acesso à informação e da maior mobilidade dos cidadãos (Lourenço & Andrade, 2011), possibilitando a convivência entre povos de diferentes línguas e culturas e permitindo o contacto com essa diversidade. Nesta perspetiva, esta convivência só é possível a partir do respeito, da valorização e da abertura face à diversidade linguística e cultural.

Seguindo esta linha de pensamento, para construir uma sociedade melhor é importante sensibilizar para a diversidade linguística e cultural, proporcionando o desenvolvimento de atitudes de abertura, de respeito e de solidariedade face à diversidade e motivando e criando o interesse nas crianças em aprender outras línguas e culturas.

Face ao exposto anteriormente, hoje em dia, a educação é confrontada com múltiplas diversidades, constituindo-se como um dos grandes desafios que atualmente a escola tem de enfrentar. Sendo a escola um dos locais que promove o acesso ao conhecimento do mundo e à diversidade nele existente é necessário que a mesma esteja sensível e aberta às diferentes línguas e culturas existentes na sociedade, garantindo a qualidade e a igualdade de oportunidades para todas as crianças.

Por isso importa repensar o ensino de línguas como uma forma de desenvolver uma competência comunicativa plurilingue e intercultural. Neste sentido é necessário abrir as portas a outras maneiras de olhar, ver e interpretar o mundo e a diversidade que nos rodeia.

Portanto, ao potenciar a SDLC na escola estamos *a nutrir a interpretação particular que cada sujeito tem sobre si mesmo, a motivar sentimentos de empatia e de abertura face a povos de origens diferentes e a encorajá-lo a um olhar crítico face a preconceitos vários* (Marinho, 2004, p. 44).

A SDLC leva à consciencialização e à aceitação da diferença, através de um contacto de línguas e culturas variadas, sendo um ótimo instrumento para a integração das crianças numa sociedade cada vez mais heterogénea. Logo, o educador/professor deve valorizar e promover a multiculturalidade e a interculturalidade existente no seu grupo, criando condições para que as crianças contactem com outras línguas e que conheçam outras culturas.

Quando a criança contacta com diferentes línguas e culturas quebra barreiras sociais que a conduzem a um maior conhecimento de si própria, da sua cultura e do Outro. Aprender línguas e conhecer as culturas nas quais estão inseridas contribui em grande escala para a formação global do indivíduo (Andrade, 1997). As crianças que têm contacto com línguas estrangeiras, prematuramente, são capazes de compreender mais facilmente o sistema linguístico da sua língua materna. Com efeito, e conforme refere Coelho (2007, p. 23), *a criança conhecedora de outras línguas e culturas desenvolve as suas capacidades de atenção e agilidade intelectual, bem como alarga o seu horizonte cultural, construindo sentimentos de respeito, tolerância, compreensão e curiosidade em relação ao Outro e a si próprio.*

Como já foi referido anteriormente, perspectiva-se uma mudança no método de ensino de línguas, tentando incluir mais línguas em contexto escolar. Neste sentido, pretende-se que se comece a dar mais importância às línguas faladas em casa pelas crianças, às línguas

estrangeiras que as rodeiam e à língua de escolarização como ferramentas linguísticas valiosas a explorar e a desenvolver.

Desta forma transitamos de uma abordagem singular para uma abordagem plural, sendo esta última entendida como uma abordagem didática que pode contribuir de forma significativa na educação para a diversidade linguística e cultural. Para atingir o objetivo do nosso projeto de intervenção e de investigação desenvolvemos atividades de ensino e aprendizagem que envolvem mais do que uma língua ou cultura (Candelier, 2007, in Lourenço & Andrade, 2011, p. 336).

As abordagens singulares pretendem desenvolver uma competência comunicativa numa língua específica, tendo como modelo um falante nativo. Por sua vez, as abordagens plurais visam o desenvolvimento do repertório linguístico-comunicativo dos falantes e a construção de uma competência plurilingue e intercultural ao longo da vida de forma dinâmica e evolutiva (Lourenço, 2013).

Segundo, Candelier (2008) e Candelier et al. (2007) existem quatro tipos de abordagens plurais, conforme podemos observar na Figura 1: a didática integrada, a abordagem intercultural, a intercompreensão e a sensibilização à diversidade linguística (SDL) que derivam de diferentes evoluções da didática até aos dias de hoje.

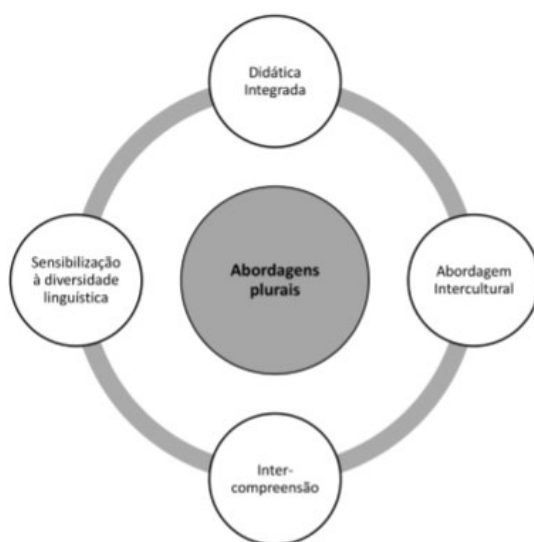


Figura 1 – Abordagens plurais (Adaptado de: Lourenço 2013).

A SDL parte dos conhecimentos prévios das crianças sobre a sua própria língua, possibilitando a comparação, a análise e a reflexão sobre os outros sistemas linguísticos, e a

troca de saberes entre as crianças, os educadores/professores e a comunidade. Ao realizarmos atividades de SDL desenvolvemos nas crianças atitudes positivas face ao Outro, reconhecendo o valor das línguas como peças fundamentais na construção plural da identidade pessoal e na sustentabilidade do mundo.

Nos dias de hoje, a SDL assume um papel muito importante na educação nos primeiros anos de escolarização, uma vez que pode reforçar as aprendizagens na língua materna ou na língua de escolarização, promovendo um ensino plurilingue e permitindo que as crianças tomem consciência relativamente às línguas e culturas que existem, descobrindo outros modos de viver, fomentando o desenvolvimento de atitudes essenciais para (con)viver em sociedades multilingues e multiculturais.

Das abordagens plurais conhecidas, a SDL consiste em criar um conjunto de atividades que leve as crianças a contactar com diferentes línguas e culturas e por isso é essencial educar para diversidade desde os primeiros anos de escolaridade através de novas metodologias que *motivem as crianças para a aprendizagem de línguas, desenvolvam as suas competências comunicativas, cognitivas e (meta) linguísticas e as preparem para a experiência da alteridade em sociedades multilingues e multiculturais* (Lourenço & Andrade, 2011, p. 336).

Segundo Martins (2008, p. 175), o objetivo da SDL

passa pelo desenvolvimento do interesse pelas línguas e culturas, da curiosidade para com elas, da confiança do aprendente nas suas próprias capacidades de aprendizagem linguística, pretendendo-se que desenvolva, por exemplo, competências de observação e análise de diferentes línguas [...] as abordagens SDL apostam numa dimensão cognitiva da aprendizagem pelo desenvolvimento da consciência linguística da criança [...] que se refere à capacidade de adotar uma atitude reflexiva sobre os objetos linguísticos e a possibilidade de os manipular.

Podemos concluir que o ensino precoce de línguas pode despertar nas crianças a curiosidade, o gosto e a vontade de aprender outras línguas, sendo que a SDL é uma mais-valia para a escola e deve ser vista como um conjunto de oportunidades enriquecedoras dos contextos escolares.

Assim, no ponto seguinte iremos referir os benefícios da SDL na construção de uma consciência fonológica plurilingue, e, por essa via, no desenvolvimento da cultura linguística das crianças.

1.2 SDL, consciência fonológica e cultura linguística

A SDL é uma forma de *contribuir para a construção de sociedades mais solidárias, linguística e culturalmente diversificadas, onde as línguas sejam valorizadas no desenvolvimento dos sujeitos, das comunidades e das suas relações* (Andrade & Martins, 2004, p. 8). É necessário que a escola veja a SDL como uma mais-valia para as crianças, surgindo como forma de romper a tradição monocultural. Esta abordagem permite reconhecer a diversidade de línguas das crianças no contexto escolar e, por sua vez, oferecer-lhes espaços de encontro entre pessoas, línguas e culturas diferentes da sua (cf. Dahlberg, Moss, & Pence, 2007).

Seguindo esta linha de pensamento, pretende-se desenvolver atividades pedagógicas que apostem na exploração da diversidade de línguas existentes no contexto como objeto de descoberta e de reflexão e como base de construção de uma cultura linguística mais rica e mais aberta, capaz de promover o desenvolvimento social e cognitivo das crianças envolvidas (Lourenço, 2013). Com esta abordagem pretende-se tornar as crianças mais abertas nas suas aprendizagens linguísticas desafiando a sua curiosidade face às línguas, enriquecendo as suas representações e desenvolvendo as suas capacidades metalinguísticas (Goumoëns, De Pietro & Jeannot, 1999).

Em suma, as abordagens à SDL têm como objetivo abrir portas a um maior número de línguas e, por sua vez, promover o desenvolvimento de uma cultura linguística, tendo por base uma educação plurilingue. Por esse motivo, consideramos importante clarificar os seguintes conceitos: cultura linguística, competência plurilingue e consciência fonológica, uma vez que se adequa aos objetivos do projeto de intervenção e de investigação que desenvolvemos.

a) Cultura linguística

Um dos primeiros estudos no âmbito da cultura linguística foi levado a cabo por Michel Candelier (2000), sendo o primeiro estudo a divulgar o conceito de cultura linguística em projetos como *Evlang1* e *Jaling2*. Nestes projetos, o investigador menciona a importância de um trabalho de “*éveil aux langues*” *no desenvolvimento de representações e atitudes positivas, de aptidões metalinguísticas e metacomunicativas e da cultura linguística, definindo esta última como “conjunto de saberes / conhecimentos acerca das línguas* (Candelier, 2000, in Simões, 2006, p. 144). Nos estudos de Candelier podemos observar que o investigador estabelece uma relação entre os conceitos de cultura linguística, atitudes e aptidões, destacando a sua importância na preparação e formação dos alunos para viver num mundo cada vez mais complexo e plural.

Paulo Feytor Pinto foi o primeiro investigador, em Portugal, que tentou definir alguns aspetos do conceito de cultura linguística. Segundo Schiffman (1996, p. 5, in Feytor Pinto, 1998, p. 6), são *os comportamentos perante as línguas, as crenças, os preconceitos, as atitudes, os estereótipos e os modos de pensar a(s) língua(s)*. Seguindo o pensamento de Schiffman, a cultura linguística é o conjunto de vários fatores, históricos, culturais, sociais, educacionais, científicos, tecnológicos e religiosos de uma comunidade em particular.

Em concordância com os autores mencionados anteriormente, podemos dizer que a cultura linguística é um conjunto de atitudes, preconceitos, estereótipos e mitos no que diz respeito às línguas. No entanto, esta cultura engloba também os saberes sobre a língua materna do sujeito ou das línguas que já aprendeu e com as quais já teve oportunidade de contactar, sendo que é este contacto com essas línguas que já conheceu conjuntamente com as atitudes, preconceitos e estereótipos que ajudam o sujeito a compreender melhor o mundo em que vive.

Portanto, a sociedade está configurada pelas línguas que nela existem. Neste seguimento, toda a sociedade detém uma cultura linguística, *acreditando que a língua pertence a todos, é co-construída por todos e a todos constrói, fazendo, por conseguinte, parte de todos e de cada um* (Simões, 2006, p. 146).

Deste modo a cultura linguística não é só promovida na escola, mas também é desenvolvida na e pela vivência social de que a escola é detentora, no entanto alarga-se a todas as instituições ou organizações com atividades onde se divulgue as línguas dos seus

falantes e as suas culturas. A nível político existe uma necessidade de promover a cultura linguística, através do desenvolvimento de uma política linguística que beneficie de uma educação em línguas, preparando o sujeito para a sociedade plurilingue e pluricultural onde vive, desejando-se que ele seja um participante ativo.

A cultura linguística não é estática, definitiva, fixa e inalterável, ela caracteriza-se pelo seu carácter evolutivo e dinâmico e está sempre em constante movimento podendo ser modificada, alterada e redefinida. Assim, a nosso ver, a escola é um espaço facilitador de aprendizagens e de desenvolvimento da cultura linguística dos alunos. Neste sentido, pretende-se que a escola faça uma abordagem integrada do currículo, tentando que todas as disciplinas/áreas curriculares/áreas de conteúdo contribuam para o alargamento dos conhecimentos das crianças acerca das línguas, explicitando dimensões transdisciplinares do ensino e ainda tentando consciencializar as crianças e jovens para os vários modos de funcionamento, papel e funções das línguas no mundo (Simões, 2006).

A escola é um ótimo lugar para tornar as crianças e os educadores/professores mais conscientes da sua existência, refletindo e repensando outros modos de agir e pensar. Ao fortalecer o papel fundamental da cultura linguística e da escola tentamos eliminar atitudes negativas, estereótipos e preconceitos criados, preparando as crianças para viver em sociedades democráticas.

Em suma, na escola podemos multiplicar os contactos com a diversidade linguístico-cultural desenvolvendo atividades com recurso a várias línguas, dentro e fora da sala de atividades, uma vez que a escola é um espaço de contactos interculturais, constituindo-se como agente de educação para a diversidade.

b) Competência plurilingue

Face ao que referimos anteriormente, a SDL consiste num conjunto de atividades que têm como objetivo colocar as crianças em contato com diferentes línguas e culturas, facilitando o desenvolvimento de competências relacionadas com valores, atitudes e comportamentos, tais como competências metalinguística, plurilingue e intercultural (Coelho, 2015; Gomes & Andrade, 2009).

Sendo assim, a competência plurilingue pode ser desenvolvida nas crianças, com o recurso a diferentes experiências proporcionadas pelas atividades de SDL (Martins, 2008),

uma vez que permite que estas contactem com um vasto número de línguas, desenvolvendo assim atitudes positivas face às diferentes línguas, aos seus falantes e relativamente a si próprias.

Segundo o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, a competência plurilingue consiste na *capacidade para utilizar línguas para comunicar na interacção cultural, na qual o indivíduo na sua qualidade de actor social, possui proficiência em várias línguas, em diferentes níveis, bem como experiência de várias culturas* (Conselho da Europa, 2001, p. 231). Esta competência é um todo que evolui ao longo da vida e por isso é importante começar a trabalhar logo nos primeiros anos de escolaridade (Beacco & Byram, 2003; Conselho da Europa, 2001, in Gomes, 2006, p. 63).

O desenvolvimento da competência plurilingue permite ao indivíduo encarar a diversidade linguística e cultural de forma natural e sem preconceitos. De acordo com Marinho (2004, p. 34), a competência plurilingue refere-se a uma *competência que se vai construindo a partir das experiências e do conhecimento pessoal de cada indivíduo em relação às línguas e às culturas com que se vai relacionando*. A autora acrescenta ainda que estas *experiências não ficam armazenadas em compartimentos mentais separados, elas interagem e inter-relacionam-se de uma forma dinâmica* (ibidem, p. 34).

Trabalhar a competência plurilingue na escola poderá trazer às crianças mais-valias para o desenvolvimento das suas competências linguísticas e comunicativas. Segundo Beacco e Byram (2007, p. 79-80) as principais consequências de uma educação para o plurilinguismo podem ser:

- uma adaptação daquilo que é ensinado na escola à evolução das sociedades, sendo estas cada vez mais multiculturais e multilingues;
- uma melhor gestão e desenvolvimento do capital linguístico dos vários países, formado pelos repertórios dos seus vários locutores (migrantes, turistas, ...);
- um melhor relacionamento entre os grupos de culturas diferentes, contribuindo assim para a prevenção de conflitos;
- a criação de um sentimento de pertença comum a um espaço político e cultural diversificado;
- a adoção de novas metodologias de ensino das línguas que desenvolvam a competência plurilingue, abandonando a aprendizagem de línguas descontextualizadas.

Decorrente deste ponto de vista, concluímos que devemos promover a formação das crianças, inserindo-as num mundo multilingue e multicultural com o objetivo de promover uma cidadania global, para além de promover a consciência profunda da importância dos seus conhecimentos linguísticos diversos no meio político-económico atual.

Em suma, importa motivar e fomentar nas crianças o gosto pelas línguas, de forma a tornar os espaços educativos adequados ao desenvolvimento da sua competência plurilingue. Segundo Andrade (1997), o ensino e a aprendizagem das línguas tem consequências positivas nas crianças, desenvolvendo a sua personalidade, melhorando a compreensão e abertura face ao Outro e a capacidade de resolver problemas que afetam a humanidade.

c) Consciência fonológica

Por sua vez, a consciência fonológica refere-se à capacidade que o sujeito tem para refletir acerca dos segmentos sonoros do discurso oral, ou seja, é a capacidade de identificar e manipular as unidades do oral podendo ser constituídas por segmentos sonoros de diferentes tamanhos (palavras, sílabas ou fonemas). Desta forma a consciência fonológica *diz respeito à capacidade para reconhecer, distinguir e manipular as estruturas sonoras básicas das línguas, tais como as sílabas, rimas e os fonemas* (Oakhill & Kyle, 2000; Shah, 2000; Sim-Sim et al., 2006; Lourenço, 2006, in Lopes & Almeida, 2008, p. 46).

A criança quando começa a dominar a linguagem oral limita-se a perceber o significado das palavras e não presta atenção ao som das mesmas. No entanto, quando a criança começa a desenvolver o domínio linguístico começa a reconhecer que as palavras são constituídas por sons que podem ser manipulados e isolados e passa a perceber os sons do discurso, dando menos importância ao que significa. Esta perceção denomina-se de consciência fonológica.

A consciência fonológica manifesta uma variedade de habilidades fonológicas, sendo elas a **consciência silábica**, que se refere à capacidade para identificar e manipular as sílabas de uma palavra, a **consciência intrassilábica**, que consiste na capacidade de identificar e manipular as unidades constituintes que formam os sons da sílaba (ataque e rima, esta última subdivide-se em núcleo e coda), e a **consciência fonémica**, que remete para a capacidade

para focalizar a atenção para as unidades mínimas dos sons (fonemas ou segmentos) (Alves Martins, 1996; Anthony & Francis, 2005; Freitas, Alves, & Costa, 2007; Gombert, 1990).

Estes três níveis de consciência desenvolvem-se de forma sucessiva e gradualmente. O desenvolvimento fonológico, no que se refere à discriminação auditiva e à produção, está geneticamente programado, o que significa que todas as crianças percorrem o mesmo caminho, independentemente do contexto linguístico em que crescem (Anthony & Francis, 2005; Fromkin & Rodman, 1993; Lenneberg, 1967; Sim-Sim, 1998; Sim-Sim, Silva, & Nunes, 2008).

d) Consciência fonológica plurilingue

Como foi referido no ponto anterior, a consciência fonológica remete para a capacidade de reconhecer, distinguir e manipular as estruturas sonoras do discurso oral. Portanto, a criança ao reconhecer, distinguir e manipular as estruturas sonoras básicas da sua língua materna (L1) facilita a capacidade na leitura de uma outra língua, sobretudo quando a outra língua possui o mesmo sistema de escrita. É possível afirmar, segundo vários autores, que se pode transferir mestrias, tais como a consciência fonológica, da L1 para a língua segunda (L2) e para a língua estrangeira (LE) (Riccio et al., 2001; Bialystok et al., 2005).

A conexão entre a consciência fonológica e a competência plurilingue origina a consciência fonológica plurilingue que se refere à capacidade de reconhecer, distinguir e manipular as estruturas sonoras básicas das línguas (sílabas e fonemas em línguas diferentes da sua). Segundo Andrade e Lourenço (2010) a consciência fonológica plurilingue é a capacidade de *refletir sobre as línguas, em geral (diversidade linguística), e em particular (descobrir as diferenças e semelhanças entre as línguas, entre famílias linguísticas e entre sons particulares)*. Podemos concluir, e tal como refere Coste et al. (1997), que a consciência fonológica plurilingue parte da competência plurilingue individual do indivíduo e é consequência do desenvolvimento dessa mesma competência.

Face ao mencionado anteriormente, pensamos que para promover a construção da consciência fonológica plurilingue podemos desenvolver atividades que sensibilizem para a diversidade linguística existente, pois ao privilegiar a diversidade linguística e o plurilinguismo estamos a promover a aprendizagem, tendo em conta o repertório linguístico-comunicativo de todas as crianças, partindo *deste repertório plurilingue comum para o*

desenvolvimento de competências de reflexão, análise e manipulação das línguas e da linguagem, promovendo, igualmente, atitudes de respeito pelas identidades plurais (Lourenço, 2013, p. 228).

No ponto seguinte serão apresentados algumas atividades que o educador poderá utilizar e desenvolver no âmbito da SDL.

1.3 Atividades para a sensibilização à diversidade linguística

Como já mencionámos anteriormente, a sensibilização à diversidade linguística é fulcral para o crescimento pessoal e social da criança, permitindo que esta desenvolva competências cognitivas, afetivas e sociais.

Silva (2002, p. 93) diz que *a educação pré-escolar deverá familiarizar a criança com um contexto culturalmente rico e estimulante que desperte a curiosidade e o desejo de aprender*. Nesta lógica é importante que o educador adote estratégias diversificadas. Morgado (2001, p. 46) propõe algumas estratégias que podem ser tidas em conta nas práticas pedagógicas, como por exemplo, *o respeito e a valorização das diferenças individuais, bem como da individualização dos próprios ritmos de aprendizagem, a valorização das experiências escolares e não escolares anteriores, a consideração dos interesses, motivações e necessidades individuais, a promoção da autonomia, da iniciativa individual e da participação nas responsabilidades da escola e a promoção das interações e das trocas de experiências e saberes*.

Assim, o educador deve planear atividades tendo por base as observações realizadas e os registos sobre os interesses do grupo e os progressos de cada criança. O educador deve ter em conta a especificidade de cada criança, não esquecendo o seu contexto familiar e social, uma vez que é fundamental para criar um ambiente estimulante que promova aprendizagens significativas e diversificadas, contribuindo para uma maior igualdade de oportunidades.

Neste âmbito, o educador, em contexto pedagógico, deve desenvolver atividades e utilizar materiais que despertem na criança o desejo e a curiosidade de querer saber mais relativamente às línguas e às culturas existentes. Estas atividades devem *ser diversificadas, relacionadas com a vida escolar e infantil, tendo por base a expressão corporal, a dança, os jogos diversos, as actividades perceptíveis, musicais, plásticas e envolvendo a exploração*

da linguagem através de textos autênticos como poemas, rimas, canções, histórias, sempre apoiadas por materiais educativos adequados (Tomlinson, 1998, in Lopes, 2004, p. 65).

Estas atividades devem estar adaptadas às idades das crianças e devem corresponder às suas preferências. Assim, antes de iniciar qualquer atividade de sensibilização, deve-se procurar conhecer o ponto de vista das crianças em relação às línguas, quais os seus interesses linguísticos, para que ao longo das atividades desenvolvidas se possam ir modificando e enriquecendo as concepções prévias das crianças (Candelier, 2003).

Deste modo, é necessário que o educador/professor crie/utilize materiais didáticos que sustentem o processo ensino-aprendizagem, contribuindo assim para o desenvolvimento de competências cognitivas, afetivas e sociais ligadas a essa mesma sensibilização e já referidas anteriormente.

Neste sentido, a atividade lúdica surge como uma das atividades de SDL, uma vez que esta estimula as crianças aos mais diversos níveis. Como refere Sutton-Smith (1981, in Pessanha, 2001, p. 51), *a actividade lúdica surge como uma manifestação frequente e espontânea no comportamento infantil, parecendo ser uma atitude natural e indispensável ao seu desenvolvimento. A criança deseja-a, pratica-a com alegria e sem esforço e mesmo que o adulto não compreenda, continua a brincar porque é a coisa que lhe dá mais prazer*. Podemos concluir que a atividade lúdica tem um grande valor nos primeiros anos de escolaridade, pois as crianças aprendem com mais prazer, tornando mais fácil a aprendizagem e o domínio de competências (Pessanha 2001).

A atividade lúdica abrange o jogo e o brincar, sendo esta *uma actividade espontânea, livre e gratificante [...] e que quando enquadrada em situações de ensino aprendizagem pode constituir um valioso instrumento pedagógico e um meio para alcançar um fim* (Cardoso, 1998, p. 94). Por isso o jogo é visto como uma poderosa ferramenta de aprendizagem, pois possibilita a interação entre pares e permite que haja cooperação e socialização.

Síntese

Ao longo deste capítulo mencionámos a importância de integrar a SDL no contexto pedagógico, de forma a incentivar a aprendizagem de línguas com o intuito de diminuir o preconceito e a diferença que existe entre as comunidades de diferentes culturas. Sá e

Andrade (2009) afirmam que a escola é detentora de uma grande diversidade a nível linguístico, cultural e social e, por isso, é importante que a escola crie um currículo multilingue e multicultural que permita às crianças descobrir diferentes modos de viver, desenvolvendo atitudes positivas face às diferentes línguas e culturas.

É necessário que a SDL deixe de ser vista como uma barreira e passe a ser considerada como uma mais-valia, uma vez que existem diferentes línguas no mundo que importa preservar.

Deste modo o educador ao integrar atividades de SDL cria nas crianças o gosto de conhecer outras línguas e culturas, contribuindo assim para um relacionamento saudável entre comunidades, fomentando o respeito e aceitação daquilo que lhe é diferente. A SDL procura que a escola dê às crianças a oportunidade de contactarem com diversas línguas com o objetivo de alargar o seu leque, incentivando-as a refletir sobre as línguas e a desenvolver confiança nas suas capacidades de comunicação e de aprendizagem.

Por fim, as atividades de SDL podem contribuir para a construção de uma consciência fonológica plurilingue, e, por essa via, o desenvolvimento da cultura linguística nas crianças. Não basta ter o conhecimento de várias línguas estrangeiras, é importante que as crianças desenvolvam a sua competência plurilingue, de forma a compreenderem e a comunicarem em diferentes línguas.

Considerámos que uma abordagem plural seria uma mais-valia para as crianças, permitindo-lhes o contacto com diferentes línguas, ao contrário de uma abordagem singular, em que a criança contacta com uma só língua. Este tipo de abordagem permite estimular as crianças para a valorização da sua língua de origem e no desenvolvimento de capacidades linguísticas e cognitivas na sua língua materna podendo ser um alicerce na aprendizagem da L2 e de outras línguas.

Assim, perante o importante papel da SDL na construção de uma consciência fonológica e no desenvolvimento da cultura linguística nas crianças considerámos importante a promoção de uma educação plurilingue desde cedo que ao mesmo tempo valorize os conhecimentos e os repertórios das crianças, para que estas se desenvolvam, despertando-lhes o gosto por observar, explorar e manipular as línguas e as culturas (Lourenço, 2013).

Uma vez que o objetivo deste trabalho é compreender como é que o jogo pode contribuir para a SDL, no capítulo seguinte iremos abordar a temática do jogo, começando por explicar o conceito de jogo e referindo a sua importância nas atividades de SDL.

Capítulo II – O jogo e a sensibilização à diversidade linguística e cultural

Introdução

Neste segundo capítulo tentaremos compreender as potencialidades que o jogo tem no processo de sensibilização à diversidade linguística e cultural na Educação Pré-Escolar. Começamos por definir o conceito de atividade lúdica, passando pelo conceito de brincar e de jogo e, posteriormente, refletiremos sobre as diferenças que existem entre estes dois conceitos.

A atividade lúdica torna-se uma das possíveis vias para a SDLC, pois é algo familiar à criança, onde esta se sente motivada e envolvida, podendo potenciar o desenvolvimento de diferentes competências. Por isso, o jogo pode e deve ser visto como uma das formas da criança se exprimir e de evoluir em sociedade, sendo, hoje em dia, alvo de diversos estudos de modo a compreender melhor os efeitos que este tem nas aprendizagens das crianças.

Face ao referido anteriormente, neste segundo capítulo pretende-se abordar o conceito de jogo e como este pode contribuir para a SDLC. Posteriormente, iremos fazer uma breve referência à importância do jogo em contexto pedagógico e por fim focar-nos-emos no grande objetivo deste trabalho: a importância e benefícios do jogo na SDLC na Educação Pré-Escolar e, neste caso particular, no desenvolvimento da cultura linguística.

2.1 A atividade lúdica: o brincar e o jogo

Para Pessanha (2001) a atividade lúdica é fácil de identificar e difícil de definir, pois apesar de muitos outros autores terem procurado definir o conceito de atividade lúdica, não foi possível encontrar uma definição que fosse consensual.

Consequentemente, a atividade lúdica foi durante muitos anos desvalorizada, revelando-se pouco significativa no desenvolvimento da criança, no entanto, atualmente, é reconhecida a sua importância em contexto pedagógico, uma vez que é fundamental em vários aspetos, como por exemplo, no domínio cognitivo, social e afetivo do desenvolvimento harmonioso da criança.

Ainda na perspetiva de Pessanha (2001), a atividade lúdica é uma manifestação que surge de forma espontânea no comportamento do ser humano. Pressupõe-se que seja uma atitude natural e indispensável ao desenvolvimento das crianças. Seguindo esta linha de pensamento, a criança quando brinca manifesta diferentes formas de comportamento lúdico,

pois esta diversidade depende de vários fatores, tais como, o desenvolvimento físico e emocional, o meio ambiente, o contexto familiar, a educação, entre outros.

A atividade lúdica é, indiscutivelmente, uma das formas mais comuns de comportamento durante a infância, mas apesar disso temos vindo a verificar a existência de algumas mudanças sociais que têm vindo a influenciar os contextos de vida da criança, deixando-lhe uma margem muito diminuta de escolhas no que concerne ao jogo espontâneo entre pares. Estas mudanças predem-se, em particular, com uma tendência crescente em ocupar os seus tempos livres com atividades dirigidas, muitas delas complementos curriculares dentro da própria escola, bem como o receio que se apoderou dos pais em deixá-las brincar livremente na rua, culpa da insegurança provocada pelos casos de criminalidade crescente veiculados pelos diferentes órgãos de comunicação social. Simultaneamente, verifica-se um aumento das atividades de jogo individual fomentadas pelas novas tecnologias que muitos pais põem à disposição dos seus educandos. Assim sendo, o jogo acaba por sofrer as alterações resultantes da evolução da própria sociedade e adquirir contornos naturalmente diferentes do que os que possuía há algumas gerações atrás.

Segundo Friedmann (1996), podemos constatar que o tempo para a criança brincar e jogar está a diminuir, sendo que o único tempo que estas usufruem para brincar é o recreio. Portanto, importa que a atividade lúdica seja incluída nas atividades dentro da sala e o educador deve aliar o jogo e as brincadeiras aos objetivos de aprendizagem que estão previstos as crianças atingirem. Vários autores dão muita importância à atividade lúdica em contexto pedagógico uma vez que este proporciona experiências agradáveis e positivas favorecendo *o desenvolvimento global das crianças, nos aspetos de integração afetiva, social e cultural* (Christie, 1985 e Pessanha, 1994 in Pessanha 2001, p. 51).

A atividade lúdica inclui o jogo e o brincar, no entanto existem diferenças entre ambos que importa clarificar. Relativamente ao conceito de brincar, este *é a principal atividade da criança na sua vida; através do brincar ela aprende as habilidades para sobreviver e descobre algum padrão no mundo confuso em que nasceu* (Moyles, 2002, p. 37). Quanto ao espaço destinado ao brincar, como já foi referido anteriormente, este foi alvo de mudanças, uma vez que antigamente acontecia, maioritariamente, na rua. Hoje em dia brincar na rua torna-se um risco, limitando as crianças a brincarem dentro de casa. Devido aos limites impostos às crianças quanto aos espaços para brincar, a criança “transforma” esses mesmo espaços tentando adaptá-los às suas brincadeiras (Friedmann, 1996, p. 15).

O brincar da criança torna-se mais consistente à medida que a criança se vai desenvolvendo, sendo que as situações de jogo ficam mais perceptíveis e, tal como refere Santos (1999, p. 14), existe *uma evolução direta dos fenómenos transicionais para o brincar, do brincar para o brincar compartilhado e destes para as experiências culturais*.

O brincar é fundamental para a formação da personalidade da criança, pois potencia o conhecimento de si própria e do outro e, conseqüentemente, para a construção de conhecimento. Costa (2007, p. 17) afirma que a *brincadeira é para a criança um espaço de investigação e construção de conhecimentos sobre si mesmo e sobre o mundo*.

Ao conceito de brincar pode associar-se o conceito de jogo, que está presente no quotidiano das crianças. Segundo Friedmann (1996, p. 12), o jogo é *uma brincadeira que envolve regras*, contrariamente ao brincar, havendo sempre um vencedor e um vencido. O brincar também pode implicar regras, por exemplo, quando a criança define quem é o pai e quem é a mãe numa brincadeira, implicitamente está a definir as regras ao indicar os diferentes papéis.

Torna-se difícil fazer a distinção entre o conceito de brincar e o jogar, pois as suas fronteiras são muito ténues. Pensamos que a grande diferença entre o brincar e o jogar pode situar-se na forma como existem e são definidas as regras, isto é, no jogo, as regras são muitas vezes previamente definidas, ao passo que, no brincar, quando existem regras, estas são geralmente definidas à medida que a brincadeira evolui. Assim, as regras são fundamentais para a diferenciação entre o jogar e o brincar, sendo que o jogo pressupõe regras e estas são fulcrais para a formação das características pessoais e sociais da criança.

Para Ferran, Mariet e Porchet (1979) o jogo caracteriza-se por ser uma atividade de socialização. Para estes autores o jogo *oferece a possibilidade de entrar em relação com outrem sob a forma simultânea da confrontação e colaboração, do antagonismo e da cooperação. Jogar contra alguém é jogar com alguém. [...] [Portanto] Uma criança que joga é uma criança que socializa* (ibidem, p. 23).

O ato de jogar não é um ato solto, pois existe sempre uma ligação com o meio e assume sempre uma relação com o outro. Como refere Neto (1997) *o jogo ocorre sempre numa determinada situação e deve-se [...] não só conhecer o objeto do jogo mas também o seu contexto* (p. 32-33), portanto o jogo é sempre influenciado por diversos fatores, como por exemplo, a relação da criança consigo mesma e com o outro e a relação com o contexto onde é desenvolvido.

O jogo é uma das principais ocupações da criança, pois *para ela, quase toda a actividade é jogo, e é pelo jogo que ela descobre e antecipa as condutas superiores* (Chateau, 1975, p. 16). O jogo deve ser visto como potenciador do desenvolvimento do corpo, da inteligência e da afetividade da criança, uma vez que através deste pode encontrar o seu mundo e realizar novas aprendizagens (Rocha, 1993; Fernandes, 2003). Durante o jogo a criança usa a sua imaginação, interage com outras pessoas, sendo essencial para a construção de novos conhecimentos (Coelho, 2007) e através do jogo a criança projeta a sua personalidade, satisfaz as suas necessidades e encontra soluções para resolver os problemas com que se depara (Fernandes, 2003).

No ponto seguinte, iremos esclarecer a importância do jogo em contexto pedagógico.

2.2 A importância do jogo na Educação Pré-Escolar

Como já foi referido anteriormente o jogo está cada vez mais condicionado pela sociedade. Deste modo, é crucial perceber a importância do jogo no contexto pedagógico para que lhe seja dada uma preferência no quotidiano das crianças.

O jogo é algo familiar à criança, onde ela se sente confortável e descontraída e é fundamental que este seja fomentado em contexto pedagógico, permitindo à criança desenvolver novos conhecimentos e novas capacidades para o seu desenvolvimento integral.

Deste modo, o jogo relaciona a atividade lúdica e a atividade formal, levando a que as crianças aprendam de uma forma prazerosa e motivante. Tal como referem Ferran, Mariet e Porcher (1979, p. 18), o jogo *conserva o dinamismo do vivente, do motivante, do prazer, e, ao mesmo tempo, milita nas fileiras do sério, do formal, do equipamento intelectual lógico-matemático*.

Segundo os autores referidos anteriormente, se refletirmos sobre os jogos realizados pelas crianças do Pré-Escolar, particularmente, o jogo simbólico, verificamos que estas estão de uma forma contínua e intuitivamente a usar a linguagem, quer para falar com os seus pares de jogo, quer para descrever situações ou para desempenhar papéis, estando a atividade lúdica e o jogo relacionados com o desenvolvimento linguístico, social e pessoal das crianças.

Ao criar momentos de socialização o jogo pode contribuir para a diminuição do egocentrismo, pois *facilita a assimilação da noção de grupo, promove capacidades de*

ouvinte activo, desenvolve potencialidades de interiorização e cumprimento de regras (Magalhães, 2003, p. 23).

O jogo, ao promover a autonomia da criança, permite que esta experiencie conflitos e situações de resolução de problemas preparando-a para as situações da vida quotidiana, ajudando-a a integrar-se socialmente e a lidar melhor com os outros. Através do jogo a criança aprende os seus direitos e os seus deveres, aprende a conviver e a participar nas atividades e manifesta os seus sentimentos e desejos, tanto através da linguagem oral como da corporal. No jogo a criança pode ser integrada em vários grupos, podendo partilhar experiências e conhecimentos, o que leva a uma interação entre pares e permitindo uma cooperação e socialização.

A criança joga tendo em conta aquilo que mais lhe agrada, portanto, é através do divertimento e da alegria que a criança realiza aprendizagens espontâneas. Estas aprendizagens podem relacionar-se com o modo como adquirimos a nossa língua materna, uma vez que não estamos conscientes de que estamos a aprender algo, acabando por adquirir a língua através duma exposição contínua e do uso que fazemos dela (Coelho, 2007). Assim, o jogo deve estar presente na sala do Pré-Escolar, devendo estar centrado nas crianças e nas suas características.

Em forma de síntese, podemos afirmar que o jogo contribui para a formação global das crianças e cabe ao adulto proporcionar-lhe oportunidades para um desenvolvimento saudável, passando por uma estimulação através do jogo e criando um ambiente onde as crianças aprendam a aceitar as diferenças uns dos outros, a respeitar os outros e a tornarem-se mais solidárias. O educador deve construir um ambiente onde todos possam aprender a trabalhar e a partilhar, e, por sua vez, um lugar onde todos aprendam os valores importantes para o seu crescimento enquanto cidadãos respeitadores e tolerantes.

2.3 O jogo e a linguagem

Depois de tentarmos esclarecer o conceito de jogo e de refletirmos sobre a importância do mesmo no contexto pedagógico iremos, de seguida, estabelecer uma relação entre o jogo e a linguagem.

A criança ao jogar em grupo precisa de se integrar e, para isso, é necessário interagir com os parceiros. Portanto, o jogo apresenta benefícios ao nível da comunicação,

influenciando a aquisição de um novo vocabulário e melhorando o seu conhecimento face às estruturas linguísticas.

Quando a criança joga, esta utiliza a linguagem para nomear os seus parceiros de jogo, os objetos utilizados, as partes do corpo, as partes da casa, os alimentos, os vegetais, os meios de transporte, as peças de vestuário (Rocha, 1993).

Segundo Barbeiro (1998) o jogo e a linguagem estão associados, uma vez que a linguagem é utilizada pelos participantes durante o jogo. A linguagem é parte integrante e constituinte do próprio jogo e pode ser utilizada como objeto de ação para se realizar uma jogada e alcançar os objetivos do jogo. Deste modo, é completamente impossível separar o jogo da linguagem, pois a própria estrutura do jogo, o estabelecimento de regras e a divisão de tarefas pressupõe-se que se comunique e, por conseguinte, se recorra à linguagem.

Seguindo esta linha de pensamento, Rooyackers (2006) refere que o jogo e a linguagem originam um jogo de linguagem e que estes pressupõem a concretização de diversos objetivos, nomeadamente, a apreciação da linguagem, o desenvolvimento da criatividade e o desenvolvimento da personalidade através do fomento de uma maior autoconfiança e do respeito pelo Outro.

Ao longo do processo de aprendizagem da Língua Materna a criança ao interagir com outro sujeito realiza um jogo. O jogo pode acontecer durante este processo tendo como objetivo desenvolver trocas verbais que proporcionem essa mesma aprendizagem, pelo qual se deixa guiar e sobre o qual já conhece, intuitivamente, as regras (Szundy, 2001).

Desta forma, podemos concluir que o jogo e a linguagem não podem ser separados, uma vez que ao jogar é inevitável o uso da linguagem. Ao realizar jogos de linguagem que sejam focados em Línguas Estrangeiras diferenciadas, podemos levar a que as crianças, através do lúdico, contactem com novas línguas e desenvolvam o seu repertório linguístico. No entanto, estes jogos devem estar adaptados à faixa etária das crianças, a fim de que elas se sintam à vontade e focadas na atividade.

Assim, no último ponto deste capítulo tentaremos compreender as potencialidades que os jogos têm no processo de SDLC na Educação Pré-Escolar.

2.4 O jogo na sensibilização à diversidade linguística e cultural

Para além da atividade lúdica, são várias as abordagens que podem ser praticadas de forma a educar para a diversidade linguística e cultural, apresentando-se como fundamental para o crescimento pessoal e social da criança, e também para o desenvolvimento de capacidades cognitivas essenciais à aprendizagem, devendo integrar um conjunto de atividades lúdicas no contexto pedagógico. Ao proporcionar às crianças atividades lúdicas associadas à diversidade linguística e cultural conseguimos despertar-lhe o interesse, o desejo e a curiosidade de querer saber mais sobre outras línguas e culturas. Consequentemente, estas atividades devem ser variadas, tendo por base a expressão corporal, a dança, os jogos, as atividades musicais, as atividades plásticas e a exploração de textos (rimas, canções, histórias) e todas estas atividades devem estar apoiadas em materiais educativos adequados (Tomlinson, 1998 cit. por Lopes, 2004, p. 65).

A atividade lúdica acarreta um grande valor nos primeiros anos de ensino, como tal importa que o educador realize atividades através de jogos, canções, observação de imagens, histórias, visualização de desenhos animados, repetição e imitação de sons, breves dramatizações e trabalhos manuais, de forma a auxiliarem as crianças no processo de aprendizagem. No entanto, estes materiais didáticos não são considerados suficientes para auxiliar as crianças no processo de construção de conhecimento e por isso é fundamental a presença do educador, uma vez que este tem o papel de mediador do processo de ensino-aprendizagem. Desta forma o educador deve proporcionar às crianças interações significativas que originem conhecimento e desenvolvam competências, explorando materiais didáticos com as crianças, tendo sempre em conta os interesses e gostos das crianças e as suas finalidades educativas.

Nos primeiros anos de vida a principal atividade da criança é o brincar. A criança quando joga/brinca não está apenas a conviver e a interagir com outras, está também a estimular a sua imaginação e criatividade e está a assimilar alguns saberes que o jogo lhe faculta. Assim, o jogo *é todo um conjunto de atividades (jogos de mesa, jogos de movimento, jogos de linguagem ou, até mesmo, canções) durante as quais são postas a funcionar as capacidades intelectuais, motoras e/ou linguísticas dos participantes, pressupondo que estes estão a interagir com os seus adversários e a tentar dar o seu melhor, participando ativa e ludicamente na tarefa, até serem capazes de atingir o objetivo final.* (Coelho, 2007, p. 36).

Podemos referir ainda que o jogo promove o desenvolvimento da comunicação oral, uma vez que permite à criança uma desinibição que a leva a não ter medo de errar. Neste contexto, podemos explorar as línguas (materna e estrangeira) através do jogo, permitindo à criança melhorar as suas capacidades, como por exemplo, a pronúncia e a entoação.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) (Ministério da Educação, 2016, p. 48), o jogo *constitui um recurso educativo que é apresentado de forma atrativa e tem em conta os interesses e motivações das crianças*. Portanto o jogo pode ser uma das vias possíveis para a SDLC, permitindo que as crianças contatem com outras línguas e culturas de forma atrativa.

Síntese

Como pudemos constatar ao longo deste capítulo, realizar atividades de SDLC aliadas ao jogo poderá ser um ótimo instrumento para o educador/professor integrar as crianças numa sociedade cada vez mais multilingue e multicultural. As atividades lúdicas são um instrumento pedagógico bastante relevante, pois podem contribuir para o aumento de conhecimentos das crianças, criando um ambiente estimulante para o desenvolvimento integral das mesmas.

O jogo tem imensas vantagens quando é integrado em contexto pedagógico. Por isso, a sua realização deve ser vista não apenas como ocupação de tempos livres, sem carácter didático, mas também como uma atividade que proporciona a oportunidade de sensibilizar para a diversidade linguística e cultural, contribuindo para o desenvolvimento das crianças a nível físico, motor, social, emocional, cognitivo, linguístico e comunicacional.

Sintetizando, é importante que o educador tome atenção àquilo que a criança sabe, à sua cultura e aos seus saberes e, a partir deles, desenvolva atividades de acordo com o interesse das mesmas. As crianças ao usufruírem destas atividades têm a oportunidade de vivenciar experiências educativas diversificadas e ao estarem inseridas num contexto facilitador de interações sociais com outras crianças e adultos, podem tornar-se cidadãs ativas, respeitadoras e tolerantes para viverem em sociedade e serem capazes de enfrentar novos desafios.

Capítulo III - Orientações metodológicas e apresentação do projeto de intervenção e de investigação

Introdução

Tendo apresentado nos dois capítulos anteriores o enquadramento teórico que fundamentou o nosso projeto de intervenção e de investigação, passamos agora à apresentação do mesmo, que tem como título “Viagem pelo Mundo do jogo da macaca”, e que foi implementado com um grupo de crianças de um jardim-de-infância de um Agrupamento de Escolas do distrito de Aveiro.

Começaremos por caracterizar o contexto educativo onde desenvolvemos o nosso projeto, bem como o grupo com o qual estivemos a trabalhar, fazendo, posteriormente, a inserção curricular do projeto.

Neste terceiro capítulo, iremos ainda apresentar de modo fundamentado os procedimentos que orientaram o nosso projeto de intervenção e de investigação, explicitando a metodologia utilizada, e por fim apresentaremos as técnicas e instrumentos de recolha de dados utilizados.

3.1 Apresentação do projeto de intervenção e de investigação

3.1.1 Caracterização do contexto de intervenção

O nosso projeto de intervenção e de investigação foi desenvolvido num jardim-de-infância de um Agrupamento de Escolas do distrito Aveiro e situa-se num bairro social onde os seus habitantes são oriundos das mais diversas etnias, justificando assim a multiculturalidade que existe no contexto pedagógico.

A nossa intervenção foi realizada no âmbito da Unidade Curricular de Prática Pedagógica Supervisionada que se encontra organizada em várias fases de intervenção de responsabilidade crescente. A fase I destina-se à observação do contexto educativo para a caracterização da realidade pedagógica, e decorreu entre os dias 23 de janeiro e 8 de fevereiro de 2017. A oportunidade de observar o contexto educativo onde íamos implementar o nosso projeto permitiu-nos compreender e conhecer melhor o mesmo.

Ao longo desta fase fomos registando aquilo que observávamos, para posteriormente refletirmos. Recolhemos vários tipos de informações através da leitura do Projeto Curricular de Grupo, disponibilizado pela orientadora cooperante e considerámos pertinente realizar o

preenchimento das fichas do Sistema de Acompanhamento das Crianças (Portugal & Laevers, 2010).

Relativamente ao grupo com o qual implementámos o nosso projeto, este era constituído por vinte e quatro crianças (treze meninos e onze meninas), com idades compreendidas entre os três e os seis anos. Trata-se de um grupo heterogéneo, no que diz respeito às idades e ao nível das nacionalidades existentes (venezuelana, brasileira, nigeriana, timorense e portuguesa). Apesar de existir uma grande diversidade dentro do grupo, existe um clima seguro e confortável, permitindo, assim, que as crianças se sintam à vontade para partilhar as suas histórias e vivências, resultando em interações positivas entre elas e o adulto.

No que diz respeito à sala do grupo, esta encontra-se organizada em diferentes áreas de interesse: a área da biblioteca/área de acolhimento, a do faz de conta, a das ciências, a da escrita, a da expressão plástica, a da modelagem, a do recorte, a da colagem, a do desenho, a da pintura e a dos jogos de mesa.

Quanto às famílias, e de acordo com as informações recolhidas através do Projeto Curricular de Grupo, as crianças aparentam ter um bom ambiente familiar. Existe também um grande interesse por parte das famílias nas atividades que as crianças desenvolvem, mostrando-se sempre disponíveis para ajudar e colaborar nas mesmas.

As motivações e interesses deste grupo pendem-se principalmente com os jogos e brincadeiras, mostrando as crianças um grande interesse pela área dos jogos. Durante o período de observação relativo à Fase I, conforme referimos anteriormente, a nossa orientadora cooperante começou a desenvolver um projeto com as crianças, intitulado “Jogos de antigamente! Querem descobrir connosco?”, que tinha como objetivo descobrir quais os jogos e brincadeiras que os familiares mais próximos faziam quando eram crianças e ainda aprender alguns desses jogos.

Inicialmente as crianças construíram um questionário para entregar aos familiares mais próximos, e de seguida foi feito o tratamento e análise dos questionários com as crianças e as mesmas escolheram os jogos que queriam aprender. Ao longo da análise dos questionários verificámos que um dos jogos tradicionais mencionado mais vezes pelas crianças foi o jogo da macaca, e deste modo decidimos partir desse jogo para abordar a temática da diversidade linguística e cultural com as crianças.

Com efeito, procurámos desenvolver um projeto de intervenção e de investigação que fosse ao encontro das necessidades e dos interesses específicos de cada uma das crianças, enunciadas no Projeto Curricular de Grupo e por isso considerámos que seria pertinente partir deste projeto para um novo e, como tal, partimos dos jogos e das brincadeiras tradicionais, em particular do jogo da macaca. Após refletirmos, percebemos que, estando inseridas num contexto rico em diversidade linguística e cultural, podíamos desenvolver um projeto sobre o jogo da macaca nos diferentes países. Assim surgiu a motivação inicial para o nosso projeto de intervenção e de investigação, “Será que o jogo da macaca se joga da mesma forma nos vários países?” e “Será que o jogo da macaca se diz da mesma forma nas outras línguas?”.

Concebemos, assim, um projeto no qual procurámos conciliar atividades dirigidas a todas as crianças do grupo e atividades mais orientadas para um pequeno grupo, constituído pelas crianças mais velhas do grupo. Assim, as atividades sobre o jogo da macaca foram desenvolvidas com todo o grupo de crianças.

No ponto seguinte iremos inserir curricularmente o nosso projeto de intervenção e de investigação de acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE).

3.1.2 Inserção curricular do projeto

Para enquadrar as atividades do nosso projeto “Viagem pelo Mundo do jogo da macaca”, que aborda as temáticas sensibilização à diversidade linguística e cultural e o jogo, iremos fazer uma breve análise das OCEPE. Para a elaboração deste projeto criámos um conjunto de atividades tendo por base as áreas de conteúdo e os objetivos presentes nas OCEPE (Ministério da Educação, 2016).

No documento das OCEPE (Ministério da Educação, 2016) encontrámos alguns objetivos que nos serviram de referência, orientando-nos no processo educativo a desenvolver com as crianças. De seguida, passaremos a explicitar como o projeto desenvolvido se justifica na Educação Pré-Escolar, e identificamos as áreas de conteúdo que mais se relacionam com a temática da SDLC e com o jogo, nomeadamente, a área da *Formação Pessoal e Social*, a área de *Expressão e Comunicação* e a área do *Conhecimento do Mundo*.

No que concerne à *Formação Pessoal e Social* podemos salientar dois domínios. No domínio da *Construção da Identidade e da Autoestima* é referido que as crianças pertencem a um contexto social e é nesta inter-relação que estas vão construindo a sua identidade cultural e social, devendo manifestar respeito pelas culturas familiares de cada criança bem como sentido de pertença a uma comunidade. No domínio da *Convivência Democrática e Cidadania* é mencionado que as crianças devem ter o direito de participar independentemente do seu género, da sua etnia e da sua capacidade intelectual e física, com o intuito de criar um ambiente com uma maior igualdade de oportunidades, onde todos sintam que fazem parte do grupo.

Na área de *Expressão e Comunicação*, destaca-se o domínio da *Linguagem Oral e Abordagem à Escrita* que se subdivide em *Comunicação Oral* e *Consciência Linguística*. Na *Comunicação Oral*, as crianças devem ter oportunidade de se exprimir oralmente partilhando vivências entre o grupo e permitindo que estas desenvolvam competências sociais. Quanto à *Consciência Linguística*, as crianças devem ter ao seu dispor várias situações onde possam explorar de forma lúdica a linguagem, demonstrando prazer em lidar com as palavras. Ao realizarem atividades onde exploram sons e as palavras, as crianças apercebem-se

que a língua é não só um meio de comunicação, mas também um objeto de reflexão, promovendo uma tomada de consciência cada vez mais complexa e estruturada sobre a forma como é constituída, e como se organizam os seus elementos. Estes processos levam a criança a níveis de análise diferenciados que podem passar pela estrutura das frases, pela consciência das palavras enquanto unidades arbitrárias e enquanto elementos que as constituem, chegando a segmentos sonoros menores, como as sílabas ou mesmo os fonemas (Ministério da Educação, 2016, p. 67).

A *Consciência Fonológica* divide-se em três dimensões, *Consciência Fonológica*, *Consciência da Palavra* e *Consciência Sintática*. No nosso projeto destacámos a *Consciência Fonológica*, uma vez que esta se refere à capacidade para identificar e manipular elementos sonoros de vários tamanhos (sílabas, unidades intrassilábicas e fonemas). Ao desenvolver atividades em que as crianças brinquem com os sons e com as sílabas estamos a permitir que estas tenham uma maior capacidade *para a manipulação*

(identificação, síntese, análise, supressão) de elementos fonológicos cada vez mais pequenos (Ministério da Educação, 2016, p. 68).

Podemos concluir que este documento é fulcral para o nosso projeto, uma vez que nos permite pensar e direcionar a nossa prática educativa, indicando caminhos possíveis e pensando nas melhores estratégias para atingir determinados objetivos.

Após justificarmos curricularmente as temáticas escolhidas, iremos passar à descrição do projeto de intervenção e de investigação.

3.1.3 Organização e intervenção

O projeto de intervenção e de investigação “Viagem pelo mundo do jogo da macaca” foi intitulado pelas crianças e foi desenvolvido em díade, com a nossa colega Letícia Pestana Gomes, na interseção das Unidades Curriculares de Prática Pedagógica Supervisionada e de Seminário de Orientação Educacional. A sua implementação decorreu de 20 de março a 17 de maio de 2017.

Para o nosso projeto de intervenção e de investigação decidimos utilizar uma metodologia com algumas características de trabalho por projeto (Vasconcelos, 2011; Jorge, 2013), tratando-se de um projeto colaborativo, onde todas as crianças participaram e planificaram o mesmo. Para ajudar as crianças a planear o projeto a desenvolver em torno do jogo da macaca utilizámos um dos instrumentos da metodologia de trabalho por projeto, como podemos observar no quadro 2.

Quadro 2 - Mapa de planeamento do projeto

Mapa de planeamento do projeto			
O que queremos saber	O que sabemos	Onde e como vamos saber	Como vamos comunicar

Com a participação das crianças na elaboração do mapa anterior, desenvolvemos um projeto em conjunto com o objetivo de ir ao encontro dos interesses do grupo, surgindo, assim, o projeto “Viagem pelo Mundo do jogo da macaca”.

No ponto seguinte, iremos descrever o projeto de intervenção e de investigação.

3.1.4 Descrição do projeto “Viagem pelo Mundo do jogo da macaca”

De forma a motivar as crianças para o projeto, colocámos a seguinte questão “Será que os jogos e as brincadeiras que tínhamos vindo a aprender se jogavam da mesma forma noutros países ou será que se jogavam de forma diferente?” Ao longo do diálogo que fomos estabelecendo com as crianças estas foram referindo vários jogos até que surgiu o jogo da macaca. A partir daí perguntámos às crianças se achavam que o jogo da macaca se jogava da mesma forma nos vários países.

Neste sentido, tendo o jogo selecionado, o nosso projeto começava a ganhar vida. Posteriormente, planeámos as atividades com as crianças e definimos os países nos quais iríamos descobrir como se jogava este jogo: Portugal, Venezuela, França, Timor, Nigéria e China. A planificação das atividades para este projeto foi realizada durante as conversas em grande grupo, para que todas as crianças tivessem a oportunidade de participar e colaborar no projeto. As decisões tomadas ficaram registadas no mapa de planeamento que foi afixado na sala, para que todas as crianças o vissem.

De seguida apresentamos, no Quadro 3, uma síntese das atividades implementadas ao longo do projeto.

Quadro 3: Atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “Viagem pelo Mundo do jogo da macaca”

Semana de intervenção	Atividades desenvolvidas
20 a 22 de março de 2017	<ul style="list-style-type: none"> • Escolha dos países nos quais iríamos descobrir como se jogava o jogo da macaca (20-03-2017); • Descoberta do modo como se jogava ao jogo da macaca em Portugal (22-03-2017);
27 a 20 de março de 2017	<ul style="list-style-type: none"> • Construção de uma árvore linguística de grupo (27-03-2017); • Descoberta do modo como se jogava ao jogo da macaca em França, com a colaboração de um pai que viveu nesse país (27-03-2017); • Descoberta de como se dizia “jogo” noutras línguas (Português, Espanhol, Francês, Inglês, Tétum, Mandarim e Yorùbá) (28-03-2017); • Descoberta do modo como se jogava ao jogo da macaca na Nigéria, com a colaboração da mãe de uma criança nigeriana (29-03-2017).
3 a 4 de abril de 2017	<ul style="list-style-type: none"> • Descoberta do modo como se jogava ao jogo da macaca em Timor, com a colaboração do pai da criança timorense (3-04-2017).
18 a 19 de abril de 2017	<ul style="list-style-type: none"> • Descoberta de como se dizia “jogo da macaca” noutras línguas (Português, Espanhol, Francês, Mandarim, Tétum e Yorùbá) (19-04-2017); • Jogos de linguagem – identificar a língua que estavam a ouvir e identificar palavras noutras línguas (francês, espanhol, tétum e mandarim) (19-04-2017).
24 a 26 de abril de 2017	<ul style="list-style-type: none"> • Descoberta do modo como se jogava ao jogo da macaca na Venezuela, com a colaboração da mãe de uma criança venezuelana (26-04-2017);
2 a 3 de maio de 2017	<ul style="list-style-type: none"> • Descoberta do modo como se jogava ao jogo da macaca na China, com a colaboração de um colega da Universidade de Aveiro (2-05-2017); • Jogo da memória (2-05-2017); • Diálogo e planificação da apresentação do projeto à comunidade escolar (3-05-2017).
8 a 10 de maio de 2017	<ul style="list-style-type: none"> • Preparação da apresentação do projeto (8-05-2017); • Desenho das diferentes macacas no exterior (8-05-2017); • Apresentação do projeto (9-05-2017).
15 a 17 de maio de 2017	<ul style="list-style-type: none"> • Balanço e avaliação do projeto com as crianças (16-05-2017); • Revisão dos conhecimentos adquiridos ao longo das sessões (17-05-2017).

Para a realização das atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “Viagem pelo Mundo do jogo da macaca”, referidas no quadro anterior, seguimos as três fases do trabalho por projeto – Planificação, Desenvolvimento e Avaliação (Vasconcelos, 2011; Jorge, 2013).

De seguida passamos a descrever, de forma breve, cada sessão desenvolvida com as crianças ao longo do projeto de intervenção e de investigação.

Fase I - Planificação

Sessão I – Planificação do trabalho

Na primeira sessão, realizada no dia 20 de março de 2017, começámos por perguntar às crianças se achavam que os jogos e as brincadeiras se jogavam da mesma forma nos outros países. De seguida, pretendíamos que as crianças escolhessem um jogo para o nosso projeto. Depois de referirem vários jogos, decidimos escolher o jogo da macaca para o projeto.

Com o jogo definido passámos à sua planificação, a partir do mapa de planeamento do projeto, identificando o que queríamos saber, o que já sabíamos e onde e como iríamos recolher informações sobre o que queríamos descobrir (Figura 2). Este diálogo foi realizado em grande grupo para que todos pudessem participar na planificação do projeto e a partir desse diálogo chegámos à seguinte questão “Será que o jogo da macaca se joga da mesma forma noutros países?”. De seguida seleccionámos os países nos quais iríamos pesquisar se jogavam ao jogo da macaca e também ficou definido a quem é que iríamos pedir ajuda, como por exemplo, aos pais das crianças dos países escolhidos. Para a escolha dos países referidos anteriormente demos preferência às nacionalidades/culturas existentes no grupo.


MAPA DE PLANEAMENTO DO PROJETO			
O QUE SABEMOS	O QUE QUEREMOS SABER	ONDE E COMO VAMOS SABER	COMO VAMOS COMUNICAR
<ul style="list-style-type: none"> - É um jogo de salão - Existe em Portugal - Alguns materiais podem faltar - Joga-se com as mãos - É um jogo que se joga "à la mode" - Também se jogam - Jogos que são feitos - Jogos que se jogam com as mãos - Depois ajustamos a jogar a outros - É um jogo para dois ou três jogadores - Não se joga com as mãos - Também se jogam - É um jogo para dois ou três jogadores - Depois de jogar vamos fazer uma lista de 	<ul style="list-style-type: none"> - Como se joga a macaca em Portugal, França, na África, em Itália, na Venezuela e na China 	<ul style="list-style-type: none"> - Dicionário - Pesquisa dos materiais que são de outros países (China, Venezuela, França, África e Itália) - Internet - Livros de jogos 	

Figura 2 – Mapa de planeamento do projeto (sobre como se joga ao jogo da macaca nos outros países).

Fase II – Desenvolvimento

Sessão II – A jogar à macaca pelo Mundo: Portugal

Na segunda sessão, implementada no dia 22 de março de 2017, começámos por explicar às crianças que iríamos aprender como se jogava ao jogo da macaca em Portugal. Conversámos com as crianças sobre as regras e depois desenhámos a macaca no chão e no fim as crianças experimentaram jogar ao jogo da macaca em Portugal como podemos observar na Figura 3.



Figura 3 – As crianças a jogarem ao jogo da macaca.

Sessão III – Conhecemos tantas línguas

A sessão III foi realizada no dia 27 de março de 2017 e começámos por perguntar às crianças se achavam que o “jogo da macaca” se dizia da mesma forma noutros países. Em conjunto com as crianças, decidimos planificar como íamos descobrir como se diz “jogo da macaca” na Venezuela, na China, em Timor, em França e na Nigéria.

Por fim, registámos a nossa nova questão “Será que o “jogo da macaca” se diz da mesma forma nos outros países?”, no mapa de planeamento do projeto, com uma cor diferente, bem como aquilo que queríamos saber e o que já sabíamos (Figura 4).

pedido ajuda ao pai de uma das crianças para nos ensinar como se jogava ao jogo da macaca em França e como se dizia “jogo da macaca” em francês.

Nesta sessão o pai explicou as regras do jogo em francês e como se jogava ao jogo em França (Figura 6). Ao longo da explicação o pai ajudou as crianças a jogarem e aprendemos algumas palavras em francês tais como: “La Marrele” (jogo da macaca), “cailloux” (patela), “ciel” (céu) e “terre” (terra).



Figura 6 – O pai a ensinar as crianças a jogar à “La Marrele”.

Sessão V – Vamos aprender a dizer “jogo” noutras línguas

Esta sessão foi implementada no dia 28 de março de 2017 e começámos por perguntar às crianças se a palavra jogo se dizia da mesma forma ou de forma diferente nos outros países. Após um breve diálogo, apresentámos sete cartões com a palavra “jogo” escrita em diferentes línguas (Português, Espanhol, Francês, Inglês, Tétum, Mandarim e Yorùbá) e oito cartões com a bandeira dos países onde se falava essa língua (Portugal, Venezuela, Espanha, França, Reino Unido, Timor, China e Nigéria).



Figura 7 – As crianças a fazerem a correspondência entre a palavra “jogo” e a respetiva bandeira.

Primeiro explorámos as bandeiras, identificámos a que país pertencia e que língua se falava. Depois pedimos às crianças para fazerem a correspondência entre a palavra jogo (escrita nas diferentes línguas) e a bandeira (Figura 7). De seguida, as crianças ouviram cada palavra e, posteriormente, confirmaram se tinham colocado a palavra na bandeira de forma correta. À medida que íamos ouvindo a palavra, as crianças repetiam a mesma para começar a aprender.

A seguir realizámos um jogo com um pequeno grupo, os mais crescidos, que consistia em separar as sílabas da palavra jogo em três línguas (“jeu”, “juego” e “jogo”). As crianças tinham à sua disposição cartões com várias sílabas e várias letras e tinham de as colocar na respetiva palavra (Figura 8).

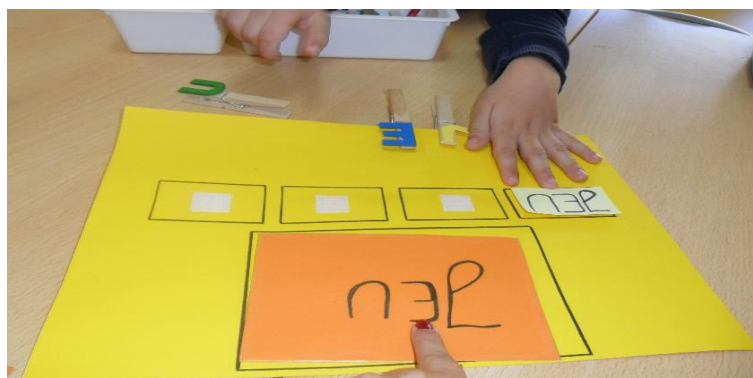


Figura 8 – As crianças a colocarem as sílabas e as respetivas letras das palavras.

No final, as crianças identificaram semelhanças e diferenças entre as palavras de diferentes línguas, quais as que tinham mais ou menos letras (Ex: As palavras “jogo” e “game” têm o mesmo número de letras), quais as que começavam da mesma forma (Ex: As palavras “jeu”, “jogo” e “juego” começam pela mesma letra) e quais as que tinham o mesmo número de sílabas. Por fim, fizemos um cartaz com as nossas descobertas para colocar no *placard*, como podemos observar na Figura 9.



Figura 9 – As nossas descobertas.

Sessão VI – A jogar à macaca pelo Mundo: Nigéria

Esta sessão realizou-se no dia 29 de março e “viajámos” até à Nigéria para aprender a jogar ao jogo da macaca e como se dizia “jogo da macaca” em yorùbá. Contámos com a ajuda da mãe da criança nigeriana para nos ensinar as regras do jogo da macaca em inglês e contámos também com a colaboração de uma educadora do jardim-de-infância para traduzir o que a mãe dizia.

A mãe explicou que a língua oficial da Nigéria era o inglês mas ela falava duas línguas, inglês e yorùbá. Posteriormente a mãe exemplificou como se jogava ao “Suwe” (jogo da macaca em yorùbá) em inglês, como podemos ver na Figura 10. Depois de observarem a exemplificação do “Suwe”, as crianças tiveram oportunidade de experimentar e jogar individualmente e em equipas.

No fim, aprendemos algumas palavras em yorùbá tais como “ere” (jogo); “ile” (casa) e “okutá” (pedra).



Figura 10 – A mãe da criança nigeriana a explicar como se jogava ao “Suwe”.

Sessão VII – A jogar à macaca pelo Mundo: Timor

No dia 3 de abril “viajámos” até Timor, para aprender como se jogava ao jogo da macaca e como se dizia. Para tal, contámos com a ajuda do pai da criança timorense para nos ensinar as regras da tapa (jogo da macaca em tétum). O pai começou por explicar as regras do jogo em tétum e depois exemplificou. Posteriormente todos tiveram a oportunidade de experimentar o novo jogo (Figura 11).



Figura 11 – As crianças a jogarem à “Tapa”.

Sessão VIII – O jogo da macaca em sete línguas

No dia 19 de abril começámos por rever as atividades que já tínhamos desenvolvido e, seguidamente, apresentámos às crianças seis cartões com a palavra “jogo da macaca” nas diferentes línguas (Português, Espanhol, Francês, Mandarim, Tétum e Yorùbá) e as respetivas bandeiras (Venezuela, Espanha, Portugal, Timor, Nigéria, França e China). As crianças tiveram a oportunidade de fazer a correspondência entre os cartões, como podemos observar na Figura 12. De seguida, ouvimos e repetimos cada palavra.



Figura 12 – As crianças a fazerem a correspondência entre a palavra “jogo da macaca”, nas diferentes línguas, e a respetiva bandeira.

Posteriormente, reunimos com um pequeno grupo, os mais crescidos, e explicámos que iam ouvir quatro excertos sobre as regras do jogo da macaca em quatro línguas: francês, espanhol, tétum e mandarim. Chamámos à atenção das crianças para o facto de nestes excertos haver um intruso que não falava sobre o jogo da macaca e que elas tinham de o

detetar. Para além disso, as crianças tinham ainda de detetar em que língua estava cada um dos excertos que ouviam.

De seguida, as crianças ouviram dois excertos, um em francês e um em espanhol. Estas tinham de detetar as palavras conhecidas, como por exemplo “ciel”, “terre”. Por fim, as crianças tinham de observar os cartões com a palavra “jogo da macaca” escrita em diferentes línguas e encontrar semelhanças e diferenças, como por exemplo: a palavra “Avioncito” e “La Marrele” tinham o mesmo número de letras.

Sessão IX – A jogar à macaca pelo Mundo: Venezuela

No dia 26 de abril viajámos até à Venezuela para aprender a jogar ao jogo da macaca. Contámos com a ajuda da mãe de uma criança para nos ensinar a jogar ao “Avioncito”. A mãe começou por explicar as regras do jogo em espanhol e depois exemplificou, como podemos ver na Figura 13. Depois de observarem a exemplificação, as crianças tiveram oportunidade de experimentar e jogar.



Figura 13 – A mãe das crianças venezuelanas a explicar como se jogava ao “Avioncito”.

Sessão X – A jogar à macaca pelo Mundo: China

No dia 2 de maio contámos com a ajuda de um colega nosso da Universidade para nos ensinar a jogar ao jogo da macaca na China. Explicámos que iriam ver um vídeo onde o nosso colega ensinava, em mandarim, as regras do jogo. Depois de observarem a exemplificação as crianças tiveram oportunidade de experimentar e jogar à versão chinesa do jogo da macaca (Figura 14). Ao longo desta sessão as crianças foram identificando

semelhanças e diferenças na forma como se jogava ao jogo da macaca na China e nos outros países.



Figura 14 – As crianças a jogarem ao jogo da macaca na China.

Sessão XI – O jogo da memória

Esta sessão realizou-se no dia 2 de maio e pretendíamos rever os conhecimentos adquiridos ao longo das sessões sobre as diferentes formas de jogar ao jogo da macaca através de um jogo da memória. Explicámos às crianças que tinham seis cartões com o nome “jogo da macaca” escrito em espanhol, português, mandarim, francês, tétum e yorubá e seis cartões com o desenho das seis “macacas” que nós tínhamos aprendido (a de Portugal, a da Venezuela, a da França, a da China, a de Timor e a da Nigéria). Formámos duas equipas e cada uma tinha de tentar formar um par com o nome do jogo da macaca e o respetivo desenho, como podemos observar na Figura 15.

Após todas as crianças jogarem, perguntámos às crianças qual o jogo da macaca que mais gostaram, qual a versão do jogo que acharam mais fácil/difícil e, posteriormente, pedimos que fizessem o registo da versão do jogo da macaca que mais gostaram.



Figura 15 – As crianças a jogarem ao jogo da memória.

Sessão XII – Vamos ensinar os jogos que aprendemos

Nos dias 3 e 8 de maio de 2017, e pretendíamos conversar com as crianças sobre o que aprenderam nas sessões que desenvolvemos ao longo do projeto “Viagem pelo Mundo do jogo da macaca”. As crianças identificaram as diferenças e as semelhanças existentes entre as seis formas de jogar ao jogo da macaca que aprendemos.

De seguida, planificámos em grande grupo como íamos apresentar o nosso projeto às outras salas. Definimos quem iria ser o apresentador e quem iria explicar como se jogava o jogo nos seis países. Depois reunimos com as crianças para definir o que iam dizer e como iam exemplificar e posteriormente fomos pintar as diferentes macacas no exterior.

Sessão XIII – Apresentação do projeto

No dia 9 de maio, as crianças apresentaram o projeto “Viagem pelo Mundo do jogo da macaca” aos colegas das outras salas. O apresentador explicou que iríamos ver um pequeno vídeo sobre como se jogava ao jogo da macaca em Portugal, na Venezuela, na Nigéria, em França, em Timor e na China, e, posteriormente, cada criança explicou como se jogava cada uma das versões. Depois da apresentação as crianças tiveram a oportunidade de experimentar as diferentes formas de jogar ao jogo da macaca no exterior, como podemos observar na Figura 16.



Figura 16 – As crianças a jogarem no exterior.

Fase III – Avaliação

Sessão XIV- Avaliação e balanço do projeto

Por fim, nos dias 16 e 17 de maio, as crianças mais crescidas realizaram uma atividade de correspondência gráfica para rever os conhecimentos adquiridos. Nesta atividade tinham de indicar quais eram as bandeiras que tinham apenas duas cores (Figura 17) e tinham de fazer corresponder o símbolo da macaca à respetiva palavra (Figura 18), ou à respetiva bandeira.

Ainda nesta última sessão, fizemos um balanço/avaliação do projeto reconhecendo o que mais gostaram, se mudavam alguma coisa e se queriam continuar.

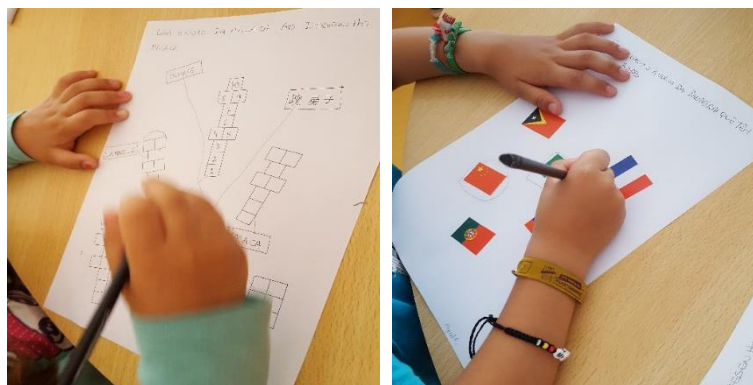


Figura 17 e 18 – As crianças a fazerem atividades de correspondência gráfica.

3.2 Procedimento metodológicos: investigação-ação

Após termos apresentado o nosso projeto de intervenção e investigação, de seguida apresentamos, de forma fundamentada, a metodologia escolhida para o projeto. Considerámos que a metodologia de investigação qualitativa do tipo investigação-ação é a que melhor se adapta ao nosso projeto e ao alcance das possíveis respostas à questão inicial.

Ao optar por uma investigação qualitativa do tipo investigação-ação permitiu-nos um maior envolvimento e autonomia no processo de ensino-aprendizagem, tendo a oportunidade de refletir, de forma crítica, sobre as nossas práticas para posteriormente poder melhorar e inovar. Como refere Carmo & Ferreira (1998, p. 180) no método qualitativo *os investigadores interessam-se mais pelo processo de investigação do que unicamente pelos resultados ou produtos que dele decorrem*. Inicialmente tivemos de conhecer o contexto no

qual estávamos inseridas, uma vez que é fundamental para posteriormente analisarmos os dados recolhidos de forma mais fundamentada e consistente.

A investigação-ação consiste *na recolha de informações sistemáticas com o objetivo de promover mudanças sociais* (Bogdan & Biklen, 1994, p. 292). Nesta perspetiva, o investigador está envolvido ativamente na investigação, dando especial atenção à realidade pela qual recai o seu interesse, com o objetivo de querer saber mais sobre ele e de produzir uma mudança.

A investigação-ação *é um processo reflexivo que caracteriza uma investigação numa determinada área problemática* (Mckernan, 1998, p. 5, in Máximo-Esteves, 2008, p. 20). Segundo Mckernan (1998), considera-se que o objetivo da investigação-ação é aperfeiçoar, compreender e reformular práticas. O investigador começa por definir o problema existente, de seguida especifica o plano de ação e, depois de testar a ação, verifica e tenta explicar a eficácia da ação realizada. Por fim, o investigador reflete sobre os resultados obtidos e comunica-os à comunidade de investigadores. Podemos concluir, segundo Mckenrnan, que *a investigação-acção é uma investigação científica sistemática e auto-reflexiva levada a cabo por práticos, para melhorar a prática* (Mckernan, 1998, p. 5, in Máximo-Esteves, 2008, p. 20).

Segundo Esteves (2002), ao remeter a investigação-ação para o campo educativo, esta trata-se de uma investigação feita pelo professor, na sala de aula, tendo como principal objetivo melhorar a sua prática. A investigação-ação pretende fomentar o desenvolvimento profissional e pessoal do docente, aumentando a sua autonomia, pois está em constante questionamento e reflexão sobre a sua prática, potenciando uma competência didática, reflexiva, analítica e compreensiva dos contextos de ação (Alarcão, 1996).

Assim, podemos afirmar que fazer investigação-ação implica planear, agir, observar e refletir sobre determinadas práticas, com o intuito de compreender e melhorar essas práticas. Segundo Fischer (2001, in Máximo-Esteves, 2008), a investigação-ação está dividida em quatro fases: **planificação** – que implica uma primeira reflexão do professor (investigador) à acerca da sua experiência, com o intuito de melhorar ou modificar as suas práticas. Nesta fase começam a surgir as primeiras questões de investigação de acordo com o que queremos investigar; **ação** – que consiste na implementação do plano de intervenção. As questões iniciais vão-se elaborando e clarificando; a **observação** – onde se realiza a

verificação dos efeitos da implementação no contexto e, por fim, a **reflexão** – que é a fase onde se faz a análise crítica das observações.

Inicialmente procurámos planejar cuidadosamente todas as atividades que iriam ser desenvolvidas com o objetivo de melhorar a nossa prática e, ao longo da implementação das atividades, fomos observando as crianças, o que nos ajudou a refletir sobre as nossas práticas reconhecendo as potencialidades e limitações das mesmas. Este processo foi realizado de forma colaborativa entre diáde e com a ajuda da Orientadora Cooperante e da Orientadora da Universidade.

Assim, o nosso projeto de intervenção e de investigação teve como ponto de partida a heterogeneidade do contexto, relativamente às nacionalidades das crianças envolvidas, surgindo então a preocupação de desenvolver e implementar um projeto relativo à SDLC através do jogo, conforme já tivemos a oportunidade de referir.

Depois de termos apresentado a metodologia que seguimos, passaremos à apresentação das técnicas e instrumentos de recolha de dados utilizados.

3.2.1 Técnicas e instrumentos de recolha de dados

Carmo & Ferreira (1998) afirmam que a investigação qualitativa está associada a várias técnicas de recolha de dados, nomeadamente a observação participante e a análise documental. Uma vez que as imagens e as palavras têm uma grande importância neste projeto, os dados também podem ser recolhidos através de fotografias ou vídeogravações. Deste modo importa salientar que o investigador é detentor de uma grande flexibilidade, podendo selecionar a técnica que melhor se adapta à obtenção dos resultados para dar resposta aos seus objetivos.

Para obtermos os resultados do nosso projeto de intervenção e de investigação, utilizámos algumas técnicas e instrumentos de recolha de dados tais como a observação participante, a áudio e vídeogravação das sessões, os produtos das crianças, o inquérito por questionário realizado às famílias e as notas de campo (cf. Anexo 1), que incluem os registos orais das crianças e as nossas reflexões.

3.2.1.1 A observação do tipo participante e as gravações de vídeo e áudio das sessões

Ao longo da nossa integração no contexto de intervenção, verificámos que o tipo de observação direta que mais se ajustava ao nosso objetivo era a observação participante, uma vez que participávamos ativamente na vida coletiva do jardim-de-infância, realizando algumas atividades que faziam parte das rotinas diárias das crianças.

A observação direta é uma técnica de recolha de dados, que permite ao investigador recolher a informação que necessita para o seu projeto de intervenção e de investigação. A observação é uma técnica em que os comportamentos são captados no preciso momento da atividade, sem a mediação de um documento ou de um testemunho (Quivy & Campenhoudt, 1992, in Sá, 2007, p. 121). Segundo Pardal e Correia (1995, p. 50), este tipo de observação participante *permite, em regra, um nível mais elevado de precisão na informação do que na observação não-participante*.

Para Quivy e Campenhoudt (1992) este tipo de técnica de recolha de dados pode suscitar alguns problemas, pois muitas vezes a pessoa que está a observar e a registar é também a pessoa que está a dinamizar a atividade, dificultando o registo das suas observações. Não sendo possível registar tudo aquilo que observámos através das notas de campo e dinamizar a atividade ao mesmo tempo, verificámos que não podíamos limitar-nos à nossa memória uma vez que poderíamos eliminar dados importantes que nos ajudassem na nossa investigação.

Para colmatar esta limitação da observação participante, recorremos à áudio e vídeogravação das sessões de intervenção. A áudio e vídeogravação das sessões, permitiu-nos captar com maior rigor todas as situações, atitudes e comportamentos das crianças. Estas áudio e vídeo gravações foram transcritas e analisadas relatando tudo aquilo que aconteceu na implementação das sessões (cf. Anexo 2 e Anexo 3). Assim, podemos observar as interações estabelecidas com mais rigor e até encontrar novos pormenores relevantes para o nosso projeto de intervenção e de investigação.

Todas as sessões do projeto foram áudio e vídeo gravadas, num total de 14 sessões. É de salientar que tivemos em conta os princípios éticos inerentes aos procedimentos investigativos e que tomamos todas as precauções necessárias. Para isso averiguámos se todas as crianças do contexto pedagógico onde implementámos o projeto tinham autorização

para serem fotografadas, assinada pelos Encarregados de Educação, sendo esta autorização entregue no início do ano letivo pelos próprios ao Agrupamento. Verificámos que todas as crianças tinham autorização para serem fotografadas, mesmo assim, tivemos o cuidado de fazer o tratamento das imagens onde aparecia a cara de alguma criança, de modo a manter o seu anonimato.

3.2.1.2 Produtos das crianças

Ao longo das nossas sessões recorremos a outro instrumento de recolha de dados, como os produtos das crianças. Ao longo de todas as sessões, solicitávamos às crianças para fazerem o registo do jogo da macaca, bem como o registo das palavras novas que gostaram mais de aprender. Este tipo de registo é uma forma de as crianças comunicarem e contarem algo significativo (Salvador, 1988).

Consideramos que estes produtos são importantes para perceber qual a opinião das crianças relativamente ao que mais gostaram, na realização das sessões. Através destes recursos pudemos perceber quais as aprendizagens realizadas pelas crianças e quais as mais significativas para cada uma. Estes registos foram realizados no fim de cada sessão.

3.2.1.3 Inquérito por questionário às famílias

O inquérito por questionário é um instrumento de recolha de dados constituído por um número limitado de questões escritas, sendo este muito utilizado para recolher informações junto de um conjunto alargado de pessoas, com carácter extensivo. Serve para medir atitudes e outras informações sobre conteúdos cognitivos e formas de pensar dos participantes.

As principais vantagens do inquérito por questionário são: a natureza impessoal e padronizada das perguntas; a uniformização das perguntas, permitindo comparar as respostas; o anonimato, ajudando os inquiridos a exprimirem-se livremente e é bastante rápido em termos de tempo e bastante barato (Pardal & Correia, 2011; Hill & Hill, 2000; Tuckman, 2000).

O inquérito por questionário foi entregue a todos os encarregados de educação e tinha a finalidade de obter informação sobre aquilo que as crianças falaram em casa acerca do

projeto “Viagem pelo Mundo do jogo da macaca” (cf. Anexo 4). Pretendíamos compreender, também, qual a importância que as famílias deram a este projeto, bem como perceber o impacto que o mesmo teve nas crianças ao nível das suas aprendizagens através das percepções dos pais.

Dos vinte e quatro questionários entregues obtivemos uma taxa de retorno próxima dos 50%. Os dados obtidos através dos questionários visavam complementar as informações que recolhemos a partir da observação direta e das áudio e vídeo gravações (cf. Anexo 5).

Síntese

Através da metodologia de investigação-ação e das técnicas e dos instrumentos de recolha de dados utilizados na elaboração deste projeto, obtivemos informações que são essenciais para conhecermos o contexto onde implementámos o nosso projeto de intervenção e de investigação e compreendermos de que modo as atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “Viagem pelo Mundo do jogo da macaca” contribuíram para o desenvolvimento da cultura linguística das crianças com as quais trabalhamos.

No próximo capítulo, iremos apresentar, analisar e interpretar os dados recolhidos durante a implementação do projeto de intervenção e de investigação, com o objetivo de darmos resposta à questão e aos objetivos de investigação deste projeto.

Capítulo IV – Apresentação e análise dos dados recolhidos

Introdução

No capítulo anterior, apresentámos o nosso projeto de intervenção e de investigação e apresentámos e justificámos a metodologia que seguimos. De seguida, iremos apresentar e analisar os dados recolhidos ao longo da implementação das sessões, com o intuito de avaliar e compreender os efeitos da abordagem SDL no desenvolvimento da cultura linguística, através do jogo, junto das crianças com as quais trabalhamos.

Numa primeira parte iremos referir a técnica de análise dos dados recolhidos e posteriormente, procuraremos especificar o processo de definição e de construção das categorias de análise e as respetivas subcategorias a partir das quais organizámos os dados recolhidos.

Por último, procedemos à apresentação e análise dos dados e à discussão dos resultados, organizados de acordo com as categorias definidas. O nosso *corpus* de análise é constituído pelas transcrições das áudio e vídeo gravações. As notas de campo, decorrentes da observação participante, os produtos das crianças e os dados recolhidos a partir do inquérito por questionário serão utilizados como informação complementar sempre que se revelar oportuno. Com a análise dos dados pretendemos perceber de que modo é que as atividades lúdicas de SDL, nomeadamente o jogo, contribuíram para o desenvolvimento da cultura linguística das crianças.

4.1 Metodologia de análise de dados: análise de conteúdo

Ao debruçarmo-nos sobre o processo de análise dos dados, no âmbito do nosso projeto de intervenção e de investigação, considerámos que nos deveríamos focar na técnica de análise de conteúdo que pressupõe a construção de um sistema de categorias.

Com efeito, a análise de conteúdo parece ser a técnica mais adequada para o tratamento e análise dos dados recolhidos, tratando-se de uma *técnica de investigação através da qual se viabiliza, de modo sistemático e qualitativo, a descrição do conteúdo da comunicação* (Pardal & Correia, 1995, p. 72).

Segundo Bardin (1988, p. 42) a análise de conteúdo apresenta uma dimensão descritiva, em que se narra o que aconteceu, e uma dimensão interpretativa, que decorre das interrogações do analista face ao objeto de estudo. A inferência de conhecimento a partir das

condições de produção da mensagem do seu emissor ou do contexto é uma das grandes finalidades da análise de conteúdo. Ao longo da análise de conteúdo pretende-se encontrar o que está para além daquilo que é evidente.

Para Pardal e Correia (1995), a análise de conteúdo recai sobre a captação das ideias e dos significados da comunicação, assim como sobre a análise dos pensamentos dos sujeitos que estabelecem uma comunicação, dando a possibilidade ao investigador de interpretar a mensagem, recolhendo dela informações que podem ser, posteriormente, organizadas em categorias.

Com este tipo de análise pretendíamos obter informações que nos orientassem na inferência de conhecimentos sobre a forma como as crianças desenvolveram a sua cultura linguística na interação com as atividades lúdicas de SDL.

Nesta linha de pensamento, a nossa análise de conteúdo organizou-se em três fases (cf. Bardin, 1988, p. 95). A primeira fase, designada de *pré-análise*, tem como finalidade organizar e sistematizar ideias, de modo a construir um esquema objetivo, permitindo o desenvolvimento eficaz de todo o processo. No nosso projeto, esta fase correspondeu à fase em que organizámos os dados recolhidos, tendo como finalidade a elaboração de um desenho claro e objetivo para poder construir conhecimento acerca da nossa problemática, sendo esta perceber de que modo as atividades lúdicas associadas à SDLC ajudaram na construção de uma consciência fonológica plurilingue e, conseqüentemente, no desenvolvimento da cultura linguística das crianças. Para isso transcrevemos as áudio e vídeo gravações, uma vez que estas são mais rigorosas e fidedignas permitindo assim verificar de que forma as atividades de SDL, articuladas com o jogo, podiam (ou não) contribuir para a construção de uma consciência fonológica plurilingue e para o desenvolvimento da cultura linguística das crianças. Ainda nesta fase, procedemos à leitura das transcrições, com o objetivo de conhecer o seu conteúdo e definir os procedimentos a aplicar, nomeadamente as categorias que restringiriam as dimensões em análise.

Numa segunda fase, designada de *exploração do material*, tratou-se da fase de análise, uma vez que já foram tomadas as decisões que nos permitiram organizar a nossa análise e ainda nesta fase passámos a analisar os dados conforme as categorias previamente definidas.

A última fase, *tratamento dos resultados obtidos e interpretação*, corresponde à fase em que os dados são tratados de forma a obter significado e a serem válidos, propondo a

criação de possíveis inferências e de interpretações de acordo com o quadro teórico e os objetivos definidos para o projeto.

Depois de termos definido, de forma sucinta, em que consiste a análise de conteúdo, de justificarmos a sua utilização neste projeto e de descrevermos os procedimentos adotados, no ponto seguinte iremos apresentar as categorias de análise e sobre as quais nos iremos debruçar na análise dos dados.

4.1.1 Categorias de Análise

De forma a organizar os dados recolhidos, e conforme já referimos anteriormente, estruturamos toda a informação recolhida em categorias de análise. Segundo Bardin (1988, p. 117), trata-se de um processo de classificação de elementos essenciais a um determinado conjunto por diferenciação e por reagrupamento, tendo em conta algo em comum. Portanto ao organizarmos a informação por categorias estamos a classificar e agrupar um grupo de elementos, tendo em conta especificidades comuns. No entanto, estas categorias de análise têm de ser adaptadas à nossa realidade, indo ao encontro dos objetivos do nosso projeto de intervenção e de investigação que nos propusemos a atingir.

De seguida iremos apresentar, no Quadro 4, o sistema de categorias que construímos.

Quadro 4 - Categorias e subcategorias de análise

Categorias	Subcategorias
Dimensão Socioafetiva /Atitudinal	1.1. Expressar sensibilidade e abertura tendo consciência da diversidade de línguas e de culturas existentes no mundo; 1.2. Demonstrar curiosidade em descobertas sobre o funcionamento de línguas diferentes da sua;
Dimensão Capacidades (Cultura linguística)	2.1. Ser capaz de identificar e pronunciar palavras numa língua diferente da sua; 2.2. Ser capaz de encontrar semelhanças e estabelecer comparações entre a sua língua e uma língua diferente; 2.3. Ser capaz de expressar os seus próprios conhecimentos sobre uma língua; 2.4 Ser capaz de realizar a divisão silábica de palavras na sua língua e noutras línguas.

Quanto à primeira categoria, “**Dimensão Socioafetiva/Atitudinal**”, considerámos que seria pertinente existir uma categoria ligada às dimensões que estão presentes na fase de desenvolvimento das crianças em idade Pré-Escolar. Esta categoria também inclui as dimensões da competência plurilingue e da cultura linguística, uma vez que abrange as motivações que o sujeito cria ao interagir com os outros, bem como as atitudes que este demonstra em relação às línguas e às culturas (Andrade et al., 2003). Por isso, nesta categoria estão inseridas todas as unidades de registo que evidenciam atitudes e valores como a curiosidade, o interesse, a motivação, o respeito, a abertura e a aceitação de forma positiva do Outro e da sua forma de comunicar.

Deste modo, subdividimos esta categoria em duas subcategorias: exprimir sensibilidade e abertura tendo consciência da diversidade de línguas e de culturas existentes no mundo e demonstrar curiosidade em descobertas sobre o funcionamento de línguas diferentes da sua. No quadro seguinte, apresentamos os indicadores que nos permitem compreender melhor o conteúdo de cada uma destas subcategorias.

Quadro 5 – Categoria 1 – Dimensão Socioafetiva/Atitudinal

Subcategorias	Indicadores
1.1 Expressar sensibilidade e abertura tendo consciência da diversidade de línguas e de culturas existentes no mundo	Unidades de registo que evidenciam se as crianças mostram ter consciência da diversidade de línguas e culturas que existem no mundo que as rodeia e se evidenciam sensibilidade e abertura face à mesma.
1.2. Demonstrar curiosidade em descobertas sobre o funcionamento de línguas diferentes da sua	Unidades de registo que evidenciam a curiosidade das crianças em saber mais acerca de línguas diferentes da sua.

Relativamente à segunda categoria, “**Dimensão Capacidades (Cultura linguística)**”, esta foi definida segundo o quadro teórico do conceito de competência plurilingue que se refere *ao repertório de recursos que os/as falantes adquirem nas línguas que conhecem e/ou que aprenderam e caracteriza-se por ser parcial e inacabada, porque construída ao longo da vida, desigual e desequilibrada, porque diferente de uma língua para*

outra, transversal e complexa, porque extensível a todas as línguas adquiridas ou aprendidas (Lourenço, 2013, p. 376) e de consciência fonológica, sendo a capacidade, que se alia a um conjunto de conhecimentos, que permite ao sujeito reconhecer, distinguir e manipular, de forma explícita, as estruturas sonoras básicas das línguas (ibidem, p. 376).

Desta forma, é importante verificar de que modo as sessões realizadas no âmbito do nosso projeto permitiram desenvolver a cultura linguística das crianças. Seguindo esta linha de pensamento, esta categoria analisa todas as manifestações realizadas por parte das crianças que evidenciem a aquisição de novos conhecimentos, nomeadamente ao nível lexical, através do contacto com línguas e culturas distintas da sua. Assim sendo, subdividimos esta categoria nas seguintes subcategorias: ser capaz de identificar e pronunciar palavras numa língua diferente da sua; ser capaz de encontrar semelhanças e estabelecer comparações entre a sua língua e uma língua diferente; ser capaz de expressar os seus próprios conhecimentos sobre uma língua; ser capaz de realizar a divisão silábica de palavras na sua língua e noutras línguas. No quadro seguinte apresentamos os indicadores para que se torne mais perceptível cada subcategoria.

Quadro 6 – Categoria 2 – Dimensão Capacidades (Cultura linguística)

Subcategorias	Indicadores
2.1. Ser capaz de identificar e pronunciar palavras numa língua diferente da sua	Unidades de registo que evidenciam que as crianças identificam e pronunciam palavras de outras línguas de forma facultativa ou sempre que solicitado
2.2. Ser capaz de encontrar semelhanças e estabelecer comparações entre a sua língua e uma língua diferente	Unidades de registo que evidenciam que as crianças conseguem distinguir, comparar e estabelecer semelhanças entre línguas diferentes da sua, tanto a nível oral como escrito
2.3. Ser capaz de expressar os seus próprios conhecimentos sobre uma língua	Unidades de registo que evidenciam os conhecimentos que as crianças têm acerca de línguas diferentes da sua
2.4 Ser capaz de realizar a divisão silábica de palavras na sua língua e noutras línguas	Unidades de registo que evidenciam que as crianças conseguem fazer a divisão silábica na sua língua e numa língua diferente da sua

Após definirmos as categorias e as subcategorias de análise e os respectivos indicadores passámos a distribuição das unidades de registo pelas categorias/subcategorias (cf. Anexo 3). De seguida, passaremos à apresentação, análise e interpretação dos dados recolhidos tendo como suporte o sistema de categorias definido.

4.2 Apresentação, análise e interpretação dos dados

Para iniciar a análise e interpretação dos dados começaremos pela categoria “Dimensão Socioafetiva/Atitudinal” e, posteriormente, passaremos para a categoria “Dimensão Capacidades (Cultura linguística)”, fazendo no final uma síntese global dos resultados obtidos. Importa ainda referir que, tendo em conta os dados recolhidos ao longo das sessões desenvolvidas no âmbito deste projeto, mais concretamente as transcrições das vídeogravações das sessões, iremos selecionar os episódios que consideramos serem mais reveladores para cada uma das subcategorias apresentadas no ponto anterior.

4.2.1 Dimensão Socioafetiva/Atitudinal

Relativamente à subcategoria **“Expressar sensibilidade e abertura tendo consciência da diversidade de línguas e de culturas existentes no mundo”**, esta visa ajudar-nos a compreender se as crianças estão conscientes da existência de uma diversidade de línguas e de culturas e se demonstram sensibilidade e abertura face ao outro que é diferente. Posto isto, na sessão, *Conhecemos tantas línguas*, era pedido às crianças para construir uma árvore linguística de grupo, com o intuito de sabermos quais as línguas sobre as quais já tinham ouvido falar, quais as línguas que consideravam saber falar e quais as línguas que gostariam de aprender. Direcionando a atenção para esta sessão podemos afirmar que algumas das crianças sabem que existem outras línguas para além da sua, conforme é visível no seguinte episódio.

Sessão III – Conhecemos tantas línguas

Anexo 3.3 – Construção da árvore linguística de grupo

Episódio 1

Contextualização - As educadoras estagiárias estão sentadas com as crianças e estabelecem um diálogo com o intuito de planificar como vão saber como se diz “jogo da macaca” nos outros países. Primeiro começámos por definir os países onde íamos pesquisar e depois encaminhámos a conversa para a importância de conhecer várias línguas.

Episódio 1a

Daniel: *Nigéria.*

Educadora Estagiária Maria Miguel: *Boa, na Nigéria. E na Nigéria falam que língua?*

António: *Inglês!*

Educadora Estagiária Maria Miguel: *Boa, mas o inglês também se fala noutros países ou é só na Nigéria?*

António: *Na Inglaterra.*

Daniel: *Timor.*

Educadora Estagiária Maria Miguel: *Boa, e que língua é que se fala?*

Daniel: *Tétum.*

Educadora Estagiária Maria Miguel: *Boa. Então vamos descobrir como é que se joga à macaca nestes países, certo? Como é que se joga. Então será que se diz jogo da macaca também?*

Bruno: *Não.*

Educadora Estagiária Maria Miguel: *Achas que não? Tens uma ideia de como é que se chama?*

Bruno: *Não.*

Educadora Estagiária Maria Miguel: *Pois. Eu também não. Mas eu gostava de descobrir.*

Bruno: *Eu não sei porque eu não ando nos outros países nem à volta do mundo.*

(...)

Episódio 1b

Educadora Estagiária Maria Miguel: *Boa, a patela. Então no mundo só existe a nossa língua? Existem muitas ou poucas?*

Várias crianças: *Muitas!*

Educadora Estagiária Maria Miguel: *Muitas línguas. E nós já escolhemos algumas não foi? O inglês, o espanhol, o francês...*

António: *Existem mais de 10*

Nestes dois excertos (a e b) do episódio 1 observamos que as crianças estão conscientes de que existem muitas línguas no mundo. Devemos salientar que em todas as sessões em que se falava das línguas dos países nos quais fomos ver se se jogava ao jogo da macaca e como se jogava, nós e a orientadora cooperante tínhamos sempre em atenção o facto de não se falar apenas uma língua em alguns países abordados, como foi o caso da Nigéria e de Timor. Este aspeto era sempre referido para que as crianças não ficassem com a ideia que, por exemplo, o inglês só se falava num país, como pudemos observar no episódio anteriormente referido.

Na quarta sessão, *Vamos aprender a dizer jogo noutras línguas*, antes de iniciar a atividade estabelecemos um diálogo com as crianças de modo a perceber qual era a opinião deles relativamente às línguas existentes no mundo. Com o episódio seguinte podemos verificar que as crianças sabem que existem várias línguas e reconhecem a importância de conhecer várias línguas. As crianças evidenciaram uma abertura e sensibilidade às línguas e à sua forma de comunicar. Podemos mencionar ainda, que duas crianças demonstraram alguma preocupação em conseguir comunicar com pessoas de outras línguas, conforme podemos observar a partir do episódio 2.

Sessão IV – *Vamos aprender a dizer jogo noutras línguas*

Anexo 3.4 – Descoberta como se diz a palavra “jogo” nos outros países

Episódio 2

Contextualização - As educadoras estagiárias estavam a contextualizar a atividade e perguntaram às crianças porque é que era importante aprender palavras noutras línguas.

Daniel: *É importante conhecermos muitas línguas.*

Educadora Cooperante Fátima: *Porque é que é importante? Toca a pensar.*

Nuno: *É divertido.*

Bruno: *É giro para conhecermos novos amigos de outros países.*

Educadora Estagiária Maria Miguel: *Perfeito. Para que é importante sabermos várias línguas?*

Mónica: *Para sermos felizes.*

Albino: *Para conseguirmos falar com as outras pessoas para lhes perguntar.*

Educadora Estagiária Maria Miguel: *Se alguém nos perguntar uma coisa noutra língua nos não conseguimos responder.*

Mónica: *Por exemplo, tu falas em chinês e eu falo em Portugal e tu não percebes nada.*

Educadora Estagiária Maria Miguel: *Pois nem tu me percebes. Assim é difícil.*

Albino: *Nem a escrever porque os chineses falam em desenho.*

Os episódios anteriores indicam que as crianças possuem consciência da importância do plurilinguismo, demonstrando a sua sensibilidade em relação às línguas e à própria diversidade linguística. Na nossa perspetiva isto deve-se, talvez, pela pluralidade de repertórios existentes no grupo. Estes resultados vêm confirmar o que refere Andrade (1997) quando defende que o ensino e a aprendizagem de línguas têm um impacto positivo nas crianças, uma vez que melhora a compreensão e abertura ao Outro e também a capacidade de resolver problemas que afetam a humanidade.

Passando para a subcategoria seguinte, “**Demonstrar curiosidade em descobertas” sobre o funcionamento de línguas diferentes da sua**”, esta remete para os dados que indicam que as crianças se sentem motivadas e curiosas em conhecer outras línguas e culturas diferentes da sua, desde os comentários que fazem acerca das línguas que vão conhecendo, bem como, a vontade de querer conhecer o jogo da macaca naquele país. Desta forma, relativamente à primeira sessão, *Definição do problema e planificação do trabalho*, é evidente a curiosidade e o interesse demonstrado por algumas crianças em aprender novas palavras em línguas diferentes da sua, como podemos observar no seguinte episódio.

Na quarta sessão, *Vamos aprender a dizer jogo noutras línguas*, as crianças tiveram a oportunidade de aprender a dizer “jogo” nas diferentes línguas. Inicialmente mostrámos às crianças sete cartões com a palavra “jogo” e pedimos para fazerem corresponder a palavra à respetiva bandeira. ao longo desta sessão pudemos constatar o entusiasmo das crianças relativamente ao mandarim, sendo que uma das crianças pegou no cartão com a palavra jogo

em mandarim e disse logo que aquela pertencia à China uma vez que tinha desenhos e conseguiu distinguir das outras palavras. No episódio seguinte podemos observar a criança a explicar.

<p align="center">Sessão IV – Vamos aprender a dizer jogo noutras línguas</p> <p align="center">Anexo 3.4 – Descoberta como se diz a palavra “jogo” nos outros países</p> <p align="center">Episódio 4</p>
Contextualização – cf. Episódio 2
<p>António: <i>Falam mandarim.</i></p> <p>Educadora Estagiária Maria Miguel: <i>Boa. Albino faz lá a da China. (Ele faz a correspondência entre a palavra e a bandeira.) Porque é que achas que essa é daí?</i></p> <p>Albino: <i>Porque tem desenhos.</i></p> <p>Educadora Estagiária Maria Miguel: <i>As nossas letras chamam-se alfabeto.</i></p> <p>Albino: <i>Mas isto é diferente daquela e de todas aquelas por isso é que eu sei.</i></p>

As crianças perceberam que os sistemas de escrita ideográficos, como o chinês, usam caracteres que parecem desenhos. Com esta reflexão partilhamos da perspetiva de Lourenço (2013) quando afirma que as crianças em idade pré-escolar são *capazes de descobrir e explorar ativa e avidamente as línguas e de formular regras sobre o seu funcionamento* (p.330).

4.2.2 Dimensão Capacidades (Cultura linguística)

Atendendo à subcategoria “**Ser capaz de identificar e pronunciar palavras numa língua diferente da sua**”, esta permite-nos perceber se as crianças reconheceram palavras em línguas diferentes da sua e se as pronunciaram sempre que era pedido ou voluntariamente. Assim, na quarta sessão, *Vamos aprender a dizer jogo noutras línguas*, durante o diálogo sobre as diferentes formas de dizer “jogo” podemos mencionar que algumas crianças conseguiram identificar e pronunciar a palavra “jogo” em inglês. Como podemos observar no episódio que se segue uma criança pronuncia a palavra “father” e isto deve-se ao facto de termos realizado uma atividade com a palavra “pai” escrita em várias

línguas. Portanto, podemos concluir que algumas crianças conseguem identificar e pronunciar palavras numa língua diferente sempre que solicitado.

<p align="center">Sessão IV – Vamos aprender a dizer jogo noutras línguas</p> <p align="center">Anexo 3.4 – Descoberta como se diz a palavra “jogo” nos outros países</p> <p align="center">Episódio 5</p>
Contextualização - cf. Episódio 2
<p>Educadora Estagiária Maria Miguel: <i>Jogo, boa. Hoje vamos descobrir como se diz jogo. Como se diz em inglês?</i></p> <p>António: <i>GAME.</i></p> <p>Educadora Estagiária Maria Miguel: <i>E como é em português?</i></p> <p>António: <i>Jogo.</i></p> <p>Mónica: <i>Em inglês é father.</i></p>

Ainda na quarta sessão, após a exploração da palavra jogo em grande grupo, reunimos com um grupo mais pequeno e de modo a relembrar a atividade anterior perguntámos às crianças se a palavra “juego” se dizia com o som [ʒ] e uma criança corrigiu-nos dizendo que se dizia com o som [R], como é visível no seguinte episódio.

<p align="center">Sessão IV – Vamos aprender a dizer jogo noutras línguas</p> <p align="center">Anexo 3.4 – Descoberta como se diz a palavra “jogo” nos outros países</p> <p align="center">Episódio 6</p>
Contextualização – As educadoras estagiárias reuniram com os mais crescidos e estivemos a explorar as palavras game, jogo, jeu, juego, de modo a encontrar semelhanças e diferenças entre a palavra jogo nas diferentes línguas,
<p>Educadora Estagiária Maria Miguel: <i>Então como se diz? É juego (com som [ʒ])?</i></p> <p>Daniel: <i>Juego (som de [R]).</i></p>

Este episódio revela que as crianças conseguem associar e comparar palavras em português com as suas equivalentes noutras línguas e conseguem isolar e discriminar segmentos noutras línguas. Ao comparar a língua portuguesa com a língua espanhola as crianças comparam a palavra “jogo” e “juego” percebendo que a letra “J” se diz de forma

diferente, estando a revelar o desenvolvimento das suas capacidades fonológicas. As crianças segmentam palavras pronunciadas oralmente e identificam que a palavra portuguesa se inicia com o som [3], enquanto que a palavra espanhola se inicia com o som [R].

Perante estes dois episódios (episódios 5 e 6) podemos comprovar que algumas crianças conseguem identificar rapidamente palavras numa língua diferente da sua, nomeadamente a palavra “jogo”.

Relativamente à oitava sessão, *O jogo da macaca em sete línguas*, durante a audição das regras do jogo da macaca em francês as crianças conseguiram identificar e, posteriormente, pronunciar as palavras que tinham conseguido reconhecer. Além de conseguirem identificar palavras relacionadas com o jogo da macaca, as crianças conseguiram associar as palavras reconhecidas e identificar a língua que estavam a ouvir.

<p style="text-align: center;">Sessão VIII - O jogo da macaca em sete línguas</p> <p style="text-align: center;">Anexo 3.8 – Descoberta como se diz “jogo da macaca” nos outros países</p> <p style="text-align: center;">Episódio 7</p>
<p>Contextualização – As educadoras estagiárias pretendiam dar a conhecer às crianças as diferentes designações do jogo da macaca em seis países. De seguida as crianças ouviram quatro excertos e tiveram de identificar a língua que estavam a ouvir e encontrar semelhanças e diferenças entre as palavras apresentadas na atividade de grande grupo.</p>
<p>Bruno: <i>Está a falar. Sim está a falar do jogo da macaca.</i></p> <p>Daniel: <i>Já sei, Venezuela.</i></p> <p>Educadora Estagiária Maria Miguel: <i>Fala do jogo da macaca?</i></p> <p>Bruno: <i>Sim porque eu ouvi cailloux.</i></p> <p>Educadora Estagiária Maria Miguel: <i>Essa palavra é de que língua?</i></p> <p>Daniel: <i>Cailloux é pedra.</i></p> <p>(...)</p> <p>Educadora Estagiária Maria Miguel: <i>Muito bem, ouvimos a explicação de que país?</i></p> <p>Várias crianças: <i>França.</i></p>

Importa referir ainda que as crianças aprenderam outras palavras relacionadas com o jogo da macaca noutras línguas. Como vimos no episódio anterior aprenderam a palavra

“cailloux”. Esta aprendizagem é reforçada por alguns pais na resposta ao questionário (cf. Anexo 5). Com efeito, no inquérito por questionário que passámos aos pais com o objetivo de identificar quais tinham sido as aprendizagens realizadas pelas crianças, colocámos aos mesmos a seguinte questão *Com base nos relatos do(a) seu(sua) filho(a), indique quais as aprendizagens que ele(a) referiu ter realizado relacionado com a diversidade linguística e cultural* e estes referiram, nomeadamente, algumas aprendizagens relacionadas com novas palavras noutras línguas como podemos verificar nos excertos seguintes retirados do questionário referido anteriormente:

Quadro 7 – Excertos das respostas aos questionários entregues aos pais

Respondente	Aprendizagens realizadas pelas crianças na perspetiva dos pais
Mãe do Daniel	“Conhecimento do jogo da macaca noutros países e como se diz, o mesmo, noutras línguas”
Pai do João	“Nome da macaca em várias línguas”
Mãe do Mateus	“(…) disse que aprendeu a dizer «jogo da macaca» em várias línguas”
Pai da Inês	“Pronunciava as palavras associadas ao jogo nas diferentes línguas”
Mãe da Luísa	“Explicou algumas das diferentes formas de jogar a macaca aprendidas, bem como algumas palavras das diferentes línguas.”
Mãe da Íris	“Aprendeu alguns nomes de países e algumas palavras novas em outras línguas”

Estes dados recolhidos através do inquérito por questionário reforçam a relevância que o projeto teve para as crianças pois em casa falavam com os pais sobre o mesmo.

Através dos dados obtidos pelas vídeo gravações realizadas durante a oitava sessão, constatámos que a maior parte das crianças conseguiu identificar e pronunciar algumas palavras em francês, de entre as que foram abordadas ao longo da sessão. No entanto, relativamente ao mandarim as crianças só conseguiram reconhecer a palavra “jogo da macaca” e identificar a língua ouvida, como podemos observar no episódio seguinte.

<p align="center">Sessão VIII - O jogo da macaca em sete línguas</p> <p align="center">Anexo 3.8 – Descoberta como se diz “jogo da macaca” nos outros países</p> <p align="center">Episódio 8</p>
Contextualização – cf. Episódio 6
<p>Educadora Estagiária Maria Miguel: <i>Vamos ouvir.</i></p> <p>Bruno: <i>Mandarim?</i></p> <p>Educadora Estagiária Maria Miguel: <i>Bruno, disseste que era mandarim? Mas nos já aprendemos o jogo da macaca em mandarim?</i></p> <p>Bruno: <i>Não. Eu não percebi nadinha.</i></p> <p>Educadora Estagiária Maria Miguel: <i>Nós ainda não ouvimos o meu amigo a falar como é que sabemos se é mandarim ou não?</i></p> <p>Bruno: <i>Eu acho que é mandarim pela maneira de falar, tem um som estranho.</i></p>

No que concerne à subcategoria “**Ser capaz de encontrar semelhanças e estabelecer comparações entre a sua língua e uma língua diferente**”, abrange todos os dados que nos ajudam a perceber se as crianças conseguiram distinguir línguas diferentes da sua, se estabeleceram comparações e encontraram semelhanças entre as mesmas, tanto a nível escrito como oral. Desta forma, na quarta sessão, *Vamos aprender a dizer jogo noutras línguas*, é possível verificar que uma das crianças compara a palavra jogo e a palavra game, acabando por estabelecer uma comparação entre palavras da língua portuguesa e palavras da língua inglesa, como podemos observar no episódio seguinte.

<p align="center">Sessão IV – Vamos aprender a dizer jogo noutras línguas</p> <p align="center">Anexo 3.4 – Descoberta como se diz a palavra “jogo” nos outros países</p> <p align="center">Episódio 9</p>
Contextualização – cf. Episódio 5
<p>Daniel e Íris: <i>E quatro letras.</i></p> <p>Educadora Estagiária Maria Miguel: <i>Olha já nos tinha acontecido isto, em que palavra?</i></p> <p>Bruno: <i>Game.</i></p> <p>(...)</p> <p>Educadora Estagiária Maria Miguel: <i>O português e o inglês têm as mesmas.</i></p>

Bruno: *Letras.*

Educadora Estagiária Maria Miguel: *O mesmo número de letras.*

Seguindo a linha de pensamento do episódio anterior, percebemos que as crianças começaram a criar comparações entre as letras das palavras, como podemos verificar no episódio seguinte.

Sessão IV – Vamos aprender a dizer jogo noutras línguas

Anexo 3.4 – Descoberta como se diz a palavra “jogo” nos outros países

Episódio 10

Contextualização – cf. Episódio 5

Educadora Estagiária Maria Miguel: *Batemos as palmas Jue – go.*

(...)

Bruno: *Essa palavra tem três letras que o jogo tem.*

Educadora Estagiária Maria Miguel: *É verdade. Quais são?*

Bruno: *J (jota), G O.*

Ainda nesta sessão constatámos que algumas crianças tentaram encontrar letras do seu nome nas palavras em diferentes línguas, como é visível no episódio seguinte.

Sessão IV – Vamos aprender a dizer jogo noutras línguas

Anexo 3.4 - Descoberta de como se diz a palavra “jogo” nos outros países

Episódio 11

Contextualização – cf. Episódio 5

Bruno: *Até tem o jota (J) de Joana.*

Educadora Estagiária Maria Miguel: *É verdade a Joana tem o jota. E quem tem este “eme” (M)? Eu tenho.*

António, Albino e Íris: *Eu também tenho.*

Bruno: *Eu não tenho nenhuma dessas.*

Elena: *Eu tenho este O.*

Na oitava sessão as crianças estabeleceram comparações entre a palavra jogo da macaca nas diferentes línguas, tentando encontrar o mesmo bocadinho em várias palavras. Depois da análise as crianças conseguiram identificar duas palavras em que o mesmo bocadinho surge em posição inicial, sendo este, “Marelle”, na língua francesa e “Macaca”, na língua portuguesa. É possível observar esta situação através do episódio que se segue.

<p align="center">Sessão VIII - O jogo da macaca em sete línguas</p> <p align="center">Anexo 3.8 – Descoberta como se diz “jogo da macaca” nos outros países</p> <p align="center">Episódio 12</p>
Contextualização – cf. Episódio 6
<p>Educadora Estagiária Maria Miguel: <i>Olhem e há aqui alguma que comece pelas mesmas letras?</i></p> <p>António: <i>Sim.</i></p> <p>Educadora Estagiária Maria Miguel: <i>Há alguma que comece com S?</i></p> <p>Várias crianças: <i>Não.</i></p> <p>(...)</p> <p>Educadora Estagiária Maria Miguel: <i>E com M?</i></p> <p>Bruno e Íris: <i>Esta [macaca].</i></p> <p>Educadora Estagiária Maria Miguel: <i>Boa, em França a segunda palavra começa com a mesma letra que a nossa, marelle e macaca.</i></p>

No que diz respeito à subcategoria “**Ser capaz de expressar os seus próprios conhecimentos sobre uma língua**”, compreende todos os dados que indicam os conhecimentos das crianças relativamente a línguas diferentes da sua. Portanto, na sexta sessão, *A jogar à macaca pelo Mundo: Nigéria*, na apresentação da mãe da criança nigeriana ao grupo, a educadora que nos ajudou perguntou às crianças se antes de a mãe explicar o jogo gostavam de lhe fazer alguma pergunta e uma criança manifestou os seus conhecimentos prévios sobre a língua que a mesma falava, como é evidente no episódio seguinte.

<p align="center">Sessão VI – A jogar à macaca pelo Mundo: Nigéria</p> <p align="center">Anexo 3.5 – Jogo da macaca na Nigéria</p> <p align="center">Episódio 13</p>
Contextualização – A educadora estava a traduzir o que a mãe da criança nigeriana dizia em inglês.
<p>António: <i>What's your name?</i></p> <p>Sara Joana: <i>Conseguem dizer? Afsou. Querem então perguntar como se diz Nigéria?</i></p> <p>Educadora Estagiária Maria Miguel: <i>Que língua é que eles falam?</i></p> <p>Bruno e António: <i>Inglês e yorùbá.</i></p>

Ao longo de todo o projeto tivemos em conta os conhecimentos e os interesses de cada criança. Como refere Dyson e Genishi (2002, p. 265), a criança *não é um[a] cientista solitári[a], mas um[a] participante activ[a] de uma comunidade e de uma cultura*, portanto devemos incentivar a interação entre as crianças, integrando os seus conhecimentos no projeto, valorizando o seu repertório linguístico-comunicativo e, conforme salienta Lourenço, 2013, p. 364), *partir deste repertório plurilingue comum para o desenvolvimento de competências de reflexão, análise e manipulação das línguas e da linguagem, bem como de atitudes de respeito pelas identidades plurais.*

Na oitava sessão, *O jogo da macaca em sete línguas*, quando as crianças estavam a ouvir um excerto com as regras do jogo da macaca em francês conseguiram detetar alguns números e, tal como podemos observar no episódio seguinte, uma das crianças disse que o número *sete é normal*, tentando dizer que é parecido com o modo como pronunciamos essa palavra na nossa língua.

<p align="center">Sessão VIII - O jogo da macaca em sete línguas</p> <p align="center">Anexo 3.8 – Descoberta como se diz “jogo da macaca” nos outros países</p> <p align="center">Episódio 14</p>
Contextualização – cf. Episódio 6
<p>Educadora Estagiária Maria Miguel: <i>Sempre que ouvirem uma palavra colocam um cartão em cima da mesa. (As crianças ouviram e foram colocando os cartões à medida que ouviam as palavras.) O que é que ela estava a dizer agora? Quatre, cinq.</i></p> <p>Bruno: <i>Eu ouvi oito.</i></p>

Daniel: *Mas sabias que o sete é normal.*

Educadora Estagiária Maria Miguel: *O que ela está a dizer?*

Daniel: *Os números.*

Bruno: *Da França.*

4.3 Síntese dos resultados obtidos

Concluída a análise dos dados que foram recolhidos, é necessário passar a uma síntese de todos os resultados obtidos para podermos ter uma visão mais global dos mesmos, e darmos resposta de forma sucinta à questão de investigação que orientou o nosso projeto.

Focando a nossa atenção na “**Dimensão socioafetiva/atitude**”, que se refere às atitudes demonstradas pelas crianças, ao longo das sessões, ao interagir com o outro, com a sua cultura e a sua língua, podemos afirmar que algumas crianças do grupo tinham a consciência da existência de outras línguas para além da sua. As crianças sabem que existem diversas línguas e as próprias contactam com elas todos os dias, uma vez que no grupo existem várias nacionalidades e por sua vez várias línguas maternas.

No decorrer do projeto foi notório o interesse demonstrado por parte das crianças em conhecer diferentes línguas, sendo que a língua que criou mais entusiasmo foi o mandarim. Esta atitude era frequentemente manifestada através das próprias perguntas das crianças quando, por exemplo, nos questionavam sobre quando iriam aprender a jogar ao jogo da macaca na China.

As crianças demonstraram ter consciência da importância de conhecer e saber diferentes línguas para poderem brincar com meninos de outros países. Além de brincar, as crianças mostraram alguma preocupação em conseguir comunicar com pessoas que não falassem a sua língua, e, para tal, disseram que tinham de aprender várias línguas para quando alguém lhes perguntasse alguma coisa noutra língua conseguirem responder/ajudar.

Importa ainda salientar que os pais estiveram particularmente envolvidos neste projeto, sendo que foram vários a estar presentes na sala para ensinar a jogar ao jogo da macaca no seu país. No entanto, apesar de não terem sido recolhidos dados sobre as famílias, a partir das notas de campo, da observação e das vídeo gravações de cada sessão percebemos a importância que esta participação assume, sendo demonstrada pela imensa alegria da

criança que tinha o seu pai/mãe a explicar o jogo da macaca. Esta participação faz com que a criança se sinta reconhecida e valorizada em contexto escolar.

Centrando a atenção na “**Dimensão Capacidades: Cultura linguística**”, isto é, nos conhecimentos lexicais demonstrados pelas crianças ao longo das sessões, podemos afirmar que algumas crianças conseguiram identificar palavras nas diferentes línguas, mencionando o seu significado e a língua em que eram proferidas. Esta situação tornou-se particularmente notória após algumas sessões, uma vez que as diferentes palavras eram mencionadas, em todas as sessões, de modo a facilitar a sua apreensão por parte das crianças.

Verificámos que algumas crianças estabeleciam comparações entre as diferentes línguas, através do número de letras, das letras que compunham as palavras. Podemos afirmar ainda, que quase todas as crianças conseguiam associar a palavra “jogo da macaca” nas várias línguas ao respetivo país e língua falada nesse mesmo país. Salientamos ainda o facto de existirem crianças que conseguiram identificar outras palavras em várias línguas.

As atividades desenvolvidas no projeto partiram da exploração de diferentes línguas e formas de expressão, promovendo o contato com a linguagem oral e escrita, através da análise e comparação de palavras escritas em dois sistemas de escritas – o alfabético e o ideográfico, da realização de jogos de manipulação silábica e fonémica de palavras noutras línguas. Estas atividades estimulam a discriminação auditiva das crianças e a sua consciência plurilingue, ajudando-as a descobrir a relação fonema/grafema, do mesmo modo, desenvolvem a sua competência metalinguística (Lourenço, 2013). Também consideramos ser de extrema importância desenvolver atividades que levem as crianças a retomar os seus conhecimentos prévios, de modo a estimularem-nos e a desenvolverem-nos, permitindo que recuperem as suas vivências e experiências de vida.

Neste projeto tentámos despertar a curiosidade das crianças para as línguas, fomentando o desenvolvimento de capacidades de reflexão sobre o funcionamento da linguagem e de atitudes positivas face à diversidade existente, no sentido de as auxiliar no desenvolvimento de uma consciência fonológica plurilingue e na construção da cultura linguística sendo crucial para a sua vida futura.

Através da análise e interpretação dos dados recolhidos, consideramos ter evidências que nos permitem tirar algumas conclusões, no entanto, importa referir que estes resultados constituem uma visão parcial da realidade daquele grupo uma vez que cada criança é um ser único.

Assim, tendo por base os resultados do nosso projeto de intervenção e de investigação e retomando a questão de investigação do mesmo, “De que modo as atividades desenvolvidas no âmbito do projeto «Viagem pelo Mundo do jogo da macaca» contribuem para a construção de uma consciência fonológica plurilingue, e, por essa via, para o desenvolvimento da cultura linguística das crianças do Pré-Escolar?”, podemos verificar que a sensibilização à diversidade linguística e cultural é detentora de um papel primordial ao consciencializar as crianças para a existência de um vasto leque de línguas e culturas no mundo.

Conclusão

Depois da apresentação e análise dos dados empíricos e da descrição dos resultados alcançados, importa agora apresentar algumas considerações finais sobre os resultados obtidos, confrontando o enquadramento teórico que sustenta este projeto de intervenção e de investigação (Capítulos I e II), com as nossas conclusões e os objetivos propostos inicialmente para o nosso projeto.

Assim, começaremos por fazer uma breve referência ao quadro teórico deste relatório e de seguida analisaremos a qualidade do projeto de intervenção desenvolvido, bem como a sua influência no desenvolvimento da consciência fonológica plurilingue e na construção de uma cultura linguística das crianças envolvidas no mesmo. Por fim, refletiremos sobre nosso percurso ao longo deste projeto.

Importância da SDL centrada no jogo em idade pré-escolar

Como já referimos anteriormente, o projeto que realizámos e apresentámos ao longo deste relatório teve como principal objetivo compreender de que modo é que as atividades de SDL em articulação com o jogo podem contribuir para o desenvolvimento de uma consciência fonológica plurilingue e, por essa via, para a construção de uma cultura linguística das crianças do Pré-Escolar. Deste objetivo destacámos quatro grandes conceitos, o conceito de sensibilização à diversidade linguística, de consciência fonológica plurilingue, de cultura linguística e de jogo, que foram abordados nos capítulos I e II do presente Relatório. No entanto, considerámos importante fazer uma breve referência ao conceito de SDL e ao conceito de jogo.

No que concerne ao conceito de sensibilização à diversidade linguística, podemos afirmar que este visa oferecer às crianças a possibilidade de contactar com um vasto leque de línguas, despertando, nas mesmas, o gosto pelas línguas e culturas diferentes da sua, criando assim crianças mais tolerantes, abertas e respeitadoras face ao Outro e face a uma sociedade multilingue e multicultural. Deste modo, é importante que a abordagem da SDL seja iniciada desde os primeiros anos de escolaridade, uma vez que detém imensos benefícios ao nível do desenvolvimento linguístico, cognitivo, pessoal, social e cultural das crianças.

São vários os estudos de SDL que comprovam que a mesma traz imensos benefícios para as crianças. Estes estudos baseiam-se em projetos que pretendem promover o desenvolvimento de atitudes de respeito e de aceitação da diferença e, também, fomentar a

aprendizagens das línguas do mundo e criar bases para a construção e desenvolvimento de uma competência plurilingue e intercultural (Andrade et al, 2014; Andrade & Martins, 2007; Beacco & Byram, 2007; Cavalli et al, 2009; Coste, Moore & Zarate, 1997; Lourenço, 2013).

Posto isto, é importante que o educador crie um ambiente onde as crianças tenham a oportunidade de contactar com outras línguas e culturas distintas da sua, para que estas estejam sensibilizadas para a diversidade, no modo de funcionamento das diferentes línguas, e para o desenvolvimento de representações e atitudes favoráveis sobre as línguas e os seus falantes, de modo a facilitar a convivência com o outro (Martins, 2008). Desta forma, considerámos que era importante realizar um projeto de intervenção e de investigação que proporcionasse às crianças do Pré-Escolar o contacto com outras línguas e culturas, criando oportunidades para que as mesmas refletissem e tomassem consciência da realidade linguística e cultural existente.

Como já foi referido no capítulo II do presente Relatório, o jogo é algo que as crianças gostam de fazer e contribui para a sua formação global (cognitiva, motora, atitudinal, entre outros). Por um lado o jogo é uma fonte de lazer e, por outro, uma fonte de conhecimento. Ou seja, a criança diverte-se com o jogo mas ao mesmo tempo faz apropriações e constrói significados do mundo que a rodeia. Com efeito, podemos afirmar que o jogo é algo que motiva a criança e lhe traz bem-estar e por isso considerámos que as atividades de SDL devem ter o jogo como base, criando atividades de carácter lúdico que permitam às crianças adquirirem conhecimentos de forma espontânea.

Da preparação à implementação

Com este projeto conseguimos perceber que a SDLC é uma mais-valia quando é explorada no contexto educativo e que o jogo se destaca como um meio excelente pois estimula e motiva as crianças, levando-as a explorar novas palavras e novos aspetos culturais.

O objetivo deste projeto de intervenção era possibilitar às crianças, em idade Pré-Escolar, o contacto com outras línguas e culturas através de uma abordagem de sensibilização, portanto considerámos que o mesmo tem imensas potencialidades educativas, uma vez que conseguiu levar a maior parte das crianças a conhecer novas palavras, passando a fazer parte do seu repertório linguístico, e permitiu também que as

crianças desenvolvessem a sua consciência fonológica plurilingue e a cultura linguística, pois estabeleceram comparações e encontraram semelhanças entre as diferentes línguas.

Ao longo da análise dos dados recolhidos considerámos que o aspeto mais relevante foi o nível de envolvimento revelado pelas crianças na interação com as atividades do projeto. No decorrer das atividades constatámos que as crianças interagiam significativamente com as atividades do projeto, portanto, podemos afirmar que o jogo e as atividades escolhidas para o nosso projeto de intervenção foram ao encontro dos interesses das crianças e assumiram-se como um desafio às necessidades de aprendizagem e desenvolvimento das mesmas.

Nas transcrições encontrámos algumas evidências no modo como as crianças demonstraram o seu interesse e gosto pelas atividades, bem como a vontade de continuar e querer saber mais em relação a outras línguas e culturas. Este projeto de intervenção desenrolou-se num clima positivo e potenciador de bem-estar para as crianças que não tinham o português como língua materna. Como já foi referido este projeto correspondeu aos gostos e interesses de quase todas as crianças, criando assim um ambiente favorável ao desenvolvimento das suas capacidades linguístico-comunicativas. Considerámos que este projeto tornou-se um projeto das crianças, uma vez que foi construído pelas mesmas e foram elas que escolheram os países a explorar, o jogo a explorar, entre outras atividades.

Ainda nas transcrições das sessões, pudemos comprovar que este projeto levou as crianças a refletirem e a pensarem sobre as diferenças linguísticas e culturais existentes no próprio contexto. É na Educação Pré-Escolar que as crianças começam a perceber que não somos todos iguais, que existem diferenças raciais e variações linguísticas, e ao contactar com esta diversidade as crianças desenvolvem sentimentos positivos ou negativos face à mesma (Robinson & Diaz, 2006, p. 4). Por isso, importa que o educador aborde a diferença dentro da sua sala de atividades, criando atividades de SDL que possibilitem as crianças contatarem com outras línguas e culturas, diminuindo assim esses sentimentos negativos face às diferenças existentes.

Importa referir ainda que este projeto tentou criar oportunidades para trabalhar a linguagem, pois pretendíamos que as crianças desenvolvessem a sua consciência fonológica plurilingue e construíssem uma cultura linguística. Ao longo das atividades de SDL escolhidas as crianças eram encorajadas a descobrir e a estabelecer relações entre palavras

em outras línguas. Constatámos que no decorrer das sessões as crianças demonstravam mais à vontade, exprimindo-se mais, recorrendo por vezes a expressões noutras línguas.

Por fim, considerámos que o nosso projeto apresentou oportunidades para as crianças treinarem e desenvolverem a consciência fonológica plurilingue, e, por essa via, contribuir para a construção de uma cultura linguística. No entanto, este desenvolvimento dependerá sempre da forma como as atividades de SDL são apresentadas e trabalhadas, das próprias crianças e como estas se envolvem com as atividades. Pensamos que as atividades de SDL em articulação com as atividades de linguagem realizadas no jardim-de-infância são uma mais-valia para trabalhar a competência comunicativa das crianças, no entanto, as atividades de SDL não substituem as demais atividades já exploradas no contexto, tornando-se apenas um elemento enriquecedor do mesmo.

Refletir sobre o nosso desenvolvimento pessoal e profissional

Antes de finalizar importa refletir sobre a nossa ação desenvolvida em contexto de Educação Pré-Escolar.

Podemos começar por referir que a nossa adaptação a este novo contexto foi realizada de forma calma e com algum entusiasmo, por ser realmente o nosso desejo, ser educadoras de infância. No início deste projeto sentimo-nos um pouco perdidas mas com a ajuda da orientadora cooperante e da orientadora da Universidade encontrámos o rumo a seguir e construímos um projeto em conjunto com as crianças, proporcionando-lhes alguns conhecimentos linguísticos e culturais.

Ao longo da realização deste projeto de intervenção e de investigação passámos por vários altos e baixos, sendo que surgiram situações imprevistas que, por sua vez, tiveram de sofrer algumas modificações e adaptações. No entanto, considerámos que este projeto de intervenção foi desafiante e impulsionador tanto para o grupo de crianças que foi alvo de estudo, como para nós enquanto profissionais.

Considerámos que ao longo deste projeto crescemos muito enquanto profissionais, pois dotou-nos de várias estratégias e ferramentas essenciais no desenvolvimento de uma investigação em articulação com a prática docente. Também nos fez crescer a nível pessoal, pois permitiu-nos reviver as nossas memórias de infância de quando jogávamos ao jogo da macaca. No início não imaginávamos que seria este o rumo que o projeto iria tomar, no

entanto, agora que está concluído, pensamos que não podíamos ter escolhido outro jogo para fazer parte deste projeto, um jogo com tanto potencial e com tanto valor sentimental. Foi gratificante a nível pessoal, permitindo-nos abrir novos horizontes para algo que nunca tínhamos pensado e que é bastante entusiasmante e motivante. De um jogo tão antigo que passa de geração em geração conseguimos criar um projeto de sensibilização à diversidade linguística e cultural incluindo toda a comunidade educativa.

Como referimos anteriormente, este projeto teve a colaboração dos pais e outros familiares que se disponibilizaram para vir à sala explicar como se jogava ao jogo da macaca no seu país. Com este projeto compreendemos que o papel da família é importante e deve ser valorizado pelos profissionais como forma de partilhar informação, criando uma relação de proximidade. Ao longo do projeto foi notória a predisposição e o interesse demonstrados pelos pais/família em participar nas atividades desenvolvidas. A maioria dos pais deste contexto participou nas atividades e preocupou-se com o desenvolvimento dos seus filhos, partilhando informações com a educadora sobre as descobertas e dificuldades dos mesmos.

Com este projeto percebemos que a relação entre a família e o jardim-de-infância é importante para o desenvolvimento global da criança, pois contribui para o equilíbrio do seu estado emocional, psicológico e físico. Observámos a importância que esta relação tem para a criança através da alegria demonstrada. As crianças sentem-se valorizadas e integradas no contexto. Enquanto futuras educadoras considerámos que é uma mais-valia quando contamos com a ajuda das famílias nas atividades, podendo em conjunto criar atividades integradas e com significado para as crianças.

Este projeto contribuiu para futuramente estarmos mais recetivas e atentas à diversidade existente no nosso contexto. Trabalhar esta temática permitiu-nos olhar o mundo de outra forma, perceber que a diferença é uma mais-valia e deve ser valorizada no contexto educativo. Com este projeto tornámo-nos pessoas mais conscientes do papel e da presença das línguas no contexto educativo e compreendemos que todas as línguas e culturas devem ser preservadas e valorizadas porque representam o património das sociedades e da humanidade.

Relativamente ao primeiro contexto onde iniciámos a nossa prática pedagógica, o 1.º Ciclo do Ensino Básico, neste também existiam crianças de várias nacionalidades que não tinham o português como língua materna. Ao longo da nossa prática fomos percebendo as dificuldades que estas crianças tinham na aprendizagem da língua portuguesa e de forma a

colmatar estas dificuldades, as mesmas eram acompanhadas individualmente por outra professora.

Embora o projeto apresentado neste relatório tenha sido desenvolvido no Pré-Escolar, conseguimos perceber a importância que a SDLC tem no desenvolvimento global das crianças. Por isso, enquanto futuras professoras do 1.º Ciclo do Ensino Básico pensamos que ao trabalhar a SDLC em articulação com as várias áreas curriculares, possibilitando às crianças o conhecimento e a aprendizagem de línguas, podemos criar oportunidades para que as crianças construam uma cultura linguística mais alargada e, por sua vez, desenvolvam a competência plurilingue. Considerámos também que seria importante possibilitar a participação de todas as crianças, desde o Pré-Escolar até ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, num projeto de SDLC, para poder perceber de que forma é que a consciência fonológica plurilingue e a cultura linguística seria desenvolvida em cada faixa etária, tendo em conta o mesmo jogo e os mesmos processos de desenvolvimento da linguagem de cada faixa etária (Sim-Sim, Silva & Nunes, 2008).

Enquanto futuras profissionais cabe-nos a responsabilidade de acolher e integrar no contexto educativo todas as crianças, independentemente da sua língua ou cultura. Devemos estar preparadas para acolher esta diversidade, para que possamos dar resposta às necessidades de todas as crianças, sendo elas, cognitivas, sociais, físicas, afetivas, entre outras.

Esperamos que este projeto seja impulsionador de novas ideias para educadores/professores relativamente às abordagens de SDL e a utilização do jogo enquanto recurso promotor da SDL.

Para concluir, podemos afirmar que esta foi uma longa e difícil caminhada, no entanto foi um enorme prazer fazer parte deste projeto. Será uma temática que irá estar sempre presente nos contextos onde vamos, um dia, intervir. Este projeto motivou-nos para querer aprender mais em conjunto com os outros e com a sua diversidade linguística e cultural.

Bibliografia

Alarcão, I. (1996). *Formação Reflexiva de Professores – Estratégias de Supervisão*. Porto: Porto Editora.

Alves Martins, M. (1996). *Pré-história da aprendizagem da leitura*. Lisboa: ISPA.

Andrade, A. (1997). *Processos de interacção verbal em aula de francês língua estrangeira – Funções e modalidades de recurso ao português língua materna*. Tese de Doutoramento. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Andrade, A., & Martins, F. (2004). Ja-Ling e “a boniteza de um sonho”: educar para a diversidade linguística a partir dos primeiros anos de escolaridade. Comunicação apresentada no *II Encontro Nacional da SPDLL – Didáctica e Utopia: resistências*. Faro: Universidade do Algarve (no prelo).

Andrade, A., & Martins, F. (coord.) (2007). *Abordar as línguas, integrar a diversidade nos primeiros anos de escolaridade*. Cadernos do LALE, Série Propostas 3. Aveiro: Universidade de Aveiro/CIDTFF.

Andrade, A., Araújo e Sá, M., Bartolomeu, I., Martins, F., Melo, S., Santos, L., & Simões, A. (2003). Análise e construção da competência plurilingue – alguns percursos didácticos. In A. Neto, J. Nico, J. Chouriço, P. Costa & P. Mendes (Eds.), *Didácticas e metodologias da educação – percursos e desafios* (pp. 489-505). Évora: Universidade de Évora, Departamento de Pedagogia e Educação.

Andrade, A., Lourenço, M., & Sá, S. (2010). *Abordagens plurais nos primeiros anos de escolaridade: reflexões a partir de contextos de intervenção*. *Intercompreensão*, 15, 68-89.

Andrade, A., Araújo e Sá, M., Martins, F., & Pinho, A. (2014). Olhares sobre a Sensibilização à Diversidade Linguística em Portugal: Desafios e Possibilidades da Educação para o Plurilinguismo. In C. Troncy, (dir.) & J. De Pietro, L. Galetto, & M. Kervran, *Didactiques du Plurilinguism. Approches plurielles des langues et des cultures. Autour de Michel Candelier* (255-265). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

Anthony, J., & Francis, D. (2005). *Development of phonological awareness. Current Directions in Psychological Science*, 14 (5), 255-259.

Barbeiro, L. (1998). *O jogo no ensino-aprendizagem da língua*. Leiria: Legenda.

Bardin, L. (1988). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bartolome, L. (2006). Para Além dos Métodos Fetiche na Preparação dos Professores: em Direcção a uma Pedagogia Humanizada. In Paraskeva, L. (org.), *Currículo e Multiculturalismo*. Lisboa: Edições Pedago.

Beacco, J., & Byram, M. (2007). *De la diversité linguistique à l'éducation plurilingue - Guide pour l'élaboration des politiques linguistiques éducatives en Europe*. Strasbourg: Conseil de l'Europe. Consultado a 19 de dezembro de 2016 em: http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/Source/FullGuide_FR.pdf

Bialystok, E., Luk, G., & Kwan, E. (2005). *Bilingualism, biliteracy, and learning to read: Interactions among languages and writing systems*. *Scientific Studies of Reading*, 9 (1), 43-61.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação – Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Candelier, M. (2003). *L'éveil aux langues à l'école primaire*. Bruxelas: De boeck.

Candelier, M. (2008). Approches plurielles, didactiques du plurilinguisme: le même et l'autre. *Les Cahiers de l'Acedle*, 5 (1), 65-90.

Candelier, M., Camilleri-Grima, A., Castellotti, V., De Pietro, J., Lörincz, I., Meissner, F., Schröder-Sura, A., Noguerol, A., & Molinié, M. (2007). *Framework of References for Pluralistic Approaches to Languages and Cultures*. Graz: European Centre for Modern Languages, Council of Europe.

Cardoso, C. (1998). Gestão Intercultural do Currículo – 1.º Ciclo. *Colecção Educação Intercultural*, 10. Lisboa: Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural.

Carmo, H., & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da investigação – Guia para Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Cavalli, M., Coste, D., Crişan, A., & Van de Ven, P-H. (2009). *L'éducation plurilingue et interculturelle comme projet*. Strasbourg: Conseil de l'Europe (Language Policy Division).

Chateau, J. (1975). *A criança e o jogo*. Coimbra: Atlântida.

Coelho, D. (2007). *Brincando com o Inglês Língua Estrangeira: um Estudo no Jardim de Infância*. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro

Coelho, D. (2015). *Brincar com a diversidade linguística: potencialidades comunicativas no Jardim de Infância*. Tese de Doutoramento. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Conselho da Europa (2001). *Quadro Europeu Comum para as Línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação*. Porto: Edições ASA.

Costa, S. (2007). *A importância dos jogos e brincadeiras para o desenvolvimento motor, cognitivo e sócio-afetivo na educação infantil*. Niterói: Universidade Cândido Mere.

Coste, D. (2011). Plurilinguisme et intercompréhension. In D. Álvarez, P. Chardenet & M. Tost (Eds.), *L'intercompréhension et les nouveaux défis pour les langues romanes* (pp. 179-189). Paris: Union Latine.

Coste, D., Moore, D., & Zarate, G. (1997). *Compétence Plurilingue et Pluriculturelle. Vers un Cadre Européen de Référence pour l'Enseignement et l'Apprentissage des Langues Vivantes: Études Préparatoires*. Strasbourg: Editions du Conseil de l'Europe.

Coste, D., Moore, D., & Zarate, G. (2009). *Plurilingual and Pluricultural Competence. Studies towards a Common European Framework of Reference for language learning and teaching*. Strasbourg: Council of Europe.

Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M., & Vieira, S. (2009). Investigação-Ação: Metodologia Preferencial nas Práticas Educativas. *Psicologia, Educação e Cultura*, XIII, N.º 2, pp. 455-479. Braga: Instituto de Educação da Editora.

Dahlberg, G., Moss, P., & Pence, A. (2007). *Beyond Quality in Early Childhood Education and Care (2nd Edition)*. London / New York: Routledge.

De Pietro, J. (2008). De l'éveil aux langues, à l'intercompréhension, et vice-versa. In V. Conte & F. Grin (Eds.), *S'entendre entre langues voisines: vers l'intercompréhension* (pp. 197-226). Chêne-Bourg: Georg.

Dyson, A. H., & Genishi, C. (2002). Perspectivas das crianças enquanto utilizadoras das línguas: A língua e o ensino da língua na educação de infância. In B. Spodek (Ed.), *Manual de investigação em educação de infância* (pp. 265-300). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Esteves, M. (2002). *A investigação enquanto estratégia de formação de professores: um estudo*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Ferran, P., François, M., & Porcher, L. (1979). *Na escola do jogo*. Lisboa: Editorial Estampa.

Feytor Pinto, P. (1998). *Aspectos da cultura linguística portuguesa*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.

Freitas, M., Alves, D., & Costa, T. (2007). *O conhecimento da língua: desenvolver a consciência fonológica*. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

Friedmann, A. (1996). *Brincar: crescer e aprender - o resgate do jogo infantil*. São Paulo: Editora Moderna.

Fromkin, V., & Rodman, R. (1993). *Introdução à linguagem*. Coimbra: Livraria Almedina.

Garvey, C. (1992). *Brincar*. Lisboa: Edições Salamandra.

Gombert, J. (1990). *Le développement métalinguistique*. Paris: Presses Universitaires de France.

Gomes, S., & Andrade, A. (2009). Práticas de sensibilização à diversidade linguística: que contributos no desenvolvimento e na formação dos professores? *Saber & Educar*, N.º 14. Consultado a 2 de janeiro de 2017 em:

<http://revista.esepf.pt/index.php/sabereducar/article/view/141/110>

Gomes, S. (2006). *Diversidade linguística no 1.º Ciclo do Ensino Básico: concepções dos professores*. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Goumoëns, C., De Pietro, J., & Jeannot, D. (1999). Des activités d'éveil au langage et d'ouverture aux langues à l'école : vers une prise en compte des langues minoritaires. In *Bulletin Suisse de Linguistique Appliquée*, n.º 69 (2), 7-30.

Hill, M., & Hill, A. (2000). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.

Jorge, M. (2013). *Trabalho de projeto: a promoção da participação ativa das crianças*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Leitão, C. (2006). *As línguas estrangeiras no 1.º Ciclo do Ensino Básico – Representação dos professores*. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Lenneberg, E. (1967). Language in the context of growth and maturation. In E. Lenneberg (Ed.), *Biological Foundations of Language*. New York: John Wiley and Sons.

Lopes, E., & Almeida, E. (2008) *A Diversidade e o Desenvolvimento da Consciência Fonológica*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Lopes, I. (2004). *Perspectivas de Supervisão na Formação Inicial de Professores: os Materiais e o Ensino da Língua Estrangeira no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Lourenço, M. (2013). *Educação para a Diversidade e Desenvolvimento Fonológico na Infância*. Tese de Doutoramento. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Lourenço, M., & Andrade, A. (2011). *A sensibilização à diversidade linguística no pré-escolar como suporte para a aprendizagem de línguas ao longo da vida*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Magalhães, B. (2003). O brinquedo e o brincar. *Cadernos de Educação de Infância*, nº 68.

Marinho, M. (2004). *Sensibilização à Diversidade Linguística: que lugar nos currículos de formação inicial de professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico?* Dissertação de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Martins, F. (2008). *Formação para a diversidade linguística – um estudo com futuros professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Tese de Doutoramento. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora.

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica.

Ministério da Educação (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Morgado, J. (2001). *A Relação pedagógica: Diferenciação e inclusão*. (2ª ed.) Lisboa: Editorial Presença.

Moyles, J. (2002). *Só brincar? O papel do Brincar na educação infantil*. Porto Alegre: Brasil Editora.

Neto, C. (1997). *Jogo e desenvolvimento da criança*. Lisboa: Edições Faculdade Motricidade Humana.

Pardal, L., & Correia, E. (1995). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal Editores.

Pardal, L., & Correia, E. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal Editores.

Pessanha, A. (2001). *Actividade lúdica associada à literacia*. Lisboa: IIE.

Portugal, G., & Laevers, F. (2010). *Avaliação em educação pré-escolar: Sistema de acompanhamento das crianças*. Porto: Porto Editora.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Riccio, C., Amado, A., Jiménez, S., Hasbrouck, J., Imhoff, B., & Denton, C. (2001). Cross-linguistic transfer of phonological processing: Development of a measure of phonological processing in Spanish. *Bilingual Research Journal*, 25(4), 417-437.

Robinson, K., & Diaz, C. (2006). *Diversity and Difference in Early Childhood Education. Issues for Theory and Practice*. England: Open University Press.

Rocha, A. (2012). *O jogo e a sensibilização ao mundo das culturas no Pré-Escolar*. Relatório de Estágio em Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Rocha, M. (1993). *A dimensão lúdica e o desenvolvimento humano: faixa etária dos 3 aos 6 anos*. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Rooyackers, P. (2006). *100 Jogos de Linguagem*. Porto: Edições ASA.

Sá, S. (2005). *Projeto de Doutoramento: Educação, Diversidade Linguística e Desenvolvimento Sustentável*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Sá, S. (2007). *Educação, diversidade linguística e desenvolvimento sustentável*. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Sá, S., & Andrade, A. (2009). Práticas de sensibilização à diversidade linguística e cultural nos primeiros anos de escolaridade: reflexões a partir da sala de aula. *Revista Saber & Educar, Cadernos e Estudo*, 14, 1-8.

Salvador, A. (1988). *Conhecer a criança através do desenho*. Porto: Porto Editora.

Santos, S. (1999). *Brinquedo e Infância*. Brasil: Editora Vozes.

Schiffman, H. (1996). *Linguistic culture and language policy*. London: Rout ledge.

Serrão, M., & Carvalho, C. (2011). *O que dizem os educadores de infância sobre o jogo*. *Revista Iberoamericana de Educação*, n.º 55/5.

Silva, M. (2002). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. (2ª ed.) Lisboa: Ministério da Educação.

Simões, A. (2006). *A cultura linguística em contexto escolar: um estudo no final da escolaridade obrigatória*. Tese de Doutoramento. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Sim-Sim, I., Silva, A., & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim de Infância. Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

Szundy, P. (2001). *Os jogos no ensino-aprendizagem de LE para crianças: a construção do conhecimento através de jogos de linguagem*. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Tuckman, B. (2000). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

UNESCO (2009). *Relatório Mundial da UNESCO: Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural*. Consultado a 18 de dezembro de 2016:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184755por.pdf>

Vasconcelos, T. (2011). *Trabalho por Projetos na Educação de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação.

ANEXOS

Anexo 1 – Notas de campo

Notas Reflexivas Diárias

Dia 27/03/2017

Dimensão descritiva

De manhã reunimos na área do acolhimento e, depois de contarem as novidades do fim de semana, passámos à atividade planeada. Comecei por pedir às crianças para me relembrares o que é que nós queríamos descobrir: “Que projeto estamos a desenvolver?”. As crianças responderam que queriam descobrir como se joga ao jogo da macaca noutros países nomeadamente Portugal, França, Nigéria, Timor, Venezuela e China. De seguida encaminhei a conversa de forma a que elas pudessem refletir sobre a forma como se diz “jogo da macaca” nas outras línguas: “Será que se diz jogo da macaca nos outros países? O que acham?” Surgiu então a segunda grande questão do nosso projeto, “Como se diz jogo da macaca em Portugal, em França, na Venezuela, na China, na Nigéria e em Timor.

Seguidamente, pedi às crianças que me contassem como tinha sido os primeiros dias da criança timorense e da criança nigeriana no Jardim de Infância: “Elas falavam português?”, “Vocês conseguiam percebê-las?”, “Como fizeram para conseguir falar com elas?”. As crianças contaram que ao início foi difícil compreendê-las mas que depois elas conseguiram aprender muito rápido a falar algumas coisas em português e contaram também que fizeram vários jogos para elas aprenderem novas palavras em português.

Na continuação do diálogo sobre as línguas, e para a construção da nossa árvore linguística, perguntei às crianças: “Que línguas falamos aqui na sala?”, ao qual as crianças responderam “Português, Espanhol, Inglês e Tétum”. De seguida perguntei “Quais as línguas que conhecemos?” e as crianças deram-nos algumas respostas como por exemplo “Inglês, Português, Mandarim, Espanhol e Tétum”. Na última pergunta, “Que línguas queremos aprender/descobrir?” as crianças responderam “Mandarim, Francês, Inglês, Tétum e Yorùbá”.

A árvore linguística foi construída com o grupo dos mais crescidos. Inicialmente comecei por colocar as perguntas e registar as respostas numa folha. Depois pedi a cada criança para copiar as respostas para as respetivas ramificações da árvore. No final, as crianças decoraram o cartaz. Importa salientar que nesta atividade tive a ajuda de uma criança que já sabe ler e pedi-lhe para ler aos colegas o que estava escrito nas três ramificações.

Na parte da tarde, tivemos a colaboração do pai de uma criança que nos veio ensinar como se joga ao jogo da macaca em França. Expliquei às crianças que primeiro iam ouvir a explicação em Francês e posteriormente em português mas pedi para que estivessem atentas a ver se conseguiam perceber alguma palavra em francês.

Em suma, esta atividade surpreendeu-me, pois achei que ao ser realizada em francês que as crianças fossem dispersar, mas estiveram concentradas e perceberam as regras e as diferenças existentes na forma como se joga ao jogo da macaca em França. Depois do pai explicar, este pediu para as crianças jogarem e ao longo do jogo as crianças baralhavam-se com a forma de jogar em Portugal. O pai da criança falou sempre em francês e quando as crianças não o estavam a perceber, ele exemplificava.

Dimensão reflexiva

Considero que o facto de planificar um projeto criando oportunidades para que as crianças partilhem as suas ideias e deem o seu contributo é importante pois ajuda-as a ouvirem-se umas às outras, a respeitar as ideias dos colegas e permite-lhes desenvolver o seu sentido de responsabilidade relativamente ao projeto. Ao desenvolverem um projeto em grupo, as crianças vivem experiências de aprendizagem que lhe são essenciais para o seu dia-a-dia pois, conforme salienta Vasconcelos (1997, p. 168), “as crianças dependem não apenas dela, (d)a sua educadora, mas sobretudo dos seus pares. Através dessa interação, negociam, aprendem, apreendem o conceito da planificação em conjunto.”

Na minha perspetiva, pedir às crianças que nos contem um certo episódio é muito importante, uma vez que existem momentos que valem a pena serem recordados pois foram experiências enriquecedoras para as crianças e o facto de recordar o passado remete-nos para aquilo que cada um de nós foi e para aquilo em que nos tornamos. De facto, e conforme salientam Middleton e Edwards, 1990 (in Vasconcelos, 1997, p. 232), estes momentos de conversa e partilha de experiências são muito ricos uma vez que “a recordação colectiva é essencial para a identidade e a integridade de uma comunidade”.

Por fim, mas não menos importante, não posso deixar de concordar com Vasconcelos (1997, p.197) quando refere que ao realizarem-se atividades contando com a colaboração dos pais estamos a tornar o jardim-de-infância “um espaço educativo aberto, um espaço onde todos se sintam bem-vindos e com um papel a desempenhar”, tornando a sala de atividade

“numa pequena comunidade cultural que envolve as educadoras, as crianças e as famílias...”. Durante as sessões em que os pais participam é notório a felicidade demonstrada pelas crianças, e em particular pelos seus filhos. As crianças mostram-se mais desinibidas e com comportamentos que não são habituais.

Dia 28/03/2017

A manhã começou agitada. Senti que as crianças estavam desconcentradas e tornou-se difícil conseguir gerir o tempo e o desenvolvimento da atividade que tinha planeada. Normalmente este tipo de situações acontece mais à segunda-feira, uma vez que as crianças vêm do fim de semana e têm novidades para contar aos colegas, no entanto esta semana observei que aconteceu o contrário: na manhã de segunda-feira as crianças estavam mais calmas do que na manhã de terça-feira.

Comecei por apresentar as bandeiras e pedi às crianças que me dissessem a que país pertencia aquela bandeira e à medida que iam dizendo, eu ia referindo que língua é que se falava naquele país. No caso da Nigéria referi que a língua oficial é o Inglês mas que também há outras línguas, tais como o Yorùbá (que é a língua dos pais da criança nigeriana). De seguida, mostrei os cartões com a palavra jogo escrita nas diferentes línguas e pedi para fazerem a correspondência entre a palavra e a bandeira do país onde se falava/dizia a palavra “jogo” daquela forma. Rapidamente fizeram a ligação da palavra jogo com a bandeira de Portugal e a palavra “jogo” em mandarim com a bandeira da China. Esta última foi mais fácil dado o seu sistema de escrita ser diferente do nosso e as crianças chegaram mesmo a afirmar que o mandarim escreve-se com “desenhos”. Depois de fazerem as correspondências entre a palavra e a bandeira, estivemos a ouvir a palavra “jogo” nas diferentes línguas e a “corrigir” os cartões que estavam errados, colocando-os junto das respetivas bandeiras (como foi o caso do francês e espanhol). As crianças conseguiram perceber que a palavra que estavam a ouvir, “juego”, era maior que a palavra “jeu” e fizeram a correção das respetivas bandeiras.

Na atividade seguinte, reunimos com os mais crescidos e estes surpreenderam-me pois eu achava que seria necessário ter que conduzir o diálogo de forma a que as crianças chegassem ao objetivo que tínhamos proposto para esta atividade. No entanto não foi

necessário, pois surgiram várias opiniões tais como, “A palavra jogo e game têm duas sílabas e também quatro letras”. Até agora foi uma das atividades que me deu mais gozo desenvolver pois tudo surgiu tão naturalmente, através das descobertas que iam fazendo.

Em suma, é fundamental proporcionar à criança oportunidades para que estas se possam envolver em atividades de consciência fonológica lúdicas e diversificadas. Ao desenvolver a consciência fonológica, as crianças melhoram a sua capacidade para conscientemente manipular (mover, combinar ou suprimir) os elementos sonoros das palavras orais. Ao bater as palmas para descobrir quantas sílabas tinha cada palavra, e ao procurar as letras correspondentes à palavra, permitiu às crianças melhorarem a articulação das palavras, manipulá-las de forma inconsciente, desenvolvendo a sua consciência fonológica (silabas e grafia). Observei que as crianças conseguem isolar os sons em português e noutras línguas (inglês, espanhol e francês), como por exemplo, na palavra “juego” rapidamente disseram que tinha duas silabas e podiam confundir e dizer que tinha três (ju-e-go). Conseguiram também identificar e manipular as sílabas e fonemas nas diversas línguas e, ainda, treinaram a sua discriminação auditiva ao perceber que noutras línguas há letras que não representam o mesmo som que as nossas letras, por exemplo, em espanhol a letra “j” lê-se “r” (“juego” lê-se “ruego”).

Dia 29/03/2017

Iniciamos o dia com uma viagem até à Nigéria para conhecermos como se diz e como se joga ao jogo da macaca nesse país e para nos ajudar tivemos a mãe da criança nigeriana que nos veio explicar em inglês como se joga e nos ensinou a dizer “jogo da macaca”, “pedra”, “casa” e “obrigada” em yorùbá.

Desenvolver atividades e contar com a colaboração da família na sua realização é interessante pois demonstra não só a preocupação que a mesma tem com as crianças mas também o interesse pelos projetos que são desenvolvidos, pelo que acontece na sala e também pela evolução dos seus filhos. Os pais ao participarem ativamente nas atividades contribuem para uma maior partilha de saberes e de tradições que as crianças precisam de aprender, fomentando nelas o respeito e a empatia pelos outros. Sendo o nosso contexto tão

rico em culturas diferentes é uma mais-valia os pais de outras nacionalidades participarem nas atividades, permitindo que as crianças se sintam valorizadas e respeitadas pelos outros.

Ao longo da atividade foi notória a felicidade que a criança demonstrou em ter a sua mãe a participar na atividade. É uma criança que tem um ótimo comportamento, não gera conflitos e tem um bom relacionamento com os pares, no entanto, neste dia a criança revelou alguns comportamentos fora do comum. Estava radiante com o fato de a mãe lá estar e tinha um sorriso que transparecia toda a felicidade. É raro a criança falar na sua língua (yorùbá) e quando ouvia a mãe a falar, fazia questão de repetir algumas palavras com uma felicidade tremenda. Isso mostra que as crianças precisam de ter orgulho nas suas famílias e ao desenvolver projetos onde a participação da família é valorizada, torna a vida das crianças tanto “mais positiva quanto maior for a interação entre ela própria e os pais” (Vasconcelos, 1997, p. 201).

Em suma, a reação das crianças foi surpreendente e elas conseguiram jogar ao “suwe” (jogo da macaca). O facto da mãe da criança nigeriana estar a explicar as regras em inglês e exemplificar como se jogava à macaca na Nigéria, ajudou as crianças a perceberem como se jogava. Este jogo necessita de uma boa coordenação óculo-manual, pois a visão tem de acompanhar a mão para conseguir colocar a pedra na respetiva casa. As crianças revelam ainda alguma dificuldade na coordenação global, uma vez que este jogo requer muito equilíbrio.

Dia 19/04/2017

Uma vez que maior parte das crianças estiveram de férias da Páscoa, foi importante dar-lhes a oportunidade de contarem as novidades e por sua vez matarem as saudades dos seus amigos. Depois do momento das novidades, iniciei a atividade que tinha planeado. Comecei por perguntar às crianças se ainda se lembravam do que andámos a aprender antes de irmos de férias. Ao longo da conversa, as crianças mostraram-se entusiasmadas em participar, dizendo o nome dos países onde já tínhamos aprendido a jogar ao “jogo da macaca”, a língua que se fala em cada um desses países e referiram quais os países que ainda nos falta aprender.

Posteriormente, expliquei às crianças que já sabíamos dizer “jogo da macaca” em algumas línguas e perguntei se se lembravam como se dizia “jogo da macaca” em Timor, em França e na Nigéria. Inicialmente, as crianças precisaram de alguma ajuda para se recordarem dos nomes, mas,

assim que uma de nós dizia a primeira sílaba da palavra, as crianças conseguiam dizer a palavra completa. Depois de recordarmos o que tínhamos aprendido, disse às crianças que iríamos aprender a dizer “jogo da macaca” em espanhol e em mandarim e para isso tinham que estar com muita atenção para conseguirmos ouvir.

Na minha perspetiva, esta atividade superou as minhas expectativas pois achava que as crianças não iam conseguir fazer silêncio para ouvir as gravações. Este receio deveu-se ao facto de já ter realizado, anteriormente, uma atividade parecida que não correu tão bem, havendo muito barulho e falta de concentração. No entanto, nesta atividade, as crianças permaneceram em silêncio permitindo que esta decorresse da melhor forma. Penso que a atividade acabou por cativar a atenção das crianças pois estas já conheciam algumas das palavras que foram apresentadas.

Na segunda atividade, decidi dividir as oito crianças mais velhas em dois grupos de quatro elementos. De manhã, realizei a atividade com um dos grupos, na área do acolhimento, enquanto as restantes crianças estavam no recreio a brincar. Este grupo apresentou muitas dificuldades de concentração pois conseguiam ver e ouvir as crianças que estavam no exterior a brincar. Para além disso, estavam sempre a entrar crianças na sala, o que acabou por prejudicar a realização da atividade e, por sua vez, a concentração das crianças na audição das gravações.

O outro grupo realizou a atividade da parte da tarde, na sala do prolongamento, enquanto as restantes crianças estavam na sala a realizar atividades de carácter livre. Deste modo, o grupo da tarde não foi tão interrompido, permitindo, assim, que este conseguisse estar mais concentrado e atento aos sons, uma vez que para a realização da atividade era necessário muita concentração para ouvir bem os sons e conseguir identificar as diferentes línguas.

De modo geral, as crianças conseguiram realizar a atividade, identificando a língua que estavam a ouvir, detetando palavras que já tínhamos aprendido noutras línguas, e por fim, analisando as diferenças e as semelhanças existentes nas seis línguas. Em relação ao grupo, as crianças demonstram grande interesse em ouvir/aprender a dizer palavras noutras línguas, ficam sempre entusiasmadas quando digo que vamos ouvir uma palavra em mandarim, talvez por ser uma língua muito diferente da nossa e por ter escrita muito diferente do nosso. A palavra que as crianças gostaram mais de aprender foi “avioncito” e mostraram bastante curiosidade em conhecer o jogo da macaca na Venezuela.

Quanto à minha intervenção, penso que estive mais à vontade com as crianças, deixando-as conduzir a atividade conforme os seus interesses. Esta experiência tem sido gratificante e tem despertado em mim muita curiosidade em querer conhecer outras línguas e outros países para no futuro poder partilhar experiências.

Dia 2/05/2017

Na atividade da parte da manhã as crianças mostraram-se entusiasmadas e curiosas em aprender o jogo da macaca na China. No entanto, foi pena o nosso convidado não poder estar presente pessoalmente, pois teria sido mais interessante para as crianças poderem estar com ele pessoalmente.

As crianças visualizaram o vídeo em que o Wang explica as regras do jogo e conseguiram detetar as diferenças que existiam, tais como, podemos pisar a casa onde está a pedra, não podemos sair da macaca e no fim também atiramos a pedra virados de costas. Depois de esclarecer algumas dúvidas relativamente às regras do jogo da macaca na China, as crianças tiveram a oportunidade de experimentar e jogar. Várias crianças demonstraram que estiveram com atenção no vídeo, uma vez que executaram o jogo da mesma forma que o Wang, sem ser preciso uma de nós exemplificar.

Da parte da tarde, expliquei às crianças a atividade que tinha planeada. Ao início pensei que ia ser difícil para as crianças formarem os pares, uma vez que tinham de encontrar o símbolo da macaca naquele país e a respetiva palavra. Estava reticente talvez por pensar que devia ter colocado a bandeira e não a palavra, no entanto, fiquei surpreendida com as crianças, pois conseguiram identificar as palavras correspondentes a cada símbolo tal como identificar o símbolo de cada macaca. Na realização do jogo as crianças estavam muito atentas, pois identificavam bem as diferenças nos símbolos e depois conseguiam associar o país e, posteriormente, a respetiva palavra.

Em suma, as crianças, através das suas opiniões e reações, demonstraram alguma tristeza ao saber que era o último país da nossa viagem pelo jogo da macaca, e isto revela que estavam interessadas e empenhadas no projeto. Para mim, foi ótimo ouvir, por parte das crianças, que queriam aprender mais.

Anexo 2 – Quadro síntese da organização e tratamento dos dados

Organização e tratamento de dados

Projeto “Viagem pelo Mundo do jogo da macaca”			
Data	Descrição	Intervenientes	Anexos
20.03.2017 21.03.2017	Planeamento do projeto em grande grupo.	Crianças do grupo 3, Letícia, Maria Miguel e orientadora cooperante	3.1 Transcrição da áudio e vídeogravação.
22.03.2017	Jogo da macaca em Portugal	Crianças do grupo 3, Letícia, Maria Miguel e orientadora cooperante	3.2 Transcrição da vídeogravação
27.03.2017	Construção da árvore linguística do grupo	Pequeno grupo (mais crescidos), Maria Miguel	3.3 Transcrição da vídeogravação
27.03.2017	Jogo da macaca em França	Crianças do grupo 3, Letícia, Maria Miguel, orientadora cooperante, pai de uma criança	_____
28.03.2017	Descoberta de como se diz a palavra “jogo” nos outros países	Crianças do grupo 3, Letícia, Maria Miguel, orientadora cooperante	3.4 Transcrição da vídeogravação
29.03.2017	Jogo da macaca na Nigéria	Crianças do grupo 3, Letícia, Maria Miguel, orientadora cooperante, mãe de uma criança	3.5 Transcrição da vídeogravação
03.04.2017	Jogo da macaca em Timor	Crianças do grupo 3, Letícia, Maria Miguel, orientadora cooperante, pai de uma criança	3.6 Transcrição da vídeogravação
04.04.2017	Pequeno balanço sobre as atividades desenvolvidas	Crianças do grupo 3, Letícia, Maria Miguel, orientadora cooperante	3.7 Transcrição da vídeogravação
19.04.2017	Descoberta de como se diz “jogo da macaca” nos outros países	Crianças do grupo 3, Letícia, Maria Miguel, orientadora cooperante	3.8 Transcrição da vídeogravação
24.04.2017 e 26.04.2017	Diálogo sobre a divulgação do projeto à comunidade escolar e criação da história	Crianças do grupo 3, Letícia, Maria Miguel, orientadora cooperante	3.9 Transcrição da vídeogravação

	para publicar no “Escrevinhando”		
26.04.2017	Jogo da macaca na Venezuela	Crianças do grupo 3, Letícia, Maria Miguel, orientadora cooperante, mãe de uma criança	_____
02.05.2017	Jogo da macaca na China	Crianças do grupo 3, Letícia, Maria Miguel, orientadora cooperante, colega da Universidade de Aveiro	3.10 Transcrição da vídeo-gravação
03.05.2017 08.05.2017	Preparação da apresentação do projeto	Crianças do grupo 3, Letícia, Maria Miguel, orientadora cooperante	_____
08.05.2017	Jogo da memória	Crianças do grupo 3, Letícia, Maria Miguel, orientadora cooperante	3.11 Transcrição da vídeo-gravação
09.05.2017	Apresentação do projeto	Crianças do grupo 3, Letícia, Maria Miguel, orientadora cooperante	_____
16.05.2017 17.05.2017	Balanço e avaliação do projeto	Crianças do grupo 3, Letícia, Maria Miguel, orientadora cooperante	3.12 Transcrição da vídeo-gravação

Anexo 3 – Transcrições das áudio e vídeogravações das sessões

Anexo 3.1

Planeamento do projeto em grande grupo

Transcrição da áudio e vídeogravação

Dia 20 de março

Contexto: Jardim-de-infância

Intervenientes: grupo 3, Estagiárias Letícia e Maria Miguel e Orientadora Cooperante (Fátima)

Descrição:

O planeamento do projeto “Viagem pelo Mundo do jogo da macaca” realizou-se no dia 20 de março de 2017. Nesta sessão planeamos o nosso projeto, juntamente com as crianças e, posteriormente fizemos o registo no nosso mapa de planeamento do projeto.

De seguida, iremos apresentar o excerto do nosso diálogo sobre os jogos e brincadeiras de antigamente:

Educadora estagiária Letícia: *Eu e a Maria Miguel lembramo-nos de uma coisa interessante. Será que os jogos e as brincadeiras de antigamente, que nós temos vindo a aprender, se jogam da mesma maneira nos outros países?*

Albino: *Não.*

Educadora estagiária Letícia: *Será que se jogam de maneira diferente?*

Várias crianças: *Não.*

Educadora estagiária Letícia: *E que tal irmos descobrir? Lembram-se dos jogos e das brincadeiras que os pais faziam, que nós vimos nos inquéritos?*

António: *Escondidas, apanhadas, berlinde.*

Alexandra: *Saltar à corda.*

António: *Andebol.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então o que é que nós queremos descobrir?*

António: *Aprender os jogos.*

Educadora estagiária Letícia: *E mais jogos?*

João: *Futebol.*

Mónica: *Cartas.*

Íris: *Jogo da memória.*

Educadora estagiária Letícia: *Alexandra lembraste de algum jogo dos inquéritos dos pais?*

Daniel: *Pifa, Perinola.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Quem jogava a perinola? E onde?*

Daniel: *O pai do Gonçalo, na Venezuela.*

Educadora estagiária Letícia: *A semana passada estávamos a falar em jogos e em brincadeiras e vocês diziam um jogo, sempre o mesmo...*

Luísa: *Jogo da Macaca.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa Luísa. O jogo da macaca.*

Educadora estagiária Letícia: *Vocês sabem jogar ao jogo da macaca?*

Várias crianças: *Eu sei.*

Educadora estagiária Letícia: *Quem não sabe coloca o dedo no ar.*

Bruno: *É ao pé-coxinho.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Sempre a saltar ao pé-coxinho?*

Albino: *Não, porque às vezes aparecem dois quadrados.*

Daniel: *E põe os dois pés.*

Educadora estagiária Letícia: *Os dois pés na mesma casa?*

António: *Temos de saltar ao pé-coxinho e depois temos duas casas para descansar*

Albino: *Não, se tiveres uma pedra é mais difícil porque se calhar ao lado da casa que está no mesmo não podes pisar na casa que tem a pedra.*

Educadora estagiária Letícia: *Boa, não podes pisar a casa que tem a pedra.*

Depois de conversarmos sobre alguns jogos e brincadeiras de antigamente, nomeadamente o jogo da macaca, e sobre a possibilidade de existirem diferentes formas de jogar ao jogo da macaca, começámos a planear o nosso projeto, como podemos ver no excerto seguinte:

Educadora estagiária Letícia: *Então o que é que nós queremos descobrir?*

Mónica: *Como se joga o jogo da macaca.*

Educadora estagiária Letícia: *Onde?*

Albino: *Como se joga o jogo da macaca na Nigéria.*

Bruno: *E noutros países.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Quais eram os que tínhamos dito?*

Albino: *Na Nigéria, em Timor, e em Espanha.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E todos os meninos sabem jogar à macaca?*

Albino: *Não, alguns ainda estão a aprender.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Portanto também temos que ensinar a esses meninos.*

Elena: *Eu não sei jogar.*

Educadora estagiária Letícia: *Nós tínhamos dito descobrir como se joga o jogo da macaca em Portugal, tínhamos falado na Venezuela, Nigéria e Timor. Então o que é que nós já sabemos?*

Albino: *Em Portugal já se faz o jogo da macaca.*

Educadora estagiária Letícia: *Mais...*

Albino: *Que temos de ver se os outros países também jogam.*

Educadora estagiária Letícia: *Isso é o que nós queremos saber. E o que nós já sabemos?*

Albino: *Que neste país joga-se.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Neste país? Qual país?*

Albino: *Portugal.*

Bruno: *Mas nos outros países podem não jogar.*

Educadora estagiária Letícia: *Ou então podem jogar de forma diferente.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *É isso que nós vamos saber.*

Albino: *Nós vamos descobrir e ensinar aos que não sabem e querem aprender.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Mas o Bruno disse uma coisa interessante, não sabemos se na Nigéria e em Timor se joga. Então como é que vamos saber se realmente se joga?*

Albino: *Porque temos a menina timorense. Podemos inspecionar a menina a ver se ela sabe.*

Educadora estagiária Letícia: *Mas para além das meninas de outros países quem é que nos pode ajudar e onde é que podemos pesquisar para descobrir?*

Albino: *Já sei, aos meninos da Fátima Vieira. Mas se não houver vamos à internet.*

António: *Não, para nós não ficarmos viciados podemos ir às outras salas pedir às professoras e dizer se há algum menino que não fale da mesma língua do que os portugueses, para nós sabermos se é igual à da menina timorense ou da menina nigeriana. Porque se nós temos igual temos mais informações ou se nós tivermos um diferente ainda melhor, descobrimos um jogo novo, quer dizer não é um jogo novo, uma pessoa de outro país que queira aprender e podemos ensinar se souber outro tipo de jogo.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Mas se não souber como fazemos? Quem nos pode ensinar?*

Albino: *O pai ou a mãe da menina timorense e da menina nigeriana.*

Educadora estagiária Letícia: *Só?*

Albino: *Não, a outra família, avós, tios.*

Educadora cooperante: *Mas o Albino falou na internet, mas há mais sítios onde podemos procurar informação.*

António: *Mas para não ficarmos viciados não podemos.*

Educadora cooperante: *Mas sem ser na internet e sem ser aos pais, onde procuramos?*

António: *Vamos à rua perguntar às pessoas.*

Educadora cooperante: *Onde é que o pai procura quando quer saber alguma coisa?*

Daniel: *Livros.*

António: *Dicionário para procurar o que está lá dentro, quem tiver um dicionário de planetas pode trazer para nós investigarmos para ver se nós conseguimos um jogo. O Daniel pode trazer.*

Daniel: *Só tenho de português e inglês.*

António: *Inglês. Podemos juntar a menina nigeriana e o dicionário do Daniel.*

Educadora cooperante: *Então já chegamos à conclusão que vamos procurar nos pais, nas mães, nos avós, na família. Vamos procurar nas outras salas se há meninos que tem famílias de países diferentes, vamos ver na internet e nos...*

Daniel: *Livros e dicionários.*

Educadora cooperante: *Dicionários de jogos que se chamam enciclopédias.*

Daniel: *Eu só tenho de português e inglês.*

Educadora cooperante: *Mas também que países é que vocês querem saber como é que se joga à macaca?*

António: *Em Timor.*

Educadora cooperante: *Na Nigéria, que se fala inglês, em Timor, Portugal.*

António: *Venezuela.*

Educadora cooperante: *E o país do pai da Inês? Querem saber se existe lá?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Sabes qual é o país do teu pai?*

Educadora cooperante: *França, o pai é francês.*

António: *Então se alguém tiver um dicionário juntamos ao pai ou ao dicionário e assim vemos se o pai sabe jogar ou não.*

Educadora cooperante: *Pronto, temos de perguntar aos pais se sabem jogar ou não.*

Educadora estagiária Letícia: *Agora vamos planificar com os mais velhos o nosso projeto. Vamos escrever as ideias e vamos apresentar.*

Posteriormente, reunimos com o grupo dos mais crescidos a fim de registarmos as ideias no nosso mapa de planeamento do projeto, tal como podemos ler no excerto seguinte:

Educadora estagiária Letícia: *O que é que nós queremos saber?*

Bruno: *Os jogos de antigamente.*

Educadora estagiária Letícia: *É os jogos de antigamente que queremos saber?*

Daniel: *Queremos saber se querem nos ajudar.*

Educadora estagiária Letícia: *A quê?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *A descobrir o quê?*

Daniel: *Descobrir os jogos de outros países.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Os jogos todos?*

Educadora estagiária Letícia: *Já tínhamos escolhido um jogo não já?*

Daniel: *Sim, o jogo da macaca.*

Educadora estagiária Letícia: *Então o que é que nós queremos saber?*

Daniel: *Queremos saber se noutros países jogam à macaca.*

Educadora estagiária Letícia: *Queremos saber o quê?*

Albino: *Queremos saber se nos vão ajudar a descobrir se jogam à macaca como nós.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Ou diferente.*

Educadora estagiária Letícia: *Ou será outras maneiras de jogarmos ao jogo da macaca?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos aprender a jogar.*

Educadora estagiária Letícia: *Então como é que se joga ao jogo da macaca onde?*

Várias crianças: *Lá fora.*

Educadora estagiária Letícia: *Sim, lá fora no exterior. Mas primeiro importa saber o ...*

Albino: *A língua, o nome, o país...*

Daniel: *O nome do nosso jogo.*

Educadora estagiária Letícia: *Primeiro nós queremos saber onde se joga ao jogo onde?*

Daniel: *Venezuela, Timor, Espanha...*

Educadora estagiária Letícia: *E então nós vamos começar por onde?*

Daniel: *Pelo nosso.*

Educadora estagiária Letícia: *Que é?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Como é que se chama o nosso país?*

Daniel: *Portugal.*

Educadora estagiária Letícia: *Como se joga à macaca em Portugal, ...*

Daniel: *Na Nigéria.*

Elena: *Em Timor.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa.*

Bruno: *E na França.*

Educadora estagiária Letícia: *Mais algum?*

Bruno: *Espanha.*

Daniel: *Venezuela!*

Educadora estagiária Letícia: *Então o que é que nós já sabemos?*

Albino: *Já sabemos que temos que aprender outras formas de jogar à macaca. Temos que descobrir que se se joga da mesma forma do que nós ou não.*

Educadora estagiária Letícia: *Mas para isso já sabemos o quê?*

Albino: *Que temos que descobrir isso.*

Educadora estagiária Letícia: *Tu há pouco disseste. Para nós querermos saber como se joga ao jogo da macaca nestes países é porque ele... é um jogo da nossa imaginação?*

Albino: *Não. É a sério.*

Daniel: *É um jogo verdadeiro.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Sabemos que existe onde?*

Albino: *Sim, existe em Portugal.*

Educadora cooperante: *E porque é que tu sabes que existe em Portugal?*

Educadora estagiária Letícia: *Já alguma vez jogaste?*

Albino: *Sim, eu conheço um sítio.*

Bruno: *Eu também. Num parque.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então alguns de nós já sabem jogar.*

Educadora estagiária Letícia: *O que é que nós já sabemos mais?*

Alexandra: *É jogar com os pés.*

Daniel: *Tem que ter uma pedra.*

Alexandra: *E saltar com os pés.*

Albino: *Porque de vez em quando temos que saltar só com um pé. Outras vezes temos que saltar com os dois e depois saltar outra vez só com um e no fim saltar e rodar e ir para trás.*

António: *Nós podemos mexer os braços e equilibrar.*

Educadora estagiária Letícia: *Para jogar precisamos do quê?*

Várias crianças: *Uma pedra.*

Alexandra: *Temos uma pedra para atirar, depois saltamos os quadradinhos e depois apanha-se e voltamos para trás.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então o objetivo é o quê?*

António: *Saltar e rodar. É atirar a pedra, saltar, rodar e depois no fim apanhamos a pedra e voltamos para trás no comboio.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E perde-se?*

António: *É um jogo para divertir. Não é para ganhar ou perder.*

Educadora estagiária Letícia: *E mais? Elena e Íris.*

Elena: *Não sei nada porque não sei jogar.*

Íris: *Não sei nada.*

Elena: *Só sei jogar sem a pedra, não com pedra.*

António: *Depois de jogarmos vamos para trás do comboio.*

Educadora estagiária Letícia: *Então o que é que queremos saber?*

António: *Na Nigéria, na Venezuela*

Educadora estagiária Letícia: *E mais?*

Albino: *França.*

Educadora estagiária Letícia: *Primeiro o nosso país.*

Albino: *Portugal.*

Educadora cooperante: *Lembrem-se das línguas que aprendemos a dizer a palavra pai.*

António: *Pére! Padre!*

Íris: *Pápa.*

Educadora cooperante: *Como é que se chama esse país? Essa língua é mandarim. Então qual é o país em que se fala mandarim?*

Albino: *China.*

Educadora estagiária Letícia: *Boa. Então o que nós queremos saber? Como se joga ao jogo da macaca em...*

Várias crianças: *Portugal, na Nigéria, em Timor, na França, na Venezuela e na China.*

Educadora estagiária Letícia: *Então queremos saber em quantos países?*

Várias crianças: *Seis!*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E como é que vamos ver?*

Educadora estagiária Letícia: *Onde vamos procurar informação?*

António: *Dicionários.*

Albino: *Às famílias dos meninos que são de outros países.*

Educadora cooperante: *Mas que países?*

António: *China, Venezuela, Portugal, França, Nigéria.*

Educadora estagiária Letícia: *A menina que fala tétum?*

Várias crianças: *Timor!*

Educadora cooperante: *E aos meninos de Portugal?*

Albino: *Não temos que perguntar a ninguém porque somos portugueses.*

Educadora cooperante: *Podemos perguntar ao pai da Íris, do Nuno e do João. Pedimos aos nossos pais.*

Educadora estagiária Letícia: *E mais?*

António: *Internet.*

Educadora cooperante: *Também há livros de jogos, não há?*

Várias crianças: *Sim.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *(Relemos o mapa de planeamento do projeto.) António, afinal nós vamos dizer “aquele projeto”? Diz uma ideia.*

António: *Jogo da macaca: querem descobrir connosco? Ou jogo da macaca: querem se divertir connosco?*

Educadora cooperante: *Nós quando estamos a pensar neste projeto estamos a pensar que vamos procurar em vários países. E os países estão aonde? Estão no nosso Planeta Terra. No nosso Mundo. Podemos pensar num título com Mundo.*

Alexandra: *Jogo da macaca: querem aprender connosco?*

Educadora cooperante: *Pensem nos países, pensem na música que nós cantamos.*

Albino: *Já sei. Brasil.*

Educadora cooperante: *Um título para o projeto.*

Elena: *Jogo da macaca pelo continente.*

Educadora estagiária Letícia: *Pelos continentes porque são vários.*

António: *Jogo da macaca quer descobrir com os planetas?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Não é planetas.*

Educadora estagiária Letícia: *Jogo da macaca pelos...?*

Íris: *Países.*

António: *Jogo da macaca: querem descobrir connosco pelos países.*

Educadora cooperante: *Uma viagem pelo mundo da ... uma viagem pelo jogo da macaca. Olhem, sabem o que me lembrei? O Aladino andava num tapete voador ... pensem.*

Dia 21 de março

Contexto: Jardim-de-infância

Intervenientes: grupo 3, Estagiárias Letícia e Maria Miguel e Orientadora Cooperante (Fátima)

Descrição:

Nesta sessão, realizada no dia 21 de março de 2017, estivemos a reler o mapa de planeamento do projeto, juntamente com as crianças, tal como podemos ler no excerto seguinte da vídeogravação:

António: *Qual o país é que jogava o jogo da macaca e resolvemos ir ao dicionário ou também perguntar aos meninos que estão aqui de outros países e entrevistá-los para ver se eles sabiam alguma coisa, se no seu país jogavam ou não à macaca. E depois os filhos que não soubessem, perguntava-se aos pais, porque eles podiam se lembrar. Nós sabemos e podemos ir ao dicionário ver se traz alguma coisa no de português e inglês. Em português nós sabemos e em inglês eu posso trazer para nós sabermos se em Inglaterra jogavam o jogo da macaca.*

Daniel: *Eu acho que o meu não tem essas coisas, só tem palavras.*

Educadora cooperante: *Mas se calhar podíamos procurar a palavra jogo da macaca no teu dicionário.*

Mónica: *Nós íamos ver quem é que sabia jogar ao jogo da macaca em outras maneiras. Era em Espanha, Portugal, Venezuela, França, Timor, Nigéria.*

Educadora cooperante: *Olhem a Venezuela ou a Espanha como falam espanhol vamos juntar, é um só.*

Mateus: *China.*

Educadora estagiária Letícia: *Então o que é que nós queríamos saber António?*

António: *O jogo da macaca. Mas nós também podíamos fazer assim a Elena disse que não sabia jogar, mas sabia jogar sem pedra. Nós sem a pedra não sabemos jogar mas se ela sabe pode ensinar-nos, porque ela sabe e nós não. E queremos saber e jogar.*

Mónica: *E íamos a sala da Teresinha dizer.*

António: *Ir a sala da Teresa ensinar. Mas também podemos se na sala dela houver alguns meninos de outros países vamos também entrevistá-los.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Mas se vamos só entrevistá-lo como é que aprendemos a jogar?*

António: *Ele pode-nos ensinar. Ele vai lá para fora e faz um jogo que ele saiba e depois...*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Um jogo qualquer?*

António: *Não, ele faz o jogo da macaca à sua maneira.*

Educadora cooperante: *Então o que nós queremos saber é como se joga o jogo da macaca onde?*

António: *Lá fora.*

Educadora cooperante: *Nos outros países.*

Elena: *Podemos ver se os meninos da Teresa jogam a macaca.*

Nuno: *Podemos perguntar assim “a Teresa tem algum menino que não sabe jogar?” E nós podemos ensinar.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vou fazer uma pergunta e colocam o dedo no ar, quem é que não sabe jogar a macaca? (Alguns responderam que não sabem.) Primeiro temos de ensinar o jogo aos meninos da nossa sala que ainda não sabem.*

Educadora cooperante: *Então o que é que nós sabemos? A Letícia vai ler o que nós estivemos a fazer ontem.*

Educadora estagiária Letícia: *O que é que nós sabemos sobre o jogo da macaca: que é um jogo a sério, que existe em Portugal, que alguns meninos sabem jogar, que se joga com os pés, é um jogo que se salta e se roda, também se equilibra, temos de ter uma pedra, temos de pôr a pedra nos quadradinhos, apanhar a pedra e depois voltar para trás, é um jogo para divertir não para ganhar ou perder, não sei nada porque não sei jogar, também não sei, só sei jogar sem a pedra, depois de jogar vamos para trás do comboio.*

Educadora cooperante: *E qual é a outra pergunta?*

Educadora estagiária Letícia: *O que é que nós queremos saber?*

António: *Jogo da macaca.*

Educadora estagiária Letícia: *Como se joga o jogo da macaca em Portugal, Nigéria, Timor, França, Venezuela e China. Onde e como vamos saber? Dicionário, perguntar aos meninos que são de outros países, perguntar ao pai da Matilde como se joga em Portugal, ver na internet e procurar em livros de jogos.*

Educadora cooperante: *E podemos pôr “fazer entrevistas”.*

Educadora estagiária Letícia: *Como é que vamos comunicar? Mas podemos fazer depois.*

António: *Nós podíamos também dizer aos nossos amigos de outros países e ensinar como se joga cá em Portugal.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Porquê? Tu tens amigos noutros países?*

António: *Sim tenho.*

Anexo 3.2

Jogo da macaca em Portugal **Transcrição da vídeogravação**

Dia 22 de março

Contexto: Jardim-de-infância

Intervenientes: grupo 3, Estagiárias Letícia e Maria Miguel e Orientadora Cooperante (Fátima)

Descrição:

Nesta sessão, que se realizou no dia 22 de março de 2017, pretendíamos ensinar às crianças como se joga ao jogo da macaca em Portugal. Mas antes de passarmos ao jogo, relembramos o nosso projeto “Viagem pelo Mundo do jogo da macaca” e o que é que nós queríamos descobrir.

De seguida, iremos apresentar o excerto do nosso diálogo:

Educadora estagiária Letícia: *Lembram-se do que é que nós íamos descobrir?*

Luísa: *O jogo da macaca.*

Educadora estagiária Letícia: *Onde?*

Bruno: *Nos outros países.*

Educadora estagiária Letícia: *Qual era o primeiro?*

Várias crianças: *Portugal.*

Educadora estagiária Letícia: *E que outros países é que nós íamos descobrir como se joga ao jogo da macaca?*

Várias crianças: *França, Venezuela, Timor, China e Nigéria.*

Educadora estagiária Letícia: *Nós hoje vamos aprender a jogar ao jogo da macaca em Portugal. (...) Quem é que me quer ajudar a explicar como se joga? (Apresento o jogo da macaca numa folha e peço ajuda às crianças.)*

Albino: *Primeiro temos que colocar os números.*

Educadora estagiária Letícia: *(Coloco os números em cada casa.)*

António: *Precisamos de colocar aqui mais uma casa.*

Albino: *Mas a macaca verdadeira tem só oito!*

Educadora estagiária Letícia: *Bruno, como é que se joga?*

Bruno: *Tínhamos que ter aí em cima uma curva para nós virarmos.*

Educadora estagiária Letícia: *Ah, vocês têm cá em cima o céu?*

Educadora cooperante: *Anda cá desenhar.*

(Bruno desenha.)

Educadora estagiária Letícia: *Íris, então como é que nós jogamos?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Na casa 1, 2, 3 e 6 saltamos com os dois pés ou só com um?*

Albino: *Ah, nessas é só com um.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E se tocarmos com os dois?*

Albino: *Perdemos e vamos ter que voltar para trás.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa.*

Educadora estagiária Letícia: *E na casa 4, 5, 7 e 8, como é que fazemos?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *[Íris] Podes exemplificar? (A Íris exemplifica.)*

Educadora estagiária Letícia: *É um pé em cada casa ou os dois na mesma casa?*

Várias crianças: *Não. É um em cada casa.*

Albino: *Mas se tivermos a pedra nós temos de contin ... se tivermos num daqueles em que temos que pisar com os dois pés e a pedra estiver no 4 [casa] nós não podemos pisar o 4 porque assim perdemos e voltamos para trás.*

Educadora estagiária Letícia: *Então nós saltamos 1, 1, 1, 2, 1, 2 e voltamos.*

Educadora cooperante: *O Albino está a dizer uma coisa muito bem.*

Albino: *Onde está a pedra não podemos pisar.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vai lá e faz com os dedos [na folha] como se fossem os teus pés.*

Albino: *Estamos aqui a começar. Temos que saltar e continuar assim e fazer outra vez e quando estivermos aqui apanhamos a pedra e vamos outra vez.*

Educadora estagiária Letícia: *Apanhas a pedra e pões o pé aqui nesta casa?*

Albino: *Sim.*

Educadora estagiária Letícia: *Mas se a pedra está nesta, tu saltas para esta casa?*

Albino: *Sim e depois vamos para fora.*

Íris: *Só quando voltamos é que apanhamos [a pedra].*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa.*

Educadora cooperante: *Muito bem. Quando voltamos é que apanhamos a pedra mas depois de a apanhares podes calcar aquela casa?*

António: *Não!*

Educadora estagiária Maria Miguel e Educadora cooperante: *Não, tens que saltar.*

Educadora estagiária Letícia: *Exemplifica como se joga para ver se todos perceberam. (...) quando voltamos, apanhamos a pedra e depois saltamos para esta casa ou saltamos?*

Várias crianças: *Saltamos.*

Educadora estagiária Letícia: *E se eu atirar e a pedra calhar fora? O que acontece?*

Luísa: *Não podemos pisar essa casa.*

Educadora estagiária Letícia: *Se tu atirares a pedra e ela cair aqui fora (e aponto). Não calha em nenhuma casa. Como fazemos?*

Íris: *Temos que lançar outra vez.*

Educadora cooperante: *Isso é que é batotice!*

Educadora estagiária Letícia: *Vamos ouvir a Elena.*

Elena: *Vamos para o fim da fila.*

Educadora estagiária Letícia: *Porquê?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa. Perdemos uma vez.*

Educadora estagiária Letícia: *E se ela calhar em cima da linha?*

Várias crianças: *Não vale.*

Íris: *Voltamos a ir para o fim da fila.*

Educadora estagiária Letícia: *Então vamos lá recapitular: para jogarmos ao jogo da macaca o que é que nós precisamos?*

Íris: *De uma pedra.*

Educadora cooperante: *E como é que vocês chamam à pedra?*

Mónica: *Rolha.*

Educadora cooperante: *A pedra tem um nome. Depois vamos aprender.*

Educadora estagiária Letícia: *E mais, jogamos todos de uma vez?*

Íris: *Não, tem que ser um de cada vez.*

Educadora estagiária Letícia: *E quando é que o jogador seguinte começa a jogar?*

Íris: *Só quando a pessoa sair.*

Educadora estagiária Letícia: *E quando é que ela sai?*

Íris: *Quando acabar.*

Educadora estagiária Letícia: *Ou quando falha a jogar a pedra.*

Anexo 3.3

Construção da árvore linguística de grupo

Transcrição da vídeogravação

Dia 27 de março

Contexto: Jardim-de-infância

Intervenientes: grupo 3, Estagiárias Letícia e Maria Miguel e Orientadora Cooperante (Fátima)

Descrição:

Esta sessão de desenvolvimento do projeto realizou-se no dia 27 de março de 2017 e nela pretendíamos dialogar com as crianças sobre as línguas que conheciam, as línguas que falavam e as línguas que queriam aprender/descobrir. Pretendíamos também sensibilizar para a importância de conhecer várias línguas.

Ao longo da conversa as crianças participaram e manifestaram as suas opiniões, como se pode ver no excerto da transcrição da vídeogravação que se segue:

Educadora estagiária Maria Miguel: *António, lembram-se o que é que nós queríamos saber?*

Elena: *Jogo da macaca.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Nós tínhamos feito uma pergunta que tinha uns países.*

Elena: *Nós queremos saber como os outros jogavam. Os outros países.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Que outros países? Quem se lembra?*

Elena: *Espanha.*

Albino: *Venezuela.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Que está junta com a Espanha porque falam espanhol. Outro.*

Mateus: *China.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa. E o que se fala na China. Não é chinês. Uma palavra assim um bocado difícil.*

Daniel: *Mandarim!*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa! Na China fala-se mandarim. E outro país?*

Elena: *Portugal.*

Tiago: *São países diferentes.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *O que é que temos aqui na nossa sala que vocês estão esquecidos?*

Daniel: *Nigéria.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa, na Nigéria. E na Nigéria falam que língua?*

António: *Inglês!*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa, mas o inglês também se fala noutros países ou é só na Nigéria?*

António: *Na Inglaterra.*

Daniel: *Timor.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa, e que língua é que se fala?*

Daniel: *Tétum.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa. Então vamos descobrir como é que se joga à macaca nestes países, certo? Como é que se joga. Então será que se diz jogo da macaca também?*

Bruno: *Não.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Achas que não? Tens uma ideia de como é que se chama?*

Bruno: *Não.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Pois. Eu também não. Mas eu gostava de descobrir.*

Bruno: *Eu não sei porque eu não ando nos outros países nem à volta do mundo.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Albino, o Bruno disse que nós não sabemos como se diz jogo da macaca nos outros países e o que é que nós precisamos para aprender?*

Albino: *Temos que perguntar.*

Educadora estagiária Letícia: *A quem?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Pois, e vamos perguntar a quem?*

António: *À Mafalda e à Manuela.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então aos filhos e aos pais. Olha, o António está a dizer que vamos entrevistar os pais, os filhos de outros países para descobrirmos como é que se diz jogo da macaca. Eu não sei, vai ser giro. Então temos uma pergunta nova. Como é que é a nossa pergunta agora? Já não é como se joga ao jogo da macaca. Como é que será a pergunta?*

António: *Como é que se chama a macaca de outros países.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa, pode ser. (...) A Letícia vai apontar ali no nosso mapa numa cor diferente que é para sabermos. (...) Ó António, qual é a nossa nova pergunta, então?*

António: *Vamos entrevistar...*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Não, isso é como é que vamos saber. (...) Bruno, tens que dar aqui uma ajuda ao António que ele já não se lembra.*

Albino: *Viajar no mundo.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Olha, isso era um ótimo título.*

Educadora estagiária Letícia: *Daniel, afinal que pergunta é que nós tínhamos pensado? (...) António, que pergunta é que nós tínhamos pensado? Que pergunta é que nós temos que registar ali no mapa?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *O Bruno tinha dito uma pergunta, lembraste? Como...? O António também tinha dito.*

Bruno: *Como é que se chamava a macaca nos outros países.*

Albino: *Como é que se chama a macaca nos outros países.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *O jogo da macaca nos outros países. Temos aqui uma ideia... O que é que tu disseste não sei quê do mundo? Era um título, lembraste? (...) Uma viagem pelo mundo. Tu disseste, que eu ouvi.*

Educadora cooperante: *Uma viagem pelo mundo da macaca?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Pois, vamos fazer uma viagem pelo mundo à procura do quê? O que é que estamos a investigar, a descobrir?*

Albino: *Como é que as outras pessoas dos outros países jogam à macaca, dizem macaca.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Dizem e jogam à macaca. Olha, mas nós já sabemos algumas coisas sobre o jogo da macaca. O que é que nós sabemos? Sem ser o jogar. Sabemos como se diz em Portugal?*

Bruno: *Sim.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Pois essa é a única. Os outros não sabemos. E mais? O que é que nós já sabemos?*

Educadora cooperante: *Lembram-se como se chama aquela pedrinha para jogar?*

António: *Jogo da pedra!*

Educadora estagiária Maria Miguel: *A pa...?*

Várias crianças: *Patela!!*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa, a patela. Então no mundo só existe a nossa língua? Existem muitas ou poucas?*

Várias crianças: *Muitas!*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Muitas línguas. E nós já escolhemos algumas não foi? O inglês, o espanhol. O francês, ...*

António: *Existem mais de 10.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E outras tantas línguas. Muitas. (...) Sabem que por exemplo no país ali da nossa amiga nigeriana, na Nigéria a língua oficial é o?*

Bruno: *Inglês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa, o inglês. Mas também existem outras línguas e eu, a Letícia e a Fátima já descobrimos qual é a língua que fala a mãe e o pai da menina nigeriana, além do inglês. Falam inglês mas também falam, querem descobrir? É um nome engraçado. Como é que se chama a língua dos teus pais, sabes?*

Educadora estagiária Letícia: *Yo...?*

Educadora cooperante: *Yorubu.*

Educadora estagiária Letícia: *Yorùbá.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Yorùbá. Conheces? Vocês quando a menina nigeriana e a menina timorense chegaram, nós não estávamos cá. Vocês conseguiam falar com elas? Como é que foi quando elas as duas chegaram? Elas falavam português?*

Várias crianças: *Não.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então como é que vocês conseguiram brincar com elas?*

António: *Ensinamos a falar português.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Assim tão rápido?*

Várias crianças: *Não!*

Elena: *Nós andávamos a falar sempre e elas às vezes já sabem.*

António: *Imita-nos. Tá na fase, nós somos os professores delas e depois vamos ensinar, nós estamos a ensinar elas a falar português para nós percebermos o que é que elas estão a dizer.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Elas falavam na língua delas às vezes para vocês?*

António: *Sim.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E vocês compreendiam?*

António: *Não. Há dias fizemos um jogo de cores com a menina nigeriana e agora com a menina timorense ela está a aprender sozinha porque ...*

Educadora cooperante: *O jogo das cores que nós fizemos com a menina nigeriana, ela [menina timorense] depois também aprendia.*

António: *Ela [menina nigeriana] dizia as cores em inglês e nós dizíamos em português.*

Bruno: *E ela tentava dizer.*

António: *Adivinhar o nome das cores em português ou inglês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E foi fácil [menina nigeriana]?*

Menina nigeriana: *Não.*

António: *Não, não foi.*

Educadora cooperante: *E depois cantávamos em português e inglês. E as histórias como eram?*

Daniel: *Inglês.*

Educadora cooperante: *Em inglês para elas perceberem, não foi?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Era difícil compreender a menina nigeriana? O que ela dizia?*

Bruno: *Era.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E agora?*

Bruno: *Mais ou menos.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Agora já é mais fácil. Ela [menina nigeriana] já quase que fala. Fala bem, não fala? Fala bem o português.*

Mateus: *Pois fala.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Só à 2ª feira é que... (...) Fala? Tu compreendes a menina nigeriana? Percebes o que ela diz?*

Mateus: *Não.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então olhem lá, nesta sala há muitas línguas. Que línguas é que nós falamos?*

Luísa: *Português.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa.*

Mateus: *Português, Inglês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Inglês, a menina nigeriana. Venezuela que é espa... Espanhol.*

Daniel: *E Tétum, menina timorense.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então são, vamos contar que eu já me perdi. Tantas línguas.*

Luísa: *E o Rui.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Pois, e o Rui é?*

Elena: *Brasileiro.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E é outra língua?*

Elena: *Brasil.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Fala-se quê?*

Elena: *Brasileiro.*

Albino: *Brasileiro com um sotaque português.*

Educadora estagiária Letícia: *Acho que é ao contrário.*

Bruno: *Português com sotaque brasileiro.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então é português.*

Bruno: *Com o sotaque brasileiro. É o oposto do que tu disseste Albino.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Realmente Albino estavas quase lá, mas virado ao contrário. Então temos o nosso que quase todos falamos.*

Bruno: *Português.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Português. Depois temos ali a menina nigeriana.*

Bruno: *Inglês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Depois a nossa amiga timorense.*

Bruno: *Tétum.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E depois o nosso amigo.*

António: *Espanha.*

Daniel: *Espanhol.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então falamos quantas línguas que eu já me perdi?*

Daniel: *4!*

Educadora estagiária Maria Miguel: *4 línguas. Mas de certeza que ou na tv, ou na rádio ou até se calhar o António os amigos ou os familiares já ouviram outras línguas. Olha ali, o pai da Inês fala uma língua...*

Bruno: *Francês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Francês que não temos aqui na nossa sala. Temos francês que ainda não tínhamos. Outra. Elena, nunca ouviram falar os senhores da tv...*

Educadora cooperante: *Que línguas é que vocês conhecem?*

Luísa: *China.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Já ouviste falar e a língua como é que se diz?*

Educadora cooperante: *A Maria Miguel quer saber que línguas vocês conhecem. 1, 2, 3 toca a pensar.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Eu também estou a pensar que línguas é que eu conheço. (...) Eu acho que a Mónica já sabe uma, diz.*

Mónica: *Chinês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E é chinês que se diz a língua? Estamos na China. Na China falam que língua?*

Educadora cooperante: *Man...*

Várias crianças: *Mandarim!*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Mandarim. Boa! É uma língua... Já ouviste falar? (...) Luísa outra.*

Luísa: *Brasil.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Como é que se dizia...*

Educadora cooperante: *Português do...*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Português do... do.... Do Brasil. Albino outro.*

Albino: *Espanhol*

Nuno: *Tétum!*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Bruno alguma? Daniel?*

Várias crianças: *Não.*

Elena: *O país da menina nigeriana.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *O país da menina nigeriana, na Nigéria, fala-se...*

Maria: *Inglês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E outra que eu disse? Yorùbá. Essa já ouviram falar? Conhecemos quantas línguas?*

Íris: 4!

Elena: 5.

Matilde: 4!!

Elena: 5.

Íris: 4!!!

Educadora estagiária Maria Miguel: 5?

Elena: *Portugal.*

Educadora cooperante: *Português.*

Educadoras estagiárias Letícia e Maria Miguel: *Boa, Elena. Perfeito. Muito bem.*

Mónica: *Inglês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Inglês ouve-se muito. E que línguas vocês gostavam de aprender? Elena, uma. Para aprender. Português já sabes. Gostavas de aprender algumas palavras, de ouvir?*

Bruno: *Gostava de aprender francês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Francês. E querem que eu vos diga uma coisa? Vais aprender já hoje. Agora vais ficar curioso porque eu não vou dizer o resto. Mas vais aprender hoje. Francês, outra. Gostávamos de aprender francês, gostávamos de aprender...*

António: *Chinês!*

Elena: *Timor.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Que língua é que se fala em Timor?*

Luísa: *Tétum.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa, gostávamos de aprender Tétum. António.*

António: *Mandarim.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa. Diz Albino.*

Albino: *Espanhol.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então são estas só?*

Várias crianças: *Sim.*

De seguida reunimos com o grupo dos mais crescidos para construirmos a nossa árvore linguística, tal como podemos ver no excerto seguinte:

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então, o que é que será que vamos ter de escrever aqui? Estivemos a conversar sobre o quê?*

Alexandra: *Sobre as línguas.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então primeiro vamos fazer esta árvore grande, as línguas que falamos. Quem é que se lembra?*

Alexandra: *Espanha.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Não é Espanha.*

Íris: *Espanhol.*

Bruno: *Francês, Inglês.*

Nuno: *Tétum.*

Elena: *Chinês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Falamos chinês? Estamos a fazer as línguas que falamos.*

Elena: *Timor.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Que é tétum, já está. Espanhol, inglês, tétum e...*

Elena: *Portugal.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Português. Então e as línguas que conhecemos? Já dissemos há bocado.*

António: *Inglaterra, Portugal.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Isso são países. Eu quero as línguas.*

António: *Português.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Português, conhecemos.*

Bruno: *Inglês, japonês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Português, inglês. Como é que se fala na China?*

Nuno: *Espanha.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Man...*

Várias crianças: *Mandarim.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Já ouvimos falar mandarim. Já ouvimos falar espanhol, tétum...*

Elena: *Português.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Alexandra, uma língua que tenhas ouvido falar.*

Bruno: *Português.*

António: *Línguas do deserto.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Já ouviram falar?*

Nuno: *Na televisão.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Mais alguma língua? Então e as línguas que gostávamos de aprender lembram-se?*

Elena: *Eu sei, as línguas do deserto.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Cada um diz uma.*

Elena: *Do deserto.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos aprender inglês.*

Elena: *Do deserto.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Olha, mas para nós aprendermos as línguas do deserto, alguém tem de nos vir ensinar. Eu não conheço ninguém.*

António: *Temos a Sónia.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Mas a Sónia não é das línguas do deserto. Inglês, arranjam quem nos venha ensinar, mais? Logo à tarde?*

António: *Olha já sei a minha mãe pode vir logo à tarde.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Logo à tarde já sei quem é que vem e é uma língua que disse que íamos aprender.*

Elena: *Espanhol.*

Bruno: *Francês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Francês. Vamos aprender logo à tarde. Olha, podemos conhecer mandarin que eu tenho um amigo que é chinês. Eu peço-lhe para ele vir cá pode ser?*

Albino: *Chines, japonês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Outra.*

Bruno: *Japonês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Japonês não conheço ninguém. Que país é que podemos pedir ajuda?*

Elena: *À da Inês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Já está aqui, francês.*

Elena: *À do Renato.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Do Renato era Venezuela não era? Espanhol. E outros meninos de outros países. A língua que eu vos ensinei, que é a língua dos pais da menina nigeriana, Yorù... Então inglês, francês que é logo à tarde, mandarin que é o meu amigo. Depois temos espanhol que pode ser o pai do Renato ou os pais das nossas amigas da outra sala.*

António: *Os meus pais sabem falar inglês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Lembram-se da língua da menina nigeriana, além do inglês?*

António: *Nigéria.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Sim, mas na Nigéria fala-se várias línguas, o inglês é a língua oficial e fala-se outra língua, era uma língua difícil, yorùbá, digam comigo. Então vamos aprender yorùbá porquê? Quem vem quem cá ensinar?*

Daniel: *O pai ou a mãe da menina nigeriana.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa.*

Bruno: *Inglês pode ser a minha mãe.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *O que é que nos falta? Podemos pedir a mais pais? Falta aqui um.*

Bruno: *O pai da menina timorense.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Que fala que língua?*

Íris: *Tétum.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Perfeito. Então vamos ver quantas línguas já temos. Vou pedir a alguns meninos para copiarem as línguas para a nossa árvore. E para não ficar muita confusão ficam aqui só dois meninos e eu vou-vos chamando.*

Elena: *Eu quero ficar.*

Íris: *Eu também quero.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então ficam já as duas e depois chamo os outros meninos para escrever.*

Bruno: *Nós podemos ficar.*

Íris: *Não, não. Nós já dissemos.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Quem quiser ficar pode ficar, quem não quiser pode ir brincar que eu já chamo.*

Anexo 3.4

Descoberta de como se diz a palavra “jogo” nos outros países
Transcrição da vídeogravação

Dia 28 de março

Contexto: Jardim-de-infância

Intervenientes: grupo 3, Estagiárias Letícia e Maria Miguel e Orientadora Cooperante (Fátima)

Descrição:

Esta sessão de desenvolvimento do projeto realizou-se no dia 28 de março de 2017 e nela pretendíamos dialogar com as crianças sobre como se diz jogo da macaca nas diferentes línguas (mandarim, inglês, espanhol, tétum, yorubá, francês), como se pode ver no excerto que se segue:

Educadora estagiária Maria Miguel: *Ontem viajámos até que país?*

Albino: *Até à França.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Viajámos até à França e ainda se lembram de como se chama o jogo da macaca na França?*

António: *Frapolisse.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Alguém se lembra como se diz? Não se lembram de nenhuma palavra?*

António: *Céu.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Mas isso é em português e em francês.*

Luísa: *Eu sei como se chama a pedra.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Como é?*

Elena: *Cai ao chão.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *É só cailloux não é cai ao chão.*

Educadora cooperante: *Nós não podemos inventar palavras que não existem. Não podemos dizer outra coisa completamente diferente. Se no fim de nós aprendermos estas coisas novas a Maria Miguel e a Letícia disserem “vamos inventar palavras novas para inventarmos uma língua nossa”, aí vocês podem dizer que o jogo da macaca na nossa língua se poderá chamar o quê?*

António: *Macaqui.*

Educadora cooperante: *Pronto e é a nossa língua. Se tu chegares perto da tua mãe e disseres vamos jogar um jogo que se chama macaqui a tua mãe não sabe o que é, mas nós aqui sabemos o que é o jogo do macaqui porque é a nossa palavra. Agora não é jogo da macaca como é o novo nome?*

Pai da Inês: *La marelle.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa, foi na hora certa.*

António: *La marelle.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *La marelle é como se diz em França. E a pedra como se diz? Cailloux.*

Educadora cooperante: *E na nossa sala, na nossa língua, em Portugal é jogo da macaca e na nossa língua da sala como se diz macaca? Macaqui, eu vou fazer o dicionário da nossa língua, a língua que se fala lá fora? Não, a língua que se fala na nossa sala.*

Mónica: *Mas nós sabemos como se chama.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Claro, só nós porque fizemos uma língua nova.*

Educadora cooperante: *É nosso só.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Ninguém se lembra de como se dizia céu em francês? É parecido com Portugal. Ciel. E terra?*

Daniel: *Terre.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Hoje trouxe uma coisa nova para vocês aprenderem.*

Bruno: *O quê?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Os meninos de inglês, que têm inglês, quem é que me sabe dizer como se diz jogo em inglês?*

António: *Eu tenho inglês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *(Tentou que a menina nigeriana dissesse aos colegas a palavra jogo em inglês mas ela estava envergonhada e não disse.) Se calhar vou ter de ser eu a ensinar-vos, querem?*

Educadora estagiária Letícia: *Jogo em inglês é...*

Bruno: *Come on.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Come on não é. Querem saber? Querem descobrir? 1, 2, 3 vou dizer... GAME. (Algumas crianças repetiram.) Ninguém conhece esta palavra? (Algumas crianças tentavam repetir a palavra.) Será que querem aprender mais palavras? Será que sabem em Francês? Então como se diz em português?*

Bruno: *Jogo.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Jogo, boa. Hoje vamos descobrir como se diz jogo. Como se diz em inglês?*

António: *GAME.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E como é em português?*

António: *Jogo.*

Mónica: *Em inglês é father.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa, mas isso foi o que vos ensinei da outra vez.*

António: *Isso é pai.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Mas hoje não vamos aprender a dizer pai, vamos aprender a dizer jogo. O que é que nós temos estado a fazer? Temos feito vários...*

Bruno: *Jogos.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Jogos, acho que é importante nós sabermos. Porque é que é importante nós sabermos várias línguas? É bom?*

Filipe: *Não.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Não?*

Daniel: *É importante conhecermos muitas línguas.*

Educadora cooperante: *Porque é que é importante? Toca a pensar.*

Nuno: *É divertido.*

Bruno: *É giro para conhecermos novos amigos de outros países.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Perfeito. Para que é importante sabermos várias línguas?*

Mónica: *Para sermos felizes.*

Albino: *Para conseguirmos falar com as outras pessoas para lhes perguntar.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Se alguém nos perguntar uma coisa noutra língua, nós não conseguimos responder.*

Mónica: *Por exemplo, tu falas em chinês e eu falo em Portugal e tu não percebes nada.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Pois nem tu me percebes. Assim é difícil.*

Albino: *Nem a escrever, porque os chineses falam em desenho.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Mas eu tenho aqui o desenho de como se diz jogo em mandarim.*

Educadora cooperante: *Porque na China falam duas línguas, o mandarim e o cantonês. E nós vamos aprender mandarim. (...) Os chineses passam a vida inteira a aprender a escrever e a falar.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Íris de que país é esta bandeira?*

António: *Timor.*

Menina timorense: *É o meu.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *É a Íris. E esta bandeira?*

Albino: *Espanha.*

Tiago: *Portugal.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Olha, adivinhaste a bandeira que vem a seguir Tiago? Sabias que vinha a seguir Portugal?*

Nuno: *Portugal.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *(Fui mostrando as outras bandeiras)*

Várias crianças: *Venezuela.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Posso juntar a Venezuela a qual bandeira? Que falam a mesma língua?*

Bruno: *Espanha.*

Várias crianças: *Nigéria.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Não, mas falam a mesma língua da Nigéria.*

Bruno: *Inglaterra.*

Daniel: *Inglês.*

Educadora estagiária Letícia: *Grã-Bretanha.*

Educadora estagiária Maria Miguel: (Mostrei outra bandeira.)

Inês: *Nigéria.*

Educadora cooperante: *Muito bem Inês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Posso juntar esta com qual?*

Várias crianças: *Com a última, a da Grã-Bretanha.*

Educadora estagiária Maria Miguel: (Mostrei outra bandeira.)

Maria: *China.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa. E em último temos?*

Bruno: *França.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então na França falamos que língua?*

Daniel: *Francês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Na Nigéria e na Grã-Bretanha?*

Bruno: *Inglês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Em Timor?*

Bruno: *Tétum.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Na Espanha e na Venezuela?*

Daniel: *Espanhol.*

Várias crianças: *Português.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E na China?*

António: *Mandarim.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa. Será que agora vamos aprender palavras nestas línguas?*

Albino: *Vamos escrever.*

António: *Copiar.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Já sabemos num país, qual é? Em Portugal como é?*

Bruno: *Jogo.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vou pôr aqui e vocês vão dizer-me qual é a palavra de Portugal.*

Bruno: *É a debaixo.*

Educadora cooperante: *Vem cá buscar. (...) Põe lá no sítio.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Agora será que conseguem fazer alguma?*

Albino: *Sim.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Queres vir cá buscar?*

Albino: *Chinês.*

Educadora cooperante: *Chinês?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Eu acho que os chineses não falam chinês.*

António: *Falam mandarim.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa. Albino faz lá a da China. (Ele faz a correspondência entre a palavra e a bandeira.) Porque é que achas que essa é daí?*

Albino: *Porque tem desenhos.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *As nossas letras chamam-se alfabeto.*

Albino: *Mas isto é diferente daquela e de todas aquelas por isso é que eu sei.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *(...) A seguir é a Elena. Consegues fazer algum? (Ela pegou no cartão com a palavra “ere”). Achas que esse é de que língua? É da França?*

Albino: *Não me parece.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Ainda nem ouvimos o som da palavra. É da Nigéria? Coloca aí. Vocês ainda se lembram do que vos ensinei ontem. A língua oficial da Nigéria é o inglês, mas os pais da menina nigeriana falam outra língua. Qual é a língua que os pais da menina nigeriana falam? Era uma palavra difícil.*

Albino: *Yorù.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *É quase isso. Yorùbá. Então aquela palavra está escrita em?*

António: *Yorùbá.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Mas já vamos ouvir como é que se diz. Há bocado dissemos como se dizia jogo em inglês. Onde está aqui?*

Bruno: *Game.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Conseguem encontrar? Sabes Mónica? (Ela pega na errada.)*

Bruno: *É ao lado.*

Daniel: *Não digas.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Anda cá ajudar. (A Mónica coloca a palavra “game” na bandeira errada.) É daí?*

Albino: *Essa é a da França.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa. Então onde é que se fala inglês?*

Albino: *Troca a palavra para a Grã-Bretanha.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Das que sobram conseguem juntar mais alguma?*

Maria: (Ela coloca a palavra “juego” na bandeira da França.)

(O Daniel faz o som de errado.)

Educadora estagiária Maria Miguel: *Daniel, achas que não é?*

Daniel: *Não.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então? Coloca onde achas.* (O Daniel coloca na bandeira de Timor, depois coloca “soefatuk” em França e “jeu” em Espanha.)

Educadora estagiária Maria Miguel: *Querem ouvir como é que se diz? Vamos descobrir se o que fizemos está correto e ouvir como se diz a palavra. Começamos por qual língua?* (Algumas crianças disseram China.) *Preciso de muito silêncio para ouvir a senhora a falar. Vamos ouvir mandarim.* (A Maria aponta para a bandeira da China.)

Gravador: *Youxi*

(Repiti várias vezes.)

Educadora cooperante: *Para falarmos melhor é melhor pormos os olhos em bico.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Realmente é melhor, vamos tentar outra vez.* (Todos com os olhos em bico.) *Youxi. Foi muito melhor. Então, esta já aprendemos, certo? E está? Como é?*

Elena: *Jogo de Portugal.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Esta já aprendemos.*

Albino: *Espanhol.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos a espanhol.*

Educadora cooperante: *Olha, o Tiago e o Renato não são obrigados a estar aqui a fazer a atividade. Se quiserem podem ir lá para fora e esperam que terminemos a atividade e depois voltam. Assim não interrompem e deixam os outros aprenderem. Vão lá para fora e depois voltam só que não aprendem estas coisas giras.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vocês disseram que espanhol era esta palavra [cartão “jeu”]. Vamos ouvir a ver se está correto?*

Bruno: *Não me parece.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então vamos ouvir. Vocês disseram que em espanhol se diz assim [cartão “jeu”]. Vamos ouvir? 1, 2, 3 silêncio.*

Educadora estagiária Letícia: *Juego.*

Educadora estagiária Maria Miguel: (Pega no cartão “jeu” e pergunto se será aquela palavra.) *Está aqui “juego”?*

Bruno: *Não. É a que está no país da menina timorense.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Muito bem, é a que está no país da Dora. Em espanhol diz-se juego. Vamos repetir.*

(...)

Educadora estagiária Maria Miguel: *Quem ouviu como se diz em espanhol?*

Daniel: *Juego (com o som de j).*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Juego (J com som de R). Tu estavas a ler.*

Educadora estagiária Letícia: *Mas em espanhol o J diz-se R. por isso diz-se “ruego”.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Posso fazer outra língua? Qual era a outra língua da Nigéria que eu disse que a menina nigeriana falava?*

Albino: *Yorùbá.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos ouvir como se diz em yorùbá. Gravei o pai da menina nigeriana. 1,2,3 Silêncio. Ouviram? Vamos ouvir outra vez. Vamos repetir todas as que aprendemos, youxi, jogo, juego, ere. Em inglês?*

Bruno: *Game.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos à França. Agora vamos ouvir o pai da Inês. 1, 2, 3.*

Bruno: *Jeu?*

Educadora estagiária Maria Miguel: (Aponto para o cartão e repito “jeu”.) *Acho que é a mais fácil. Vamos à última, qual é que falta? Maria que país é que falta? Falta um que está aqui na nossa sala.*

Elena: *País da menina timorense.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Que é?*

Várias crianças: *Timor.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Querem aprender? É uma palavra bem grande, vamos ouvir o pai da menina timorense.*

Educadora estagiária Letícia: *Vamos ouvir a Maria.*

Maria: *Soefatuk.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *A Fátima não estava cá quando aprendemos estas, vamos repetir. Como era esta? Dora em yorùbá...*

Educadora estagiária Letícia: *Como se diz Dora?*

Albino: *Yorùbá.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Isso é a língua e a palavra jogo como se diz?*

Várias crianças: *Ere.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E esta [espanhol]? Esta tem aqui um problema no J.*

Daniel: *Juego.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E esta?*

Bruno: *Game.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E esta? A que era muita fácil.*

Bruno: *Jeu.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E a última? Soefatuk.*

Educadora cooperante: *E em mandarim?*

(Algumas crianças disseram *youxi*)

Educadora estagiária Maria Miguel: *E esta matreira que tem aqui um problema?*

Daniel: *Juego,*

(Repetimos todas à medida que eu ia apontando para as palavras.)

Educadora estagiária Letícia: *Afinal em quantas línguas aprendemos a dizer jogo?*

Daniel: *Sete.*

Educadora estagiária Letícia: *Vamos dizer.*

Bruno: *Portugal.*

António: *China.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Mandarim.*

Bruno: *Inglês.*

Nuno: *Espanhol.*

Maria: *Tétum.*

Bruno: *Francês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E a língua da menina nigeriana, aquela difícil?*

Dora: *Yorùbá.*

De seguida, reunimos com os mais crescidos e estivemos a explorar as palavras game, jogo, jeu, juego, de modo a encontrar semelhanças e diferenças entre a palavra jogo nas diferentes línguas, conforme podemos ler no excerto seguinte:

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então que se lembra que país é este? “Juego” é que língua?*

Daniel: *Venezuela.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Espanhol?*

Elena: *Sim.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Para não pôr as duas bandeiras vou sempre colocar a bandeira da Espanha. E esta? Game é de que língua?*

Daniel: *Game é da Espanha.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Ai é da Espanha? Espanhol é juego. E game?*

Nuno: *Portugal.*

Albino: *Inglês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Jeu.*

Daniel: *Francês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Jogo.*

Daniel: *Portugal.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Sabem o que vamos fazer agora? O Nuno vai escolher uma palavra destas para colocar ali. (Nuno escolhe “jeu” e coloca no sítio.) Agora vou pedir ao Daniel para procurar as sílabas.*

Elena: *Eu sei o que é que tu queres fazer, queres que nos encontremos estas palavras.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Aqui são as sílabas destas palavras. Agora vamos fazer a sílaba da palavra jeu, vamos bater as palmas. 1, 2, 3 jeu. Quantas tem?*

Elena: *Uma.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Podes procurar aqui onde está esta sílaba.*

Daniel: *Encontrei uma diferente “jue”.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Pois então não é. Encontraste? Então mete na casinha. Agora vou pedir ao Albino para procurar as letras da palavra jeu.*

Elena: *Não é aí, é aqui.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Está bem, aqui nesta caixa são só sílabas e aqui são letras. Primeiro escolhes e depois metes no sítio correto. Depois de ter encontrado, explico para abrir a mola e colocar as letras juntas. A primeira já está, a segunda (e aponto para o E). Então tem quantas sílabas jeu?*

Íris: *Três.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Sílabas.*

Elena: *Uma.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa e quantas letras?*

Várias crianças: *Três.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos a seguinte. A Alexandra vai escolher uma palavra.*

Albino: *Posso ser eu?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vai voltar a passar por todos.*

Alexandra: *Escolhe.*

(...)

Educadora estagiária Maria Miguel: *(...) O jeu tinha quantas sílabas?*

Bruno: *Uma.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Quantas letras?*

Bruno: *Três.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Agora Bruno escolhe uma palavra.*

Bruno: *Jogo.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Põe no sítio. António procura as sílabas da nossa palavra.*

Bruno: *Tem duas (...)*

Daniel: *Não vale dizer.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Não podes ajudar. O Bruno ajuda.*

Daniel: *Olha a Maria Miguel disse que não podes dizer.*

Alexandra: *Não são essas.*

António: *São, são. (Ele coloca duas sílabas “go”, “go”)*

Daniel: *Isso assim é gogo.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Agora vamos pedir ajuda ao Daniel.*

Daniel: *Isto é um G.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Estas letras G é igual a esta letra J?*

Várias crianças: *Não.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então temos de tirar.*

Elena: *Eu quero tirar.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *António tens de procurar aí uma peça que tenha estas letras um J e um O. (O António procura nas letras.) Aqui onde são as sílabas, aí são só as letras. Alexandra encontraste. É essa mesmo. Boa António. Quantas sílabas tem?*

Várias crianças: *Duas.*

Bruno: *E quatro letras.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *A Alexandra escolhe as letras.*

Elena: *Eu quero escolher as letras. Trocas de lugar comigo Íris? (A Elena queria trocar de lugar com a colega do lado porque percebeu que não lhe ia calhar escolher as letras como ela queria.)*

Bruno: *A seguir é a Maria Miguel.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *A seguir sou eu? Eu já sei. Agora podes prender as molas.*

Bruno: *Até tem o J de Joana.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *É verdade a Joana tem o J. E quem tem este M? Eu tenho.*

Várias crianças: *Eu também tenho.*

Bruno: *Eu não tenho nenhuma dessas.*

Elena: *Eu tenho este O.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então quantas sílabas?*

Várias crianças: *Duas.*

Várias crianças: *E quatro letras.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *O português e o inglês têm as mesmas.*

Bruno: *Letras.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *O mesmo número de letras.*

Elena: *Quero fazer as letras.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos à última. Nuno podes colocar a palavra juego. Quem é que ainda não fez as sílabas?*

Íris e Nuno: *Eu não fiz.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então o Nuno escolhe uma e tu, Íris, escolhes outra.*

Elena: *Eu quero por as letras.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Elena escolhe duas letras. A Alexandra já escolheu letras. Quem ainda não escolheu letras? Nuno Escolhe uma letra. O Daniel escolhe uma letra e Bruno outra. Qual é que falta Bruno?*

Bruno: *O G.*

Daniel: *Põe as letras juntas.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então quantas sílabas?*

Várias crianças: *Duas.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então como se diz? É juego (com de J).*

Daniel: *Juego (som de R).*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Batemos as palmas Jue – go.*

António: *Duas silabas.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E quantas letras?*

Bruno: *Cinco. Mas o jogo (...) e essa palavra têm as mesmas sílabas.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *É verdade. E têm o mesmo número de letras?*

Várias crianças: *Não.*

Elena: *Tem cinco.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Tem mais ou menos?*

Bruno: *Essa palavra tem três letras que o jogo tem.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *É verdade. Quais são?*

Bruno: *J G O.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa. Mas tem mais ou menos letras que a palavra jogo?*

Várias crianças: *Mais.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Quantas tem esta?*

Várias crianças: *Cinco.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos fazer um cartaz para por lá fora para os pais saberem o que nós descobrimos.*

Anexo 3.5

Jogo da macaca na Nigéria **Transcrição da vídeogravação**

Dia 29 de março

Contexto: Jardim-de-infância

Intervenientes: grupo 5, Estagiárias Letícia e Maria Miguel, Orientadora Cooperante (Fátima), Educadora Sara Joana e mãe da menina nigeriana.

Descrição:

Esta sessão de desenvolvimento do projeto realizou-se no dia 29 de março de 2017 e nela pretendíamos que as crianças tivessem a oportunidade de contactar com outra língua, e para isso convidamos a mãe da menina nigeriana para nos ensinar a jogar ao suwe, como se pode ver no excerto da transcrição da vídeogravação que se segue:

António: *É a mãe da menina nigeriana.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Hoje vamos viajar até à?*

Albino: *Nigéria.*

Educadora estagiária Letícia: *E o que é que nós vamos fazer até a Nigéria?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *O que é que vamos conhecer e descobrir?*

António: *Jogo da macaca.*

Educadora estagiária Letícia: *E mais?*

Bruno: *E como se joga.*

Mateus: *E como se diz.*

Educadora cooperante: *Vou mostrar aqui no globo onde fica a Nigéria. Qual é a primeira letra?*

Albino: *N*

Educadora cooperante: *Então vou por um N na Nigéria. É perto de Portugal? França e Portugal são mais perto. A Nigéria...*

Albino: *É muito mais longe. Mas nós estamos um bocadinho mais perto da França porque está mais para trás.*

Educadora cooperante: *Com a mãe da menina nigeriana viajamos...*

Sara Joana: *E vocês sabem dizer Nigéria na língua deles?*

Várias crianças: *Não.*

Sara Joana: *É que, às vezes, os nomes são muito parecidos ou mudam. Se eu falar inglês com a senhora já digo Nigéria de outra maneira. Não acham que é interessante saber como se diz? Portugal diz se quase da mesma maneira, mas há países que mudam muito. Não sabem como se chama.*

António: *What's your name?*

Sara Joana: *Conseguem dizer? Afsou. Querem então perguntar como se diz Nigéria?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Que língua é que eles falam?*

Bruno e António: *Inglês e yorùbá.*

Sara Joana: *Na língua deles também se diz Nigéria mas tem uns sons diferentes. E então o que querem perguntar mais?*

António: *Quantos anos tem?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *É isso que nos queremos descobrir?*

Albino: *Como é que se chama o jogo da macaca no país e como se joga.*

Sara Joana: *Mas vocês sabem se lá se joga ao jogo da macaca?*

Albino: *Não.*

António: *É isso que vamos descobrir.*

(A Sara Joana pergunta a mãe da menina se jogam ao jogo da macaca e ela responde-lhe que sim.)

António: *Meninos, eles jogam.*

Sara Joana: *Jogam este jogo mas é um bocadinho diferente. Como se chama?*

Mãe: *Suwe.*

Sara Joana: *Conseguem dizer?*

Várias crianças: *Suwe.*

Sara Joana: *Lá os meninos estão no recreio e dizem “vamos brincar o suwe”. O que querem que pergunte? Já sabem que se joga, que é um bocadinho diferente, o que querem saber agora?*

Educadora estagiária Letícia: *O que é que nós queremos saber? Já sabemos o nome e agora falta saber...?*

Daniel: *Como se joga.*

Sara Joana: (A mãe desenha o jogo no chão.) *Parece que se começa só com um quadrado. Sabem como se diz? Vai ser um quadrado grande ou pequeno? Lá jogam com um quadrado? Esperem lá que há mais. Pode ter muitos, 6, 4, 8. Cada jogador decide quantos quer. Vamos ver como se joga.*

(A mãe da menina nigeriana continua a explicar em inglês.) *Normalmente jogam lá fora e riscam a terra com um pau. Não se deve dividir em muitos quadrados porque vão durante o jogo atirar uma pedra. Por isso se fizerem muitos quadrados o jogo torna-se mais difícil e mais demorado, assim só com quatro parece que é bom.*

Bruno: *Dá oito quadrados.*

Sara Joana: *Pode ser jogado por 1, 2 ou 3 jogadores. Pode ser em equipas até três elementos. Neste jogo podemos fazer equipas de 1, 2, 3 e jogam ao mesmo tempo. Por exemplo, eu jogo com a Educadora cooperante, jogamos ao mesmo tempo, cada uma num sítio. Se houver uma terceira pessoa há três quadrados por quatro. Se for só um, fica 2x4. Ela vai explicar. Parece mais difícil do*

que a nossa, não? A pedra não pode ser redonda porque roda, tem de ser algo plano. A pedra diz-se okuta.

Renato: *Este jogo da macaca é mais fácil.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos ver se é.*

Sara Joana: *Cada jogador tem uma pedra. Regras: não se pode dobrar para atirar a pedra, não nos podemos esticar para chegar aos mais longe. Assim era muito fácil, tem de estar direitinhos. Ponho a pedra num quadrado e é jogo no outro oposto, não saltam do lado da pedra. Ao pé-coxinho pelo lado oposto, não pode colocar o pé no chão, na casa antes da pedra tem de a apanhar e depois saltar para não tocar naquela. É igual a nossa macaca, sempre com o pé-coxinho e nunca pode tocar nos riscos.*

Albino: *Mas não é muito igual porque assim a volta, voltar e apanhar.*

António: *E não fazemos isto [dois pés na casa], por isso é mais difícil.*

Educadora cooperante: *E a seguir?*

Sara Joana: *Vamos avançando para as casas seguintes.*

Educadora cooperante: *Quem quer fazer? Elena faz. Vamos ver se perceberam. (As crianças experimentam, sem se inclinar e sem esticar para atirar a pedra, vamos questionando em que casa tem de colocar e onde é que tem de começar a jogar.)*

António: *Nós temos de nos equilibrar bem.*

Sara Joana: *Depois de fazer uma fila, começam na outra fila e jogam do lado oposto. Depois de fazer as duas filas completas. Se for só um jogado já acabou. Depois viram-se de costas e atiram a pedra por trás da cabeça para acertar numa pedra. Onde calhar vai ser a sua casa e os outros não podem pisar, tem de saltar. Fica a sua casa onde só ela pode passar já ninguém pode passar nela e cortam a casa, a casa esta proibida aos outros. Depois ganha quem tiver mais casas. Cada vez que uma equipa faz as duas linhas e maca uma casa fica com mais quadrados para a equipa. Já viram que fica muito difícil quando começam a ficar casas eliminadas.*

Educadora cooperante: *Agora vamos jogar em equipas, vejam. Eu atiro para uma casa e vou jogar na casa oposta e a mãe a mesma coisa. Temos de trocar para jogar. Sempre ao pé-coxinho. Querem experimentar? Temos de perguntar à mãe como se diz jogo da macaca, pedra e casa em inglês e em yorùbá.*

Mãe: *“Suwe” “stone - okuta” “house – ile”*

Anexo 3.6

Jogo da macaca em Timor Transcrição da vídeogravação

Dia 03 de abril

Contexto: Jardim-de-infância

Intervenientes: grupo 3, Estagiárias Letícia e Maria Miguel e Orientadora Cooperante (Fátima), pai da menina timorense

Descrição:

Nesta sessão do projeto, que se realizou no dia 03 de abril de 2017, pretendíamos aprender como se jogava ao jogo da macaca em Timor e como se dizia jogo da macaca em tétum e para esta atividade contámos com a colaboração do pai da menina timorense. Mas antes de passarmos à atividade, fizemos um breve apanhado do que já tínhamos descoberto até então, tal como podemos ler no excerto seguinte da transcrição da vídeogravação desta mesma sessão:

Educadora estagiária Letícia: *Assim muito rápido, expliquem aqui à Ana o que é que nós estamos a tentar descobrir.*

António: *Jogo da macaca.*

Educadora estagiária Letícia: *Em que países?*

Elena: *Nigéria.*

Educadora estagiária Letícia: *Timor.*

António: *Na China que se fala mandarim.*

Educadora estagiária Letícia: *Boa. (...) Ai, e o nosso?*

Bruno: *França.*

Várias crianças: *Portugal.*

Educadora estagiária Letícia: *E?*

António: *Espanha!*

Educadora estagiária Letícia: *Espanha. Venezuela. E em que países é que nós já aprendemos?*

Bruno: *Portugal.*

António: *Nigéria! E francês.*

Educadora estagiária Letícia: *E vocês ainda se lembram de como se diz jogo da macaca na Nigéria?*

António: *Cailloux.*

Bruno: *Suwe.*

Educadora estagiária Letícia: *E na França?*

António: *Cailloux.*

Educadora estagiária Letícia: *Isso é patela, não é? Jogo da macaca é la...?*

António: *Mela!*

Educadora estagiária Letícia: *Marelle. Nós aprendemos em Portugal, na Nigéria, em Timor e na França e em França... São todos iguais?*

Daniel: *Não.*

Educadora estagiária Letícia: *São muito diferentes?*

António: *Um bocado diferentes.*

Bruno: *São, mas a França e Portugal são um bocadinho parecidos.*

Educadora estagiária Letícia: *E a da Nigéria?*

António: *Também. É um bocado parecido mas é diferente. Porque cada país tem uma coisa diferente.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E já acham que há algum mais fácil? Um mais difícil?*

António: *O mais fácil é...*

Elena: *É Portugal.*

António: *... é Portugal porque Portugal tem as coisas mais científicas, não é?*

Educadora estagiária Letícia: *Olhem, agora estou-me a lembrar, vocês engaram-se ou fui eu que me enganei? Já aprendemos 4 formas de jogar à macaca?*

António: *Não.*

Educadora estagiária Letícia: *Vamos lá ver outra vez. Portugal, ..*

Bruno: *Nigéria, França, Timor.*

Educadora estagiária Letícia: *Timor? Já aprendemos em Timor?*

António: *Não..*

Educadora estagiária Letícia: *Ah, então eu enganei-me. Afinal só aprendemos 3. E o Bruno estava a dizer que Portugal e França são muito parecidos. E a Nigéria? É muito diferente?*

António: *Não, é um bocado igual porque eles dizem quase, quase igual a Portugal.*

Educadora estagiária Letícia: *O que é que eles dizem quase, quase igual a Portugal?*

António: *Porque eles dizem o jogo da macaca.*

Educadora estagiária Letícia: *Na Nigéria?*

Bruno: *Não... Suwe.*

Educadora estagiária Letícia: *Ah, Suwe. Ah, estás a fazer confusão com a França e Portugal, não é?(...) Mas a da Nigéria é assim muito diferente em relação a quê?*

António: *Porque, olha, a pedra, 1º, é muito diferente, eles dizem que tem que ser assim [rasa].*

Educadora estagiária Letícia: *E como é que se chama a pedra, lembraste?*

António: *Patele.*

Educadora estagiária Letícia: *Oku...?*

António: *Okuta. Porque, olha, o-ku-ta tem quase as mesmas sílabas.*

Educadora estagiária Letícia: *Que quê?*

António: *Jogo da ma-ca-ca.*

Educadora estagiária Letícia: *ma-ca-ca. (...) olhem e as regras são as mesmas nos 3 países?*

António: *Não, porque olha, no país da menina nigeriana, na Nigéria, tínhamos que saltar sempre ao pé-coxinho e em Portugal fazíamos isto [abrir as pernas e colocar os dois pés no chão]. São diferentes mas as sílabas são iguais.*

Educadora estagiária Letícia: *São diferentes (...)*

Bruno: *Mas na Nigéria nós temos que dar uma volta e em Portugal não temos.*

António: *Pois não. Em Portugal também não é um de cada vez, é dois de cada vez.*

Educadora cooperante: *Em Portugal é dois de cada vez?*

António: *Não, é um mas no jogo da Nigéria eram vários.*

Educadora estagiária Letícia: *Podia ser um de cada vez ou então em equipas, de quantos elementos?*

António: *Três.*

Educadora estagiária Letícia: *Dois ou três. Olhem, vocês sabem para onde vamos viajar hoje?*

António: *Para o país da menina timorense, tétum.*

Daniel: *Timor.*

Educadora estagiária Letícia: *Ah, já sei o que ele queria dizer. Qual é que é a língua?*

Daniel: *Tétum.*

Educadora estagiária Letícia: *Mas para além do tétum também fala-se português. Só que...*

António: *Há uma coisa indiferente que é a língua!*

Educadora estagiária Letícia: *Olhem, mas têm que estar com muita atenção, sabem porquê? Porque o pai da menina timorense vai-nos ensinar as regras em tétum! Ah pois... então temos que estar muito atentos a ver se conseguimos perceber alguma coisa. Primeiro vamos dizer olá.*

Várias crianças: *Olá!*

Pai: *Olá.*

Anexo 3.7

Pequeno balanço sobre as atividades desenvolvidas

Transcrição da vídeogravação

Dia 04 de abril

Contexto: Jardim-de-infância

Intervenientes: grupo 3, Estagiárias Letícia e Maria Miguel e Orientadora Cooperante (Fátima)

Descrição:

Esta sessão de desenvolvimento do projeto realizou-se no dia 04 de abril de 2017 e nela pretendíamos dialogar com as crianças sobre as atividades desenvolvidas até então relativamente às diferentes formas de jogar ao jogo da macaca que nós já tínhamos aprendido.

Desta forma começamos por pedir às crianças para explicarem, aos colegas que faltaram, o que tínhamos feito na sessão anterior como se pode ver no excerto da transcrição da vídeogravação que se segue:

Educadora estagiária Letícia: *Expliquem ao Albino e à Luísa o que nós fizemos ontem de manhã.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Viajámos até onde?*

Tiago: *Até à China.*

Renato: *Ao Benfica.*

Educadora estagiária Letícia: *Daniel onde é que nós fomos ontem?*

Daniel: *A Timor.*

Educadora estagiária Letícia: *E aprendemos o quê?*

Albino: *A macaca.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Albino, queres saber qual é o nome da macaca em Timor?*

António: *Tu não sabes, tens de aprender.*

Educadora estagiária Letícia: *Quem se lembra como se diz jogo da macaca em Timor? Em tétum?*

Bruno: *Fatuk.*

Educadora estagiária Letícia: *Acho que isso é a patela. Maria como se chama jogo da macaca em tétum? (...) Vamos ouvir o Bruno.*

António: *Posso ser eu a mostrar a macaca.*

Educadora estagiária Letícia: *O António vai explicar aos que não estiveram cá ontem. E vai relembrar a todos... O que é que nós fizemos ontem e dizer como se diz jogo da macaca e patela em tétum. Para onde é que viajámos?*

Daniel: *Timor.*

António: *Jogo da macaca em Timor chama-se Tapa.*

Educadora estagiária Letícia: *E a patela? Fa...*

António: *Fatuk.*

Educadora estagiária Letícia: *Olha e é muito diferente da nossa, da França, da Nigéria?*

António: *Sim.*

Albino: *Um bocado.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *O que é que tu vês de diferente?*

Albino: *Por causa daqueles três quadrados.*

Educadora estagiária Letícia: *E o que é que tu disseste de manhã?*

Albino: *Que podíamos descansar.*

Educadora cooperante: *Desculpa lá, tu já jogaste?*

Albino: *Não.*

Educadora cooperante: *Nós no jogo da macaca de Timor temos mais sítios para descansar?*

Íris: *Não.*

Educadora cooperante: *Porque é quase toda ao pé-coxinho. E ali tens de andar de um lado para o outro.*

Educadora estagiária Letícia: *Ele esteve a observar de manhã e viu eles a saltarem com os dois pés e achou mais fácil.*

Educadora cooperante: *Porque não experimentaste?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Há duas versões.*

Educadora cooperante: *Não é duas versões se não jogava-se de duas maneiras diferentes.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *É depois de conseguires a macaca toda.*

Educadora cooperante: *Quem conseguir fazer a macaca toda é muito difícil porque tem de jogar com a fatuk, o que é a fatuk?*

Daniel: *Pedra.*

Educadora cooperante: *Com a pedra aqui [em cima da mão] e andar a saltar com a pedra na mão. Só quando fizeres aquilo tudo sozinho.*

Mónica: *E tens de apanhar de costas e levantar a perna.*

Elena: *E não vale ver.*

Educadora cooperante: *Nós temos de desenhar todas lá fora.*

Educadora estagiária Letícia: *Afinal já aprendemos quantas formas de jogar a macaca?*

Daniel: *5.*

Educadora cooperante: *5?*

Educadora estagiária Letícia: *Diz lá.*

Bruno: *4.*

Educadora estagiária Letícia: *Vamos ver.*

Daniel: *Portugal, França, Nigéria, Timor.*

Maria: *China.*

Educadora cooperante: *Já aprendeste a jogar na China?*

Maria: *Não.*

Educadora cooperante: *Ahh.*

Educadora estagiária Letícia: *E falta em que países?*

Daniel: *Na China e na Venezuela.*

Bruno: *Na América.*

Educadora estagiária Letícia: *Faltam quantos países?*

Várias crianças: *Dois.*

Albino: *Na América? Bruno, estás tolinho?*

Educadora estagiária Letícia: *A Venezuela é na América Latina.*

Educadora cooperante: *O Brasil é na América do Sul, a América do Norte é onde está o Trump e o Canadá.*

Educadora estagiária Letícia: *Olha e das quatro macacas que nós aprendemos são todas iguais não são?*

Bruno: *Não.*

Educadora estagiária Letícia: *São muito diferentes?*

Daniel: *São diferentes.*

Educadora cooperante: *São todas diferentes.*

Daniel: *A França é igualzinha de Portugal.*

Educadora estagiária Letícia: *É mesmo igualzinha?*

Bruno: *Não são.*

Daniel: *Porque nós saltávamos e púnhamos os dois pés e depois virávamos. Mas a diferença é que depois no de França virava-se.*

Educadora cooperante: *Não.*

Albino: *A diferença é que...*

Bruno: *Na França tinha a terra e o céu.*

Educadora cooperante: *A diferença é que tinha a terra e o céu, e diz-se terra e céu?*

Educadora estagiária Letícia: *Como se diz em francês?*

Albino: *Cailloux.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Cailloux é a patela.*

Educadora estagiária Letícia: *Céu é parecido. Ci..*

Bruno: *Ciel.*

Educadora estagiária Letícia: *E terra?*

Daniel: *Terre.*

Educadora estagiária Letícia: *E patela?*

António: *Cailloux.*

Educadora estagiária Letícia: *E qual é a diferença entre esses dois [Portugal e França] e a Nigéria?*

Daniel: *A Nigéria é diferente. É que há um quadrado e quadrados pequeninos no meio*

Educadora estagiária Letícia: *Ou seja, o próprio desenho da macaca é diferente do nosso e da França. E a maneira de jogar é diferente?*

Daniel: *É tipo vai ali um jogador e depois vai ali outro e depois têm de trocar e jogam uns contra os outros.*

Educadora estagiária Letícia: *Saltamos sempre ao pé-coxinho ou com os dois pés?*

Bruno: *Sempre ao pé-coxinho*

Educadora estagiária Letícia: *E acham mais difícil?*

Várias crianças: *Sim.*

Educadora estagiária Letícia: *Porquê?*

António: *Porque nós não temos tempo para descansar e os nossos pés ficam fracos e não nos equilibramos.*

Educadora estagiária Letícia: *E em relação a de Timor? É igual à nossa?*

Albino: *Não.*

Daniel: *É diferente porque tem, em vez de dois, tem três quadrados.*

Bruno: *E temos de apanhar de costas e levar assim e saltar.*

Educadora estagiária Letícia: *E o que acharam mais fácil em Timor? Acham tudo fácil?*

Bruno: *Não, não.*

Daniel: *Atrás é muito difícil.*

Educadora estagiária Letícia: *Mas a fazer normal acham fácil?*

Daniel: *Sim.*

Educadora estagiária Letícia: *Qual é a macaca mais fácil para vocês?*

Luísa: *Portugal.*

Bruno: *Mais fácil Portugal; difícil Timor.*

Daniel: *Fácil Portugal e difícil Timor.*

Elena: *Fácil Portugal, difícil ainda não sei.*

Íris: *Fácil Portugal.*

Alberto: *Fácil Portugal e difícil Nigéria.*

Educadora estagiária Letícia: *Como era a da Nigéria?*

Alberto: *Um quadrado grande.*

Educadora estagiária Letícia: *E qual a que gostaram mais até agora?*

Íris e João: *Timor.*

António: *França.*

Várias crianças: *Timor.*

Nuno e Albino: *França.*

Anexo 3.8

**Descoberta de como se diz “jogo da macaca” nos outros países
Transcrição da vídeogravação**

Dia 19 de abril

Contexto: Jardim-de-infância

Intervenientes: grupo 3, Estagiárias Letícia e Maria Miguel e Orientadora Cooperante (Fátima)

Descrição:

Esta sessão de desenvolvimento do projeto realizou-se no dia 19 de abril de 2017 e nela pretendíamos dar a conhecer às crianças as diferentes designações do jogo da macaca em seis países.

Desta forma começamos por pedir às crianças para dizerem qual era a bandeira e de seguida fizeram corresponder a palavra que achavam que lhe pertencia como se pode ver no excerto da transcrição da vídeogravação que se segue:

Educadora estagiária Maria Miguel: *Já aprendemos o jogo da macaca?*

António: *Aprendemos sim, só que é muito difícil. Quando muda as coisas, porque nós temos de pôr as coisas, é um bocado difícil para nós porque ainda não estamos habituados assim de costas a não ver.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Há. Quando é de costas. Quem me sabe dizer que jogos já aprendemos?*

Bruno: *Macaca em..*

Daniel: *Em português, em Inglês em Nigéria.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Na Nigéria que se fala?*

Educadora estagiária Letícia: *Yo...*

Bruno: *Yorùbá.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E outra língua.*

António: *Tétum.*

Educadora estagiária Letícia: *Não.*

Daniel: *Inglês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa, Daniel.*

Bruno: *Chinês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Já aprendemos em chinês?*

Elena: *Não.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *É em chinês que se diz?*

Mónica: *Mandarim.*

Daniel: *Então ainda não falaste com o teu amigo para vir aqui.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Eu já falei com ele. Mas ele vem falar chinês Mónica?*

Mónica: *Mandarim.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Aprendemos Portugal.*

Daniel: *França.*

Bruno: *Yorùbá.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Onde se fala yorùbá?*

Bruno: *Na Nigéria.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E onde se fala tétum?*

Daniel: *Timor.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então já aprendemos em quantos países?*

Albino: *Quatro.*

Daniel: *Falta-nos três.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Quatro países? Vamos ver.*

Educadora estagiária Letícia: *Quais os que nós já aprendemos?*

Elena: *Timor.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Como se chama a língua que se fala em Timor?*

Daniel e Bruno: *Tétum.*

Educadora estagiária Letícia: *Mais países que já aprendemos?*

Luísa: *China.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Já aprendemos na China?*

Várias crianças: *Não.*

Educadora estagiária Letícia: *Quais já aprendemos?*

Daniel: *Portugal, França, Tétum.*

Daniel e António: *Inglês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Qual é a outra língua que também se fala nesse país?*

Educadora estagiária Letícia: *Yo..*

António: *Yorùbá.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Como se chama o país?*

António: *Inglaterra.*

Educadora estagiária Letícia: *O país da menina nigeriana?*

Várias crianças: *Nigéria.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então qual é que nos falta aprender?*

António: *Venezuela.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Que se fala o quê?*

Elena: *Espanhol.*

Educadora estagiária Letícia: *E qual o outro país que falta?*

Mónica: *A China.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Que se fala?*

António: *Mandarim.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então falta-nos só aprender mais dois países. Então, mas se calhar já estão esquecidos das bandeiras.*

António: *Não, não. Portugal.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *(Mostrei as bandeiras.)*

Luísa: *Portugal.*

Albino: *Espanha.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E também podia ser a bandeira da?*

António: *Venezuela.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Que também se fala?*

Bruno: *Espanhol.*

Daniel: *França.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Que se fala?*

Daniel: *Francês.*

Luísa e Daniel: *Timor.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Que se fala?*

Daniel e Bruno: *Tétum.*

Educadora cooperante: *Vamos só acrescentar uma coisa importante, nós temo-nos esquecido que em Timor a língua oficial, sabem qual é? É o português, eles falam também português. Por isso é que a menina timorense nos entende muito bem.*

Daniel e António: *Nigéria.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Que se fala quais línguas? A língua oficial?*

Daniel e Bruno: *Inglês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E a outra?*

Várias crianças: *Yorùbá.*

Várias crianças: *China.*

António: *Que fala se mandarim.*

Educadora cooperante: *Vamos aprender em mandarim mas falam cantonês também.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Todos estes países só se fala aquela língua?*

Daniel: *Não. Falta a bandeira da Venezuela.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Olha e não está aqui a bandeira da Venezuela? Que língua é que se fala na Venezuela?*

Bruno: *Espanhol, por isso é que está aí a bandeira da Espanha.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Por isso posso pôr a da Espanha ou a da Venezuela, mas querem que eu troque? Quais é que já aprendemos?*

Daniel: *Timor, Nigéria.*

António: *Só nos faltam duas.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então estas já aprendemos não é?*

António: *Falta China e Venezuela.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então e quem é que se lembra?*

António: *São letras. (Está a referir-se aos cartões que tinha na mão.)*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Sim são letras.*

António: *Jogo da macaca.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Onde é que dizemos jogo da macaca? Em que país?*

Daniel: *Portugal.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Posso pôr por baixo?*

Daniel: *Podes.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E em Timor lembram se como é que se dizia?*

Daniel e António: *Soefatuk.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Isso era jogo.*

Albino: *Fatuk.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Fatuk era?*

Luísa: *A patela.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Maria como se diz jogo da macaca em Timor?*

Educadora estagiária Letícia: *Ta..*

Maria e António: *Tapa.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Na Nigéria quem se lembra?*

Dora: *Suwe.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E em França quem se lembra?*

António: *Já sei.*

Educadora cooperante: *La...*

António: *Marelle.*

Albino: *La marelle. (...) Ei tantas letras.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E agora como é que vamos descobrir as duas que faltam? Eu tenho aqui o cartão, mas não sabemos o som, temos que o ouvir.*

António: *Vamos ouvir por telemóvel da Maria Miguel.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Antes de pôr o som eu acho que vocês já conseguem dizer me qual é a palavra de cada país.*

Daniel: *Avioncito.* (Estava a ler o cartão.)

Educadora estagiária Maria Miguel: (Entreguei o cartão com a palavra em mandarim e pedi a uma criança para por na bandeira.)

Daniel: *Avioncito é da Venezuela.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E esta?*

Elena e Daniel: *É da China.*

António: *Ninguém consegue ler chinês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos ouvir. Acho que tenho aqui. Ouvimos primeiro as palavras que ainda não conhecemos. (Ouviram “avioncito” e repetiram.) Vamos ouvir em mandarim. Todos tentam repetir.*

(Voltamos a ouvir o som e repetimos.) *Primeiro ouvimos o nosso. Como se diz?*

Bruno: *Jogo da macaca.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Em Timor como se diz?*

Bruno: *Tapa.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos ouvir.*

Educadora cooperante: *O pai repetiu muitas vezes.*

Dora: *Três vezes.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Sim, Dora, repetiu três vezes a palavra. Agora vamos ouvir qual?*

Daniel: *Nigéria.*

Dora: *Yorùbá. Suwe.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos ouvir. Qual é a primeira palavra que ele diz? Lembra-se? Ere suwe. Já aprendemos o que quer dizer ere. Quem se lembra? Aprendemos só uma palavrinha, que ate estavam a dizer soefatuk que é em tétum.*

António: *É jogo da macaca.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Não.*

António: *É jogo.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então ere é o quê em yorùbá?*

António: *Jogo da macaca.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Jogo é ere, suwe.*

Daniel: *É macaca.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos à França. Quem se lembra?*

Várias crianças: *La marelle.* (Repetiram.)

Educadora estagiária Maria Miguel: *Como aprendemos Ere que é?*

Menina nigeriana: *Maria Miguel quero ouvir o meu.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Ele diz jogo de la marelle, primeiro diz jeu, que era a palavrinha pequenina que tínhamos aprendido, que era jogo de la marelle.*

António: *Que é macaca.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Já aprenderam como se diz em Espanha.*

Daniel e Bruno: *Avioncito.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos ouvir outra vez o mandarim. (Todos repetiram.) Não é “te” é “ze” no último som. (Repetimos.) Boa Dora repete. (A Dora repete o som da palavra.)*

Educadora cooperante: *Até parece que és da China mesmo.*

De seguida as crianças ouviram quatro excertos e tiveram de identificar a língua e encontrar semelhanças e diferenças entre as palavras apresentadas na atividade de grande grupo, como se pode ver no excerto que se segue:

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos ouvir a explicação das reras do jogo da macaca em quatro línguas.*

Daniel: *Eu já não sei as regras.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então agora vamos ouvir a explicação a dizer como se joga naquele país, salta-se com um pé, com dois. Vamos ouvir em quatro línguas e vocês vão dizer-me qual é a língua que estão a ouvir. Mas primeiro vamos ouvir as quatro línguas e há uma língua que não está a falar do jogo da macaca e vocês tem de descobrir. Vamos ver se a primeira fala sobre o jogo da macaca.*

Bruno: *Está a falar. Sim está a falar do jogo da macaca.*

Daniel: *Já sei, Venezuela.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Fala do jogo da macaca?*

Bruno: *Sim porque eu ouvi cailloux.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Essa palavra é de que língua?*

Daniel: *Cailloux é pedra.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *De que país?*

João: *Do país da menina nigeriana.*

Bruno: *Timor. França.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Muito bem, ouvimos a explicação de que país?*

Várias crianças: *França.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então a primeira opção era ou não sobre o jogo da macaca?*

Daniel e Bruno: *Sim.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Próxima língua.*

João: *Esta não é.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Falou do jogo da macaca?*

Bruno: *Falou.*

João: *Não.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E era que língua? Perceberam alguma palavra?*

João: *Português.*

Bruno: *Inglês?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Não perceberam nenhuma palavra? Vou pôr outra vez para ouvirmos melhor. Estejam com atenção às palavras para ver se conseguem ouvir o que eles dizem.*

Daniel: *Disseram educação.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Conseguiram perceber que palavras?*

Daniel: *Educação.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Está a falar de quê? Está a falar do jogo da macaca?*

Várias crianças: *Não.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então a primeira opção estava a falar do jogo da macaca em francês e a segunda opção não.*

Bruno: *Meu, disseste que era só um, por isso as outras duas têm que falar do jogo da macaca.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos ver. Será que é uma ratoeira?*

Daniel: *Põe Venezuela.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos ouvir.*

Bruno: *Mandarim?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Bruno, disseste que era mandarim? Mas nós já aprendemos o jogo da macaca em mandarim?*

Bruno: *Não. Eu não percebi nadinha.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Nós ainda não ouvimos o meu amigo a falar, como é que sabemos se é mandarim ou não?*

Bruno: *Eu acho que é mandarim pela maneira de falar, tem um som estranho.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Isto é mandarim, que fala de uma maneira diferente. Mas nós aprendemos em mandarim uma palavra qual era? O que é que vos ensinei há bocado?*

Bruno: *Jogo da macaca.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E lembram-se como se dizia em mandarim? Vou repetir. Esta é a única palavra que nós sabemos em mandarim, agora com atenção, vou pôr outra vez a explicação e ouçam bem a primeira palavrinha da explicação.*

Bruno: *Macaca.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *O que é que ela diz logo no início?*

Bruno: *Macaca, por isso estava a falar.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então a terceira?*

Bruno: *Está a falar.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então a primeira?*

Bruno: *Estava, a segunda não, a terceira estava e a quarta não sei.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *A primeira explicação era em que língua?*

Bruno: *Francês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E a segunda? Ainda não descobrimos. Vocês conseguiram perceber algumas palavras. Que língua é que a Fátima nos disse que também se fala português?*

Bruno: *Timor.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E como se fala em Timor?*

Daniel e Bruno: *Tétum.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E esta agora?*

Bruno: *Mandarim.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos ouvir a última.*

Bruno: *Percebi avioncito. Estava a falar.*

Daniel: *Eu sei. É a Letícia e ouvi ninho.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E estava a falar que língua?*

Bruno: *Espanhol.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Que se fala aonde?*

Bruno: *Espanha.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Mas há outros países a falar. (...) Então qual era a opção que não falava?*

Daniel: *A segunda.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Será que falava de quê? Daniel, ouviste uma palavra?*

Daniel: *Educação.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então que língua era?*

Daniel: *Eu reconheci um pouco.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Que país era?*

Nuno: *Portugal não era.*

Daniel: *Tétum.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos ouvir outra vez e tentar ouvir bem as palavras, porque lá também se fala português.*

Bruno e Daniel: *Ouvi educação.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Fala qualquer coisa sobre educação. Agora vamos fazer outra coisa mais difícil. Mas o Bruno já conseguiu fazer há bocado quando ouviu a explicação da França. Tu ouviste uma palavra, qual foi?*

Bruno: *Cailloux.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então agora têm de estar com muita atenção para ouvirem as palavras e quando ouvirem uma palavra que conhecem, cailloux, como se diz céu?*

Bruno: *Ciel.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E terra?*

Daniel: *Terre.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então quando ouvirem uma palavra conhecida guardam um cartão para si, e no fim vamos ter algumas palavras. Imaginem que o Bruno ouviu uma palavra e coloca o cartão, ouviu ciel e coloca o cartão. Perceberam?*

Bruno: *Já percebi.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Sempre que ouvirem uma palavra colocam um cartão em cima da mesa. (As crianças ouviram e foram colocando os cartões à medida que ouviam as palavras.) O que é que ela estava a dizer agora? Quatre, cinq.*

Bruno: *Eu ouvi oito.*

Daniel: *Mas sabias que o sete é normal?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *O que ela está a dizer?*

Daniel: *Os números.*

Bruno: *Da França.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então quantas palavras ouviram?*

Daniel: *Seis.*

Alexandra: *Três.*

Daniel e João: *Seis.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então uma palavra que tenham ouvido.*

Daniel: *Cailloux.*

Bruno e João: *Terre.*

Alexandra: *Casa.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Diz-se “cas”. Ninguém ouviu ciel?*

Bruno: *Eu ouvi dois ciel.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E há outras palavras que tenham ouvido que perceberam o que queria dizer?*

Bruno: *Terre.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E os números nós conseguimos perceber.*

Bruno: *Eu não percebi o sete.*

Daniel: *Mas o sete é normal.*

Bruno: *Olha, eu não queria descobrir o sete porque o sete é igual.*

De seguida, as crianças tiveram de identificar o intruso entre os quatro excertos que iam ouvir, tal como podemos ver no excerto seguinte:

Albino: *Isto é como os polícias, um intruso é uma pessoa que rouba coisas e depois não as devolve. Mas neste caso, o intruso é uma pessoa que mais ou menos interrompe.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Eu explico. Temos pessoas a falar sobre o jogo da macaca em várias línguas. A explicação do jogo da macaca nas línguas que nos aprendemos e uma dessas explicações não fala sobre o jogo da macaca e vamos ter de adivinhar qual é. Mas como nós já sabemos muitas línguas e algumas palavras conseguimos perceber qual é o intruso. Então o intruso fala do jogo da macaca?*

Albino: *Não.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então vamos ver se esta primeira língua fala sobre o jogo da macaca.*

Elena: *Não sei.*

António: *Não fala.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *O que acham? Falou alguma palavra conhecida?*

Albino e António: *Não.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Tenho a certeza que já ouviram algumas palavras desta explicação, vamos ouvir outra vez. Tomem atenção às palavras.*

Albino: *Caiu.*

António: *Não.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Cailloux o que é que quer dizer?*

António: *É pedra.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Em que língua?*

António: *Em Francês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Não ouviram mais nenhuma palavra? Ciel não ouviram? O que é ciel?*

António: *É na Nigéria?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Não, agora só estamos a falar de uma língua que é?*

Íris: *Francês.*

António: *Ciel então é..*

Íris: *Francês.*

Albino: *Céu.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa, e disse outra palavra que também existe em francês, na macaca da França.*

Albino: *É terre.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa. Então estava a falar do jogo da macaca?*

Várias crianças: *Sim.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então a primeira língua, qual era?*

António: *França, estava a falar.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Correto. Vamos passar a segunda língua. Ouviram alguma palavra? Vou dar vos uma pista aqui há algumas palavras que são parecidas com as nossas. Vou por outra vez.*

Albino: *Espera então já sei, uma era aprender.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa.*

Elena: *Era a primeira parte, eu já me esqueci da primeira parte.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos ouvir outra vez.*

Elena: *Já ouvi, educação.*

António e Albino: *Educação.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então será que fala sobre o jogo da macaca?*

Várias crianças: *Não.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Acham que fala sobre o quê?*

Albino: *Educação.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Deve ser qualquer coisa sobre educação. Que língua será esta com algumas palavras iguais as nossas?*

Albino: *Inglês?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Inglês tem palavras iguais as nossas?*

Elena: (Aponta para Timor.) *Tétum.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Lembram-se quando o pai da menina timorense veio ensinar o jogo da macaca em tétum ele explicou coisas que nós percebemos muito bem, porquê?*

Albino: *Porque lá a língua nacional é o português.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Língua oficial.*

Albino: *A língua oficial é o português.*

António: *E o sotaque é português.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Mas a própria língua tétum tem palavras muito parecidas com o português. Então a primeira língua que ouvimos era?*

Elena: *Francês.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E falava do jogo da macaca?*

Várias crianças: *Sim,*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E esta língua falava?*

Albino: *Não.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E era que língua?*

Albino: *Tétum.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então a primeira em francês falava e a segunda em tétum não falava. Vamos ouvir a próxima.*

Albino: *Vamos a terceira língua.*

António: *Eu sei qual é, é chinês.*

Elena: *É da China.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Chinês?*

Íris: *É da China.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Que se fala?*

António: *Mandarim.*

Albino: *Eu ouvi uma coisa mas já me esqueci.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Acham que falava do jogo da macaca?*

António: *Não.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Não sabemos, ainda não aprendemos a jogar em mandarim.*

Albino: *Mas eu ouvi uma coisa que parecia do jogo da macaca mas já me esqueci.*

António: *É jogo da macaca em mandarim, estava lá a dizer.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então querem ouvir como se diz jogo da macaca?*

Várias crianças: *Sim.* (Repetiram a palavra em mandarim.)

Educadora estagiária Maria Miguel: *Agora vamos ouvir a primeira palavrinha que ela diz quando começa a explicar. Ouçam com atenção.*

Elena: *Ah, já sei, Tiaofangze.*

António: *Era igual.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Só sabemos como se diz jogo da macaca. Qual é a primeira palavra que ela diz? O que quer dizer?*

António: *Jogo da macaca em chinês.*

Várias crianças: *Mandarim.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então esta língua fala do jogo da macaca?*

Várias crianças: *Sim.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos ouvir a próxima.*

António: *Eu sei.*

Íris: *A Leticia a falar espanhol.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Está a falar do jogo da macaca?*

Albino: *Espanhol.*

António: *Sim.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Como se diz?*

António: *Avioncito.*

Albino: *São estes dois países [Espanha, Venezuela].*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então qual era a única língua que não falava sobre o jogo da macaca? Quais a que nós ouvimos?*

António: *Espanhol, mandarim.*

Albino: *Francês.*

Elena: *Tétum.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Espanhol, mandarim, francês e tétum, qual era a única que não falava sobre o jogo da macaca?*

António: *Era o tétum.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Falava sobre o quê?*

António: *Educação.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Agora vamos fazer outra atividade, vocês já sabem muitas palavras em francês. Por exemplo cailloux, ciel, terre. Sempre que ouvirem uma destas palavras colocam um cartão em cima da mesa. Perceberam o que têm de fazer sempre que ouvirem uma palavra conhecida?*

António: *Pôr um cartão.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos ouvir. Os cartões não têm nada, no final os cartões vão dizer quantas palavras conhecidas ouviste. Podes ouvir muitas. Vamos ouvir com atenção.*

Elena: *Terre. Não consigo ouvir nenhuma.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Ouviste quantas palavras Albino?*

Albino: *Quatro.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E tu?*

António: *Três.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Elena não conseguiste ouvir nenhuma?*

Elena: *Não.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Albino uma palavra que tenhas ouvido.*

Albino: *Cailloux.*

António: *Terre.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Quem ouviu outra palavra?*

Albino: *O céu*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Ciel. E casa?*

António: *Eu ouvi.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Por exemplo, ninguém conseguiu perceber os números?*

Elena: *Põe outra vez.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos ouvir. Agora ouviram?*

Elena: *Cinco.*

Albino: *Eu ouvi várias.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Agora vamos chamar os outros meninos para fazermos a última atividade. (Coloco os seis cartões com a palavra “jogo da macaca” nas seis línguas e as respetivas bandeiras.) Alexandra escolhe uma palavra e coloca-a ao lado da bandeira a que pertence. (Escolhe jogo da macaca e coloca em Portugal.) António escolhe e coloca no sítio. (Ele escolhe a palavra em mandarim e coloca ao pé da bandeira da China.)*

Daniel: *Também ia escolher essa.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Albino podes escolher. (Escolhe a palavra tapa e coloca em Timor.) Como se diz essa palavra?*

Albino e Bruno: *Tapa.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Íris escolhe uma. (A Íris não quis.) Bruno pega numa. (Ele escolhe “suwe” e coloca na Nigéria.)*

Daniel: *Agora sou eu.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Como é que se diz a que escolheste Bruno?*

Bruno: *Suwe*

Educadora estagiária Maria Miguel: *És tu Daniel.*

Daniel: *Vou escolher a terra do meu amigo. (Escolhe “avioncito” e coloca na Espanha.)*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Como se diz essa palavra?*

Várias crianças: *Avioncito.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Elena escolhe a última. (Ela coloca “la marelle” na França.) Como se diz essa Elena?*

Elena: *Não sei.*

Várias crianças: *La marelle.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vou tirar em mandarim porque este não tem letras tem outro sistema de escrita.*

Albino: *É por isso que nós sabemos logo que essa é mandarim, porque tem desenhos e nós temos letras.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Muito bem. Então agora vamos olhar para as nossas palavrinhas e para dizer jogo da macaca qual é a que precisa de mais palavras?* (Aponto para “tapa” e pergunto quantas palavras tem.)

Elena: *Quatro.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Elena isso são as letras. Uma palavra é composta por muitas letras ou poucas letras.*

Albino: *Uma.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa, Albino! Tem uma palavra.*

Daniel: *Encontrei um que tem mais.* (Aponta para jogo da macaca.)

Educadora estagiária Maria Miguel: *Quantas palavras tem?*

Íris: *Três.*

Educadora estagiária Maria Miguel: (Pego no cartão e passo o dedo dizendo jogo uma palavra, da outra palavra, macaca outra palavra.) *Então qual é a que tem mais palavras?*

Bruno e Elena: *Portugal.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Qual é que tem só uma palavra?*

Bruno e Daniel: *Timor.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Há mais alguma?*

Várias crianças: *Nigéria.*

Elena: *França.*

Bruno: *Não Elena, essa tem duas palavras.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Esta tem..*

Bruno: *Tem duas porque é la marelle.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Olhem então conseguimos formar conjuntos. Quero o cartão com três palavras, a seguir só com uma.*

Bruno, Albino e Daniel: (Formam o conjunto.)

Educadora estagiária Maria Miguel: *Quantas palavras tens aí, Albino?*

Daniel: *Quatro.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Palavras.*

Daniel: *Ai tem uma palavra.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E esta [avioncito] tem quantas palavras?.*

Albino: *Uma.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então têm de juntar ao vosso conjunto. Esse é o conjunto de quantas palavras?*

Daniel: *Uma palavra.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Aqui conjunto de..*

Bruno: *Três. E aqui de duas palavras (la marelle).*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Agora vamos contar as letras para ver qual é a maior.*

António: *A maior, eu sei.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Será esta a maior por ter mais palavras?*

António: *Não.*

Bruno: *Não sei ainda, não contei mas pode ter menos letras.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos ver.*

Bruno: *Esta pode ter mais letras que essa e ser só uma palavra.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *É verdade pode ter mais letras e ter menos.*

Bruno: *Palavras.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos contar.*

Várias crianças contam: *Tem 12 letras.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos a esta.*

Várias crianças contam: *9 letras*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E esta [tapa]?*

Bruno: *Quatro.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E esta [suwe]?*

Daniel, Íris e Elena: *Quatro?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Posso pôr ao lado de alguma?*

Bruno, Daniel e Albino: *Da anterior [tapa].*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E esta [la marelle]?*

Várias crianças: *9 letras.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Posso pôr esta em algum sítio?*

Daniel: *Podes, aquela [avioncito] tinha 9.*

Bruno: *Então é a que tem mais palavras e a que tem mais letras.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E estas aqui têm o mesmo número de letras, não é? E têm o mesmo número de palavras?*

Bruno e Albino: *Não.*

António: *Tem sim.*

Bruno: (Aponta para o cartão la marelle e coloca a mão entre as duas palavras para dar a entender que há um espaço.)

Educadora estagiária Maria Miguel: *Quantas tem esta?*

Bruno: *Palavras tem uma e 9 letras.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Portanto estas duas têm o mesmo número de letras mas diferente número de palavras não é?*

António: *Sim.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Olhem e há aqui alguma que comece pelas mesmas letras?*

António: *Sim.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Há alguma que comece com S?*

Várias crianças: *Não.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E com T?*

Várias crianças: *Não.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E com L?*

Várias crianças: *Não.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E com M?*

Bruno e Íris: *Esta [macaca].*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa, na França a segunda palavra começa com a mesma letra que a nossa, marelle e macaca.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Há mais alguma semelhança.*

Bruno: *Olha tem aqui a minha letra V.*

Alexandra: *Eu tenho esta O esta A.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Há varias letras iguais não há?*

Elena: *Olha um A, outra A, outro A.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Há muitos A.*

Bruno: *Quantos há?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Será que é o A a letra que existe mais?*

António: *Sim.*

Bruno: *Isso é só aqui.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Sim, só nestas palavras.*

António: *Sim é o que tem mais.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Olhem esta não há em mais lado nenhum W.*

Bruno: *Há três E.*

Daniel: *O U também não há.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Qual é a outra letra que só há uma?*

Daniel: *O U.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa.*

Bruno: *O T.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Olha aqui mais T.*

Elena: *Este não há mais S.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Há outro.*

Elena: *Este G*

Bruno: *E o D?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Boa, o D também não há, é verdade. Qual foi a palavra que gostaram mais de aprender?*

Alexandra: *Espanha.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Já não me lembro como se diz.*

Bruno: *Avioncito.*

António: *Eu gostei mais de Portugal. Desculpa, gostei mais da Espanha, estava a brincar contigo.*

Bruno: *Avioncito porque é como um avião.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Para a semana vamos aprender a jogar.*

Anexo 3.9

Diálogo sobre a divulgação do projeto à comunidade escolar e criação da história para publicar no “Escrevinhando”

Transcrição da vídeogravação

Dia 24 de abril

Contexto: Jardim-de-infância

Intervenientes: grupo 3, Estagiárias Letícia e Maria Miguel e Orientadora Cooperante (Fátima)

Descrição:

Esta sessão do projeto realizou-se no dia 24 de abril de 2017 e nela pretendíamos dialogar com as crianças sobre a divulgação do nosso projeto às outras salas.

Desta forma começamos por falar sobre o título do nosso projeto, que até então ainda não tínhamos chegado a um acordo, e, posteriormente, sobre como iríamos divulgar o nosso projeto, como podemos ler no excerto seguinte:

Educadora estagiária Letícia: *Vocês sabem que nós estivemos a fazer algumas sessões sobre o jogo da macaca, como é que se joga ao jogo da macaca, aprendemos como é que se diz jogo da macaca noutras línguas, certo? Mais ainda nos faltam... quantas?*

Albino: *Espanhol e China.*

Educadora estagiária Letícia: *Mandarim.*

Maria: *Mandarim!*

Educadora estagiária Letícia: *Só que agora vem a parte mais importante. Como é que nós vamos dizer às outras pessoas o que é que nós estivemos a fazer? Nós ainda não pensamos nisso, pois não?*

Albino: *Nós temos que dizer o nome do projeto e depois dizer que é para o jogo da macaca.*

Educadora estagiária Letícia: *Boa, Albino! Sabes que nós ainda tínhamos decidido exatamente qual o nome do projeto. Estávamos a fazer um projeto ...*

Albino: *Vamos fazer votos!*

Educadora estagiária Letícia: *Houve alguns meninos que hoje de manhã disseram alguns nomes. Eu vou dizer primeiro os nomes que os meninos disseram hoje de manhã e só depois é que vamos a votos. Ok?*

Albino: *Ok.*

Educadora estagiária Letícia: *Os nomes foram: “Descobrir o jogo da macaca no Mundo”, “Quer aprender connosco o jogo da macaca nos outros países”, “Quer descobrir connosco o jogo da macaca à volta do Mundo”, “Projeto jogo da macaca” e “Viagem pelo Mundo do jogo da macaca”. (De seguida fomos a votos e o título com mais votos foi “Viagem pelo Mundo do jogo da macaca”).*

Após a votação, passámos ao planeamento da divulgação do nosso projeto, tal como podemos ver no excerto seguinte:

Educadora estagiária Letícia: *Então já temos o nosso projeto quase concluído, já temos um título e agora o que é que nos falta fazer?*

António: *Pôr os placares lá fora.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E os meninos como é que vão saber o que está lá fora?*

Educadora estagiária Letícia: *Os meninos sabem ler?*

(Algumas crianças responderam que não sabiam ler).

Nuno: *Desenhar o jogo da macaca.*

Albino: *Fazemos desenhos.*

Educadora cooperante: *Boa.*

Albino: *Mas dividimos algumas partes para conseguirmos fazer quatro jogos da macaca.*

Educadora estagiária Letícia: *Até agora só aprendemos quatro.*

Albino: *Quando houver mais vamos ter que arranjar outra folha e arranjar seis espaços quando já soubermos as seis formas de jogar ao jogo da macaca.*

Educadora estagiária Letícia: *E querem só apresentar aqui no Jardim-de-infância?*

António: *Podemos apresentar na rua e aos outros meninos...*

Educadora cooperante: *Da escola?*

António: *Sim. E da escola primária também. Mas podemos fazer cartazes.*

Albino: *Olha, António, podemos juntar a tua ideia. Os cartazes. Depois penduramos...*

Educadora cooperante: *Nos placares.*

Albino: *Pois, depois escrevemos para os da primária e aqui só fazemos desenhos.*

Educadora cooperante: *E o que é que vocês vão escrever ou desenhar?*

Bruno: *O título.*

Albino: *O jogo da macaca.*

Bruno: *Nós podemos andar na escola com os cartazes.*

Educadora cooperante: *Se nós formos levar assim os cartazes de qualquer maneira ninguém percebe o que é que lá se passa. O importante é como é que nós podemos passar a mensagem. A mensagem é a história do jogo...*

Daniel: *Da macaca.*

Educadora estagiária Letícia: *Eles falaram em cartazes. Outra forma de...*

António: *Um cartaz, pequeno ou grande tanto faz.*

Educadora cooperante: *Mas o que é que vocês vão escrever nos cartazes?*

Albino: *O título, mas primeiro escrevemos coisas que queremos dizer aos da primária.*

Educadora cooperante: *Como é que nós vamos contar aos outros meninos o que é que nós fizemos na sala sobre o jogo da macaca.*

António: *Podemos dar aos irmãos mais velhos os cartazes, grandes ou pequenos, para eles lerem em casa para a mãe e para os pais e para o irmão.*

Educadora cooperante: *Então também é importante. Não é só para os meninos da escola nem para os outros grupos do Jardim é também para a família.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Para saberem o que nós estamos a fazer.*

Educadora cooperante: *Fazem os cartazes mas o que é que vão fazer nos cartazes? O que é que lá está escrito e o desenho?*

Albino: *Desenho sobre o jogo da macaca, o título e podemos escrever algumas coisas queridas para os da primária.*

Educadora cooperante: *Só pode ser do projeto.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *O que é que nós precisamos de pôr lá para que saibam o que é que nós aprendemos?*

Albino: *Podemos fazer instruções mas precisamos de folhas de papel, agrafar e juntar, fazemos desenhos e depois podemos usar um bocado de cartão para depois não se rasgar e depois vamos ter que fazer um quadrado. Depois usamos cola para juntar, depois se precisarmos de algumas ou muitas folhas para as instruções, depois podemos pedir ajuda se não soubermos muito bem, mas se soubermos já temos que só fazer o livro e desenhar.*

Educadora cooperante: *O livro!*

Albino: *Um livro de instruções mas da macaca... para quem não sabe com a pedra. Mas depois podemos fazer outro como é que se joga com a pedra para quem não saber como é que se joga com a pedra.*

Educadora estagiária Letícia: *Então estás a falar em dois?*

Albino: *Sim, dois livros.*

Educadora estagiária Letícia: *Um sem pedra e outro com pedra?*

Albino: *Sim, depois vamos fotocopiar para quem ainda não sabe.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então só estás a incluir Portugal.*

Albino: *Sim.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então e os outros países?*

Albino: *Também podemos fazer para os outros países mas temos que escrever que é para a macaca em os livros na capa.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então porque é que não juntamos todos e formamos um livro de todos?*

Albino: *Mas assim não dá.*

Educadora estagiária Letícia: *Assim era mais fácil. É que assim só temos um livro com as várias formas em vez de termos seis livros. Depois podemos perder algum.*

Educadora cooperante: *Resumindo e concluindo, podemos escrever os nomes do jogo da macaca nos diferentes países com as diferentes instruções. Vamos escrever e colocar no placard e depois juntar tudo e fazer um livro.*

António: *Todos vão participar a fazer o livro porque assim os meninos da primária vão saber que todos fizeram isto com amor.*

Educadora cooperante: *Muito bem!*

Educadora estagiária Letícia: *E não só. Sabes que o projeto foi feito para todos nós. Todos participaram nas sessões, certo?*

António: *Sim.*

Educadora cooperante: *E de tudo o que nós descobrimos foi que o jogo da macaca joga-se só em Portugal?*

Várias crianças: *Não!*

António: *Em vários países.*

Educadora cooperante: *E outra coisa diz-se da mesma maneira?*

António: *Não.*

Educadora cooperante: *Diz-se de maneiras diferentes. Mas os meninos que jogam a macaca na Nigéria, em França, em Portugal, em Timor, na Venezuela quando jogavam ao jogo da macaca estavam sempre tristes?*

Albino: *Não.*

Educadora cooperante: *Então estão quê?*

Várias crianças: *Felizes!*

Educadora cooperante: *Então gostam de jogar a macaca como nós também gostamos. Apesar de sermos de países diferentes e falarmos diferentes línguas, jogamos a macaca quase da mesma maneira.*

Educadora cooperante: *Como é que os meninos da primária vão conhecer esta história? É nos placares...*

António: *Nós podemos, para além de fazer um cartaz, vamos fazer um cartaz e podemos acrescentar um pau e depois escrevemos e depois pegamos no pau e vamos mostrar à escola.*

Educadora estagiária Letícia: *Levam o cartaz e o que é que vão dizer?*

António: *Ainda temos que planear o que é que nós vamos dizer.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Isso também é verdade. E quem vai dizer...*

Educadora estagiária Letícia: *Por exemplo, eu vejo um cartaz assim, leio mas nem sempre consigo perceber o que lá está, apesar de eu saber ler.*

António: *Então vamos fazer uma coisa que toda a gente perceba.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Por exemplo?*

Educadora cooperante: *Hoje, para vocês perceberem o que era a liberdade e o que era o 25 de abril, o que é que nós contámos?*

António: *Uma história! (...) Se todos concordarem, podemos escrever no livro uma história com partes da história...*

Educadora cooperante: *Com partes da história da macaca!*

António: *Sim! Mas só que acrescentamos umas partes de outros livros...*

Educadora cooperante: *Não precisamos. Pomos a nossa imaginação a trabalhar e escrevemos uma história.*

Educadora estagiária Letícia: *E vocês sabem que a história é uma maneira fácil de explicar às outras crianças o que é que fizemos, porque vocês vão contar a história...*

António: *E vocês não?*

Educadora estagiária Letícia: *Tem mais sentido serem vocês a contar. Vocês ao contarem a história também explicam a história aos outros meninos e assim é mais fácil...*

Educadora cooperante: *Agora temos que pensar numa história...*

Dia 26 de abril

Contexto: Jardim-de-infância

Intervenientes: grupo 3, Estagiárias Letícia e Maria Miguel e Orientadora Cooperante Fátima)

Descrição:

Nesta sessão, realizada no dia 26 de abril de 2017, pretendíamos continuar a nossa planificação relativamente à divulgação do nosso projeto às outras salas.

Desta forma começamos por recolher ideias para a construção da nossa história, tal como podemos ler no excerto seguinte:

António: *Podemos filmar com a câmara, pintávamos uma casinha, nós dizíamos e um menino aparecia e depois...*

Educadora cooperante: *Mas há um problema, António. Esta história que nós vamos inventar, nós temos que a desenhar e escrever para ir para o escrevinhando...*

António: *Sim...*

Educadora cooperante: *... que é para toda a gente ler. ...*

Educadora estagiária Letícia: *Então agora vamos criar a nossa história.*

Educadora cooperante: *E vamos começar assim, “era uma vez uma pedra”.*

Albino: *Era uma vez uma pedra que estava um lobo em cima, à noite...*

Educadora cooperante: *Quando nós começamos “era uma vez uma pedra”, nós temos que pensar no jogo da macaca, nos países todos, em tudo. Percebes?*

António: *Que estava muito infeliz.*

Educadora cooperante: *E o que é que aconteceu a essa pedra?*

Albino: *E uns dias depois encontrou uma pessoa essa pedra.*

Educadora cooperante: *E uns dias depois uma pessoa...*

Educadora estagiária Letícia: *A encontrou...*

Albino: *E depois o senhor ou a senhora perguntou: “Porque é que estás tão infeliz?” E depois a pedra disse: “Porque nunca ninguém foi meu amigo.” Depois o senhor ou a senhora ficou amigo da pedra. E ficou feliz!*

Educadora cooperante: *“Era uma vez uma pedra redondinha e achatadinha...”*

Matilde: *Era uma vez uma pedra que viu um menino infeliz.*

Educadora cooperante: *O menino chamava-se?*

Matilde: *Tiago. E a pedra era bem redondinha e encontrou o menino Tiago.*

Educadora estagiária Letícia: *E a seguir?*

Educadora cooperante: *E ela saltou para a mão dele.*

Luísa: *Depois o menino perguntou: “Tu falas?” e ela “Eu vivo sozinha.”*

Educadora cooperante: *“Eu vivo sozinha, não tenho pais. E tu?”*

António: *“Tens pais ou não?” E o menino respondeu “Sim, tenho, só que estou um bocado infeliz, porque não tenho amigos na escola.”*

Educadora cooperante: *E o que é que a pedra respondeu?*

António: *“Eu posso te ajudar a ficar feliz. É só...”*

Educadora cooperante: *“É só pegares em mim e lebares-me para a escola.”*

António: *“E assim já tens um amigo e assim já te sentirás melhor na vida.”*

Educadora cooperante: *“Anda, leva-me contigo!”*

António: *“Para a escola.”*

Educadora cooperante: *O menino levou a pedra para a escola e sabem o que é que a pedra fez? ... Ela não tinha amigos e o Tiago levou a pedra. E o que é que aconteceu?... E o que é que a amiga ia fazer? Ia fazer com que ele tivesse...?*

Albino: *Um amigo.*

Educadora cooperante: *A pedra, quando chegou a hora do recreio, estava na mão do menino... e como por magia, obrigou o menino a fazer uns riscos no chão e ele pensou “Ela é maluca.” Mas entretanto todos os meninos da escola vieram ver e não conseguiam perceber o que é que se estava ali a passar. Estavam uns riscos muito estranhos no chão. Oh! Parecia um avião. “É um avião?”,*

começaram a perguntar ao menino. E olhem que aquele menino nunca ninguém tinha falado com ele na escola. E o menino estava a olhar para aquilo também muito espantado. E ouviu a voz da pedra, porque só ele é que ouvia a voz da pedra! “Diz que é o jogo da macaca.” “É o jogo da macaca!”, dizia o menino. “Oh... o jogo da macaca... eu já ouvi falar nisso.” E a pedra dizia-lhe: “Anda, atira-me ali para o primeiro quadrado.” E o menino atirou para o primeiro quadrado e começou a saltar e a jogar à macaca. A pedra: “Acabaste? Agora atira-me para o quadrado a seguir.”

Albino: *E depois os outros meninos começaram a saber como era o jogo da macaca, começaram a gostar do Tiago e depois começaram a ficar todos melhores amigos para sempre.*

Educadora cooperante: *E ficaram felizes a jogar. Porque eles não sabiam jogar, não era?*

António: *E todos os dias conhecia outros amigos.*

Educadora cooperante: *Um dia chegou à escola...*

Albino: *E conheceu o professor da macaca.*

António: *Esse professor ensinou todos os meninos a jogar à macaca.*

Educadora cooperante: *E um dia o Tiago chegou à escola e ficou muito intrigado e muito triste quando chegou e viu que havia uma menina que estava muito sozinha, num cantinho lá na escola... era nova na escola...*

Albino: *E depois o Tiago disse: “O que é que se passa?” A menina disse que ela não sabia jogar à macaca e queria que alguém a ensinasse e o menino ensinou e deu-lhe ao professor da macaca para aprender.*

Educadora cooperante: *Mas a menina não era portuguesa...*

Albino: *Pois, por isso teve primeiro o menino aprender a falar da língua dela que pode ser francês e depois como o Tiago já tinha aprendido a falar francês...*

Educadora cooperante: *Mas a menina que era da França...*

António: *Sabia jogar em francês mas ela gostava de fazer amigos e jogar à macaca em português porque assim ela podia ter amigos...*

Educadora cooperante: *Mas se ela sabia jogar em francês e disse: “Tu ensinas-me português ...”*

António: *“...E eu ensino-te em francês.”*

Educadora cooperante: *Mas em França também se diz macaca?*

António: *Não. La Marelle.*

Educadora cooperante: *Ah, esquecemo-nos de uma coisa! A pedra como é que se chamava?*

António: *Patela!*

Educadora cooperante: *Era uma vez um pedra que se chamava patela. ... E essa menina como é que ficou depois de aprender a jogar à macaca em português...*

Albino: *Muito mais feliz e teve muitos amigos como o Tiago.*

António: *A menina e o menino ficaram muito felizes com...*

Educadora cooperante: *Como se chamava a menina?*

Bruno: *Eu não, só tenho amigos portugueses.*

Educadora estagiária Letícia: *Lucie.*

Educadora cooperante: *Eu conheço uma Véronique, Nicole.*

António: *Lucie!*

Educadora cooperante: *E ela depois... e depois o que é que aconteceu? Estavam muito felizes porque agora...*

António: *... sabiam duas formas de jogar à macaca. A Lucie em português e em francês... e o Tiago em francês e em português.*

Educadora cooperante: *Francês ou em França?*

Educadora estagiária Letícia: *Em França.*

Educadora cooperante: *E quando fizermos os desenhos da história vocês vão desenhar...*

Albino: *Mas cada um de nós desenha uma página.*

Educadora cooperante: *Uns pitam o sol, outros pintam o céu, outros fazem os meninos.*

Albino: *Eu faço aquela parte do menino que estava a pintar o jogo da macaca no chão.*

Educadora cooperante: *Mas temos que fazer de maneira a que as pessoas leiam e percebam o que é. (...) E como é que nós vamos dizer que a da Nigéria a macaca, que é de França, como é que eles vão saber? Desenhamos o quê?*

Albino: *Desenhamos o jogo da macaca diferente.*

Educadora cooperante: *Como é em cada país. Mas para as pessoas saberem que é de Timor o que é que se faz?*

Albino: *Escrevemos Timor.*

Educadora cooperante: *Mas para quem não sabe ler, qual é o símbolo?*

Albino: *Podemos meter a bandeira.*

Educadora cooperante: *E podemos também desenhar o mapa.*

Anexo 3.10

Jogo da macaca na China **Transcrição da vídeogravação**

Dia 02 de maio

Contexto: Jardim-de-infância

Intervenientes: grupo 3, Estagiárias Letícia e Maria Miguel e Orientadora Cooperante (Fátima)

Descrição:

Esta sessão de desenvolvimento do projeto realizou-se no dia 02 de maio de 2017 e nela pretendíamos dar a conhecer às crianças o jogo da macaca na China e posteriormente, experimentarem o jogar essa versão do jogo da macaca.

Desta forma as crianças visualizaram um vídeo onde um colega da Universidade de Aveiro explicava o jogo em mandarim como se pode ver no excerto da transcrição da vídeogravação que se segue:

(Visualização da gravação onde o nosso colega explicava as regras do jogo da macaca.)

Albino: *É igual a nossa.*

António: *Mas ele pisa onde está a pedra.*

Clara: *Ele pisa onde está a patela.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *António, tu disseste uma coisa interessante*

António: *Porque é que ele apanha no sítio da patela?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Ele ou apanha na casa antes, ou na casa a seguir. E também pode pisar a casa onde está a patela. Não repararam noutra coisa diferente da nossa?*

Educadora estagiária Letícia: *Há uma coisa muito diferente da nossa.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos por outra vez e reparem bem nos pés dele.*

Daniel: *Ele apanha por trás.*

Educadora estagiária Letícia: *Ele no fim apanha a patela de costas repararam?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Só faz isto quando fizer a macaca toda, depois apanha a patela de costas e lança para uma casa.*

Educadora estagiária Letícia: *E ganha a casa. Mas nestas aqui ele diz que pode ser de duas maneiras.*

Educadora cooperante: *Ensina a mais esquisita.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *É não sair.*

Educadora estagiária Letícia: *Nós saímos sempre da macaca para descansar certo? Eles não. Se vocês repararem eles estão sempre na macaca com o pé-coxinho.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Eles chegam à casa um e não saem do um, dão a volta, atiram a patela e continuam. Vamos ver como é que ele faz a vinda para cá.*

Matilde: *Mas ele pisa.*

Educadora estagiária Letícia: *Sim, pisa a casa que tem a patela. Mas ele nunca sai da macaca.*

Educadora cooperante: *E quando é que ele perde?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Quando não acerta na casa.*

Educadora estagiária Letícia: *No fim da macaca nós damos primeiro a volta e só depois é que continuamos, aqui não, nós já saltamos para a outra casa.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Reparem na casa 7 e 8 o que ele faz.*

Educadora cooperante: *Vamos ver.*

Bruno: *Ele vira.*

Educadora estagiária Letícia: *Ele vira e salta logo para a outra casa.*

Daniel: *Ele faz assim.*

Educadora estagiária Letícia: *Ela vira mas não fica nas mesmas casas, passa para a seguinte.*

Educadora cooperante: *Ele faz assim vejam.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Já vamos experimentar.*

Educadora cooperante: *E como se diz?*

Educadora estagiária Letícia: *Ele diz que a patela não tem nome, é qualquer coisa que esteja à mão.*

Educadora cooperante: *Vamos experimentar.*

Após a visualização do vídeo e de um breve diálogo sobre a forma como se joga ao jogo da macaca na China, voltámos para a sala e experimentamos jogar esta versão do jogo da macaca, como podemos ler no seguinte excerto:

Educadora cooperante: *Quem é que já consegue jogar? Bruno, vai.*

Educadora estagiária Letícia: *Atira-se a patela como o Bruno fez.*

Educadora cooperante: *Muito bem Bruno, observaste bem.*

Daniel: *Então tinhas que continuar.*

Educadora estagiária Letícia: *Houve duas coisas que ele não fez exatamente como se faz na China. Primeiro ele atirou a patela e saltou logo para a casa número dois e devia ter calcado primeiro onde está a patela. E no fim? Vamos ver outra vez.*

Educadora cooperante: *Não podes sair da macaca*

Educadora estagiária Letícia: *Há duas maneiras, ou vocês saem, que acho que vai ser mais fácil para vocês. Ou então continuam sempre na casa 1.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Olhem como a Letícia vai fazer.*

Educadora cooperante: *Agora vai o Daniel.*

Educadora estagiária Letícia: *Boa, agora ou apanhas ai, antes, ou apanhas depois.*

Educadora cooperante: *Continua, não saiam da macaca.*

António: *Fazes isso super rápido.*

Educadora cooperante: *Faz rápido porque se equilibra muito bem.*

Mais tarde estivemos a dialogar com as crianças sobre o que mais gostaram da forma como se joga ao jogo da macaca da China. Este diálogo foi feito em pequenos grupos para que as respostas das crianças fossem “verdadeiras”, ou seja, não fossem influenciadas pelo que os outros diziam. De seguida, segue-se um excerto desse diálogo.

Educadora estagiária Maria Miguel: *O que mais gostaste neste jogo?*

Elena: *Não sei.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Ou o que é que achaste mais difícil ou mais fácil*

Íris: *Eu sei o que é que eu achei fácil, foi quando estávamos assim fazer só com um pé [pernas abertas e saltar para a casa de trás só com um pé].*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Não achaste mais nada difícil nem de diferente?*

Elena: *Não achei nada difícil.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Porquê? Tu consegues equilibrar-te bem, é mais fácil para ti. E o que é que gostaram mais de aprender neste jogo.*

Com um outro grupo:

Educadora estagiária Maria Miguel: *O que é que acharam mais difícil?*

Daniel: *Apanhar a patela de trás.*

Bruno: *Saltar para trás só com um pé.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então e o que acharam mais de difícil? Qual é a diferença de Timor para a China?*

Bruno: *É que esta tem três.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Tem Três no meio.*

Bruno: *E esta tem dois.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *E qual é a outra diferença?*

Daniel: *A Nigéria.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Pois a da Nigéria é diferente de todas. Olha aqui o céu vai até às pontinhas [China] e aqui não vai [Timor]. E outra coisa com os pés?*

Bruno: *Porque temos de fazer assim [pernas abertas] e depois virar só com um pé.*

Daniel: *E temos de continuar na macaca sempre.*

Bruno: *E também podemos pisar a casa que tem a patela.*

Daniel: *Porque é que este vai até as pontas e este não?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Olha, eu não sei, foi quem inventou este jogo que fez assim.*

E o que é que mais gostaram neste jogo?

Daniel: *Virar no fim só com um pé.*

Bruno: *Gostei mais de virar só com um pé.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então quais são as três coisas diferentes?*

Bruno: *As coisas diferentes são: esta não chega as pontas, depois temos dois pés e temos de virar para a casa de trás só com um pé, podemos pisar a casa que tem a patela e não podemos sair da macaca.*

Já em grande grupo pedimos às crianças para nos dizerem o que é que mais gostaram/menos gostaram de aprender, conforme se pode ler no excerto seguinte:

Educadora estagiária Maria Miguel: *Qual a macaca que gostaste mais?*

António: *A da China e gostei menos da de Portugal.*

Bruno: *Gostei mais da China e gostei menos da França.*

Daniel: *Gostei mais da China e menos da França.*

Mónica: *Gostei mais da França e menos de Portugal.*

Rita: *Gostei mais de Portugal e menos da China.*

Luísa: *Gostei mais da China e menos de Portugal.*

Alexandra: *Gostei mais de Portugal e menos de China.*

Inês: *Gostei mais de Portugal mas também gostei muito de Timor.*

Mateus: *Gostei mais de Portugal.*

Nuno: *Gostei da Venezuela.*

Mateus: *Tu gostaste mais de qual?*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Eu também gostei muita da de Timor.*

Matilde: *Gostei mais de Portugal e menos da China.*

Ana: *Gostei mais da China.*

Elena: *Ainda vou pensar. Gostei de todas.*

Irís: *Gostei de todas.*

Albino: *Gostei mais da China e menos da Venezuela.*

João: *Gostei mais de Portugal e menos de Venezuela.*

Anexo 3.11

Jogo da memória

Transcrição da vídeogravação

Dia 08 de maio

Contexto: Jardim-de-infância

Intervenientes: grupo 3, Estagiárias Letícia e Maria Miguel e Orientadora Cooperante (Fátima)

Descrição:

Esta sessão de desenvolvimento do projeto realizou-se no dia 08 de maio de 2017 e nela pretendíamos que as crianças jogassem ao jogo da memória relativo aos jogos da macaca nos seis países como se pode ver no excerto da transcrição da vídeogravação que se segue:

Educadora estagiária Maria Miguel: *Vamos jogar um jogo que vocês já jogaram mas este vai ser diferente.*

Luísa: *O jogo do silêncio.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então vamos fazer dois jogos, o jogo da memória do silêncio. Este jogo vai ser jogado em equipas.*

Albino: *É o jogo da macaca da memória. Porque isso tem desenhos da macaca.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então esta macaca é de que país?*

Elena: *China*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Portanto eu tenho de fazer par com a China.*

Elena: *As letras da China.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Perceberam? Agora cada equipa tem vários meninos, e cada menino vai jogar e quando esse menino perder o que fazemos?*

Albino: *Passa para a outra equipa.*

Educadora estagiária Maria Miguel: *Então vamos jogar.*

Anexo 3.12

Balanço e avaliação do projeto

Transcrição da vídeogravação

Dia 16 de maio

Contexto: Jardim-de-infância

Intervenientes: grupo 3, Estagiárias Letícia e Maria Miguel e Orientadora Cooperante (Fátima)

Descrição:

Esta sessão de desenvolvimento do projeto realizou-se no dia 16 de maio de 2017 e nela pretendíamos que as crianças fizessem um balanço do projeto, o que tinham gostado mais, se o projeto foi importante para conhecerem várias línguas, como se pode ver no excerto que se segue:

Educadora cooperante: *Nem todos os meninos sabiam jogar à macaca de Portugal ou sabiam?*

Gonçalo: *Eu não.*

Educadora cooperante: *Tu não sabias. Mas tu sabias jogar à macaca de Portugal Luísa, já tinhas visto, sabias as regras? Não.*

Mónica: *Eu sabia jogar.*

Tiago: *Gostei de brincar às macacas porque eu consigo brincar a elas.*

Bruno: *Assim podemos aprender como se joga às outras macacas nos outros países.*

Educadora cooperante: *E isso foi importante para ti? Porquê?*

Bruno: *Conheci um jogo novo.*

Educadora cooperante: *E porque é que achas que é importante conhecer os jogos dos outros países?*

Gonçalo: *Para os amigos que não souberem jogar nos ensinarmos.*

Educadora cooperante: *Mais Albino.*

Albino: *E também podemos ensinar aos nossos pais, os nossos tios que sabemos jogar às macacas de outros países.*

Educadora cooperante: *E porque é que é importante aprendermos a jogar às macacas de outros países?*

Albino: *Porque assim podemos ensinar e assim também quando nós ensinamos a uma pessoa essa pessoa pode ensinar a amigos e depois já sabem jogar.*

Mónica: *Mas também podemos ensinar aos avós, porque se não eles podem pensar que nós aprendemos e eles não aprenderam.*

Educadora cooperante: *Mas para tu ensinares a avó tu podias só ensinar a macaca de Portugal, porque é que vais ensinar a macaca de outros países?*

Mónica: *À minha avó não posso ensinar porque ela está no país da minha tia.*

Educadora cooperante: *Mas porque é que tu achas que podes ensinar as macacas dos outros países?*

Mónica: *Porque é muito importante, porque tem muita piada.*

Albino: *Só tem um bocadinho de piada.*

Educadora cooperante: *Então porque é que só tem um bocadinho de piada?*

Albino: *Porque aquilo é preciso ter concentração no que estamos a fazer e não nos podemos rir se não perdemos a concentração e passa a outro menino.*

Educadora estagiária Letícia: *E ao rir perdemos o equilíbrio e perdemos.*

Educadora cooperante: *Mas se tu estás a fazer um jogo é porque também gostas de te divertir. Tu não te divertes a jogar à macaca?*

Albino: *Sim*

Educadora cooperante: *Mas porque é que nós temos de aprender as macacas de outros países? A Letícia e a Maria Miguel podiam chegar aqui e só nos ensinarem a macaca de Portugal, porque é muito importante para a concentração, para o equilíbrio, para acertar direitinho com a patela na casa certa, seguir os números, esperar pela sua vez, mas porque é que ensinaram de outros países?*

Albino: *Mas por acaso foi uma ideia muito boa.*

Educadora estagiária Letícia: *Porquê?*

Albino: *Porque assim pode haver pessoas que nos perguntem como se joga e nós dizemos que podemos ensinar porque já sabemos.*

Educadora estagiária Letícia: *E o que é que vocês aprenderam com isso?*

Albino: *Que nós não devemos ser mauzinho, devemos ensinar a macaca dos outros países às pessoas que não sabem e também que devemos concentrar em todas as macacas.*

Educadora estagiária Letícia: *E com isso vocês perceberam que não existe só uma forma de jogar à macaca.*

Albino: *Há muitas.*

Educadora cooperante: *Só existem as formas que nós aprendemos?*

Mónica, Albino: *Não, há mais.*

Educadora cooperante: *Vocês acham que há mais em que países?*

Gonçalo: *Itália.*

Educadora cooperante: *Itália por exemplo. Mais...*

António: *Inglaterra.*

Educadora cooperante: *Mas quando vocês aprenderam a jogar a macaca dos outros países o que é que vocês aprenderam dos outros países?*

Daniel: *Os jogos da macaca.*

Educadora cooperante: *O jogo, mais...*

Daniel: *Como se joga os jogos da macaca.*

Educadora cooperante: *Mais...*

Elena: *Como se chama a patela, como se chama o jogo.*

Antônio: *Falar essas línguas para as pessoas perceberem o que nós estamos a dizer e depois conversar connosco.*

Mónica: *Por exemplo, eu também já sei falar...*

Educadora cooperante: *O que aprenderam dos outros países?*

Albino: *Como se chama a patela, o jogo, como se joga, como são as regras.*

Educadora cooperante: *E as pessoas que vieram cá sabiam falar na nossa língua?*

Albino: *Sabiam, mas falaram noutra língua.*

Educadora cooperante: *O pai da Inês falou em que língua?*

Todos: *Francês.*

Educadora cooperante: *E o da menina timorense?*

Albino: *Timorês.*

Daniel: *Tétum.*

Educadora cooperante: *E a da menina nigeriana?*

Todos: *Inglês e yorùbá.*

Educadora cooperante: *Das meninas venezuelanas?*

Todos: *Espanhol*

Educadora cooperante: *E o amigo da Letícia e da Maria Miguel?*

Antônio: *Mandarim.*

Educadora cooperante: *A língua na China é igual à nossa?*

Albino: *Não, é diferente.*

Educadora cooperante: *Ao mesmo tempo que jogávamos à macaca, o que descobrimos?*

Antônio: *Que as pessoas falam outras línguas.*

Educadora cooperante: *Falamos línguas diferentes ou iguais?*

Albino: *Diferentes.*

Educadora cooperante: *Vocês conseguiram aprender alguma coisa?*

Antônio: *Mais ou menos. Quando ele [o amigo da Letícia e da Maria Miguel] falou mas depois ele explicou. É mais fácil falar na nossa língua, por isso é que estamos a aprender. Por exemplo, se chegasse aqui uma pessoa da Venezuela tínhamos de falar espanhol e nós temos que aprender para poder falar.*

Albino: *Percebi o que o pai da menina timorense disse porque a língua oficial [de Timor] é o português. Percebi mais ou menos porque depois ele fez e eu vi. Depois tentei e percebi.*

Educadora cooperante: *Eu percebi o pai da Inês porque aprendi francês. A Letícia percebeu a mãe das meninas venezuelanas porque sabe falar espanhol. A Sara Joana percebeu a mãe da menina nigeriana.*

Daniel: *Estiveram a falar inglês.*

António: *Porque a língua oficial é o inglês.*

Daniel: *É importante saber várias línguas.*

Educadora cooperante: *Porquê?*

António: *Porque vamos a vários países e precisamos de falar para nos entenderem.*

Daniel: *Para sabermos dizer algumas coisas.*

Bruno: *Quando a pessoa de outro país vier cá, assim já podemos falar com ela.*

Mateus: *Aprendemos as línguas para o menino de outra língua falar connosco e assim ele consegue perceber.*

Mónica: *Primeiro ele fica envergonhado porque nós não sabemos a língua deles depois ele percebe que nós sabemos falar e já brinca connosco.*

Anexo 4 – Inquérito por questionário realizado aos pais

Inquérito por questionário

Este questionário destina-se aos pais/familiares das crianças do grupo 3, do Jardim de Infância de Santiago, e insere-se no projeto “Viagem pelo Mundo do jogo da macaca”. Com este questionário pretendemos compreender as perceções dos pais acerca das aprendizagens realizadas pelas crianças.

Agradecemos desde já a vossa colaboração.

Nome do(a) filho(a)/educando(a): _____

Grau de parentesco:

Mãe ☐ Pai ☐ Avó ☐ Avô ☐ Outro: _____

1. Com que frequência o seu filho falava em casa sobre as atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “Viagem pelo Mundo do jogo da macaca”?

Nunca ☐ Raramente ☐ Às vezes ☐ Frequentemente ☐ Sempre ☐

2. Se na questão anterior respondeu às vezes, frequentemente ou sempre, indique quais as atividades que o(a) seu(sua) filho(a) mais falou.

3. Qual o grau de importancia que atribui a este projeto para o desenvolvimento e aprendizagem do(a) seu(sua) filho(a)?

Nada importante ☐ Pouco importante ☐ Sem opinião ☐ Importante ☐ Muito importante ☐

4. Com base nos relatos do(a) seu (sua) filho(a), indique quais as aprendizagens que ele(a) referiu ter realizado relacionado com a diversidade linguística e cultural.

Anexo 5 – Tratamento dos dados do questionário realizado aos pais

Grau de parentesco

Número do questionário	Pai	Mãe	Avó	Avô	Outro
1	X				
2		X			
3		X			
4		X			
5			X		
6			X		
7		X	X		
8		X			
9	X				
10	X				
11		X			
12		X			
13		X			
TOTAL	3	8	3	0	0

1. Com que frequência o seu filho falava em casa sobre as atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “Viajem pelo Mundo do jogo da macaca”?

Número do questionário	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre
1				X	
2				X	
3			X		
4	X				
5			X		
6		X			
7				X	
8		X			
9			X		
10				X	
11				X	
12		X			
13				X	
TOTAL	1	3	3	6	

2. Se na questão anterior respondeu às vezes, frequentemente ou sempre, indique quais as atividades que o(a) seu(sua) filho(a) mais falou.

Número do questionário	Resposta
1	Apresentações aos outros grupos do projeto; ida dos pais à sala falar sobre o jogo da macaca noutros países; desenho de diferentes macacas no exterior
2	Fala das macacas de vários países: portuguesa, timor, França, Venezuela, mas a (...) nunca se lembra dos países
3	Macaca
4	Sem resposta
5	Ela mais falou sobre – Brincar parque infantil; cantar músicas que ela gostava
6	Sem resposta
7	De como se joga e ensina os irmãos a jogar
8	Sem resposta
9	Falava da macaca, penso que será a de Timor, pois até no passeio do prédio ao qual tem quadrados ele saltava para a fazer e queria e tentou me ensinar
10	Jogo da macaca
11	Sem resposta
12	Sem resposta
13	Macaca na China e macaca em Timor
TOTAL	

3. Qual o grau de importância que atribui a este projeto para o desenvolvimento e aprendizagem do(a) seu(sua) filho(a)?

Número do questionário	Nada importante	Pouco importante	Sem opinião	Importante	Muito importante
1					X
2			X		
3			X		
4			X		
5		X			
6				X	
7				X	
8					X
9					X
10				X	
11				X	
12					
13				X	
TOTAL		1	3	5	3

4. Com base nos relatos do(a) seu(sua) filho(a), indique quais as aprendizagens que ele(a) referiu ter realizado relacionado com a diversidade linguística e cultural.

Número do questionário	Resposta
1	Apresentador e explicador do processo da macaca na Nigéria; Conhecimento do jogo da macaca noutros países e como se diz, o mesmo, noutras línguas; ficar a saber que o jogo da macaca é um ponto em comum com as crianças de todo o mundo; importância de um jogo que foi prevalecendo ao longo de gerações
2	Aprendeu que existem outras [línguas e culturas], descobrir culturas em que gosta de fazer de ver; faz perguntas sobre essas questões
3	Nome da macaca em várias línguas
4	Não respondeu
5	Ela mais falou sobre – Brincar parque infantil; cantar músicas que ela gostava
6	Músicas e jogos
7	Visita ao museu do brincar e as personagens que interpretou
8	O (...) referiu que o jogo da macaca existe em várias partes do mundo e que em cada local tem uma denominação própria. O (...) disse que aprendeu a dizer “jogo da macaca” em várias línguas
9	Ele não falou muito, mas apercebi-me que em termos de se expressar está muito desenvolvido, eu pergunto-lhe sobre o que ele faz na escola só que ele esquece rápido, se não for algo que ele tenha gostado muito mesmo muito, mas este tipo de projeto é muito importante para o desenvolvimento deles.
10	A (...) apenas joga à macaca, mas senti mais destreza física
11	Pronunciava as palavras associadas ao jogo nas diferentes línguas
12	Explicou algumas das diferentes formas de jogar a macaca aprendidas, bem como algumas palavras das diferentes línguas.
13	Aprendeu alguns nomes de países e algumas palavras novas em outras línguas
TOTAL	